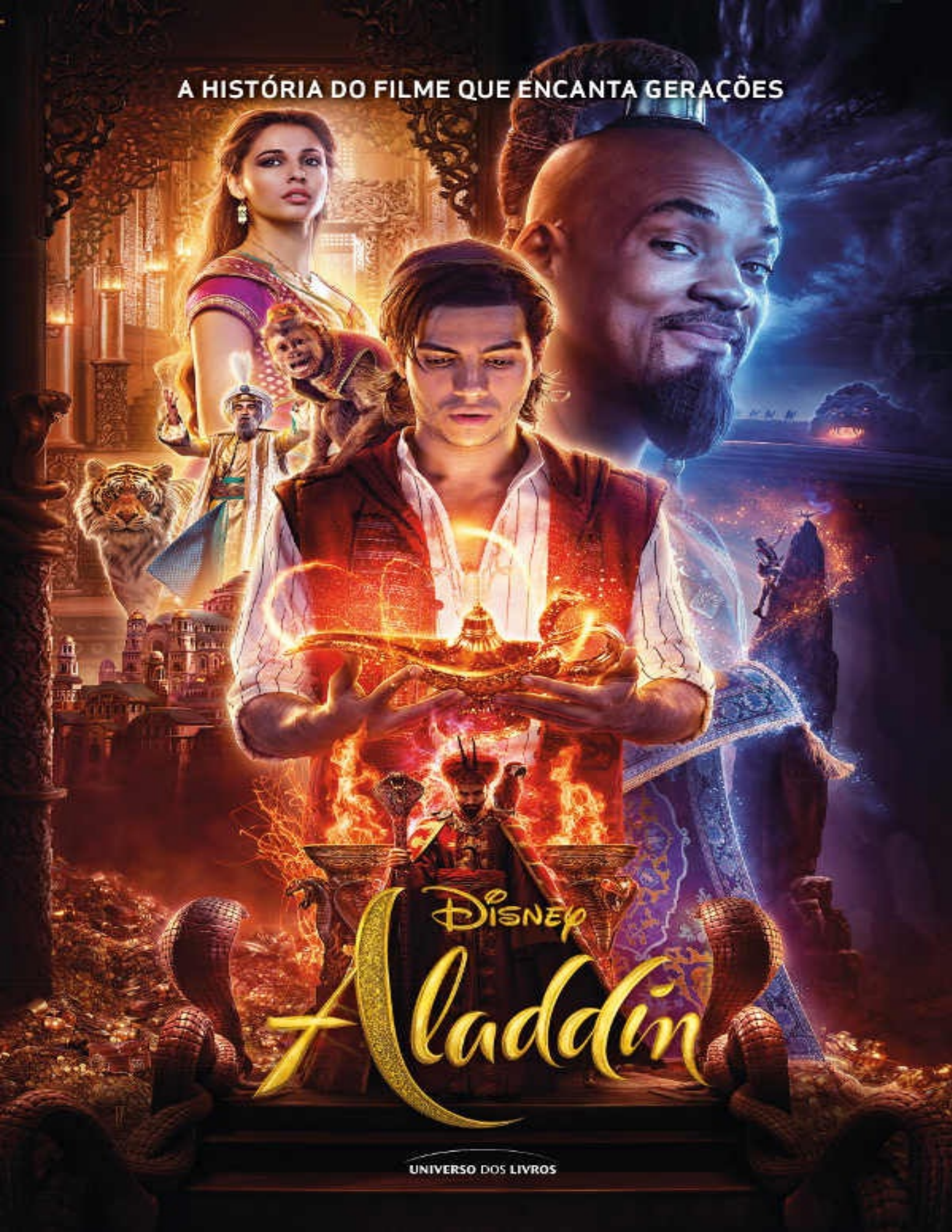


A HISTÓRIA DO FILME QUE ENCANTA GERAÇÕES



Disney
Aladdin

UNIVERSO DOS LIVROS





Adaptado por Elizabeth Rudnick
Roteiro de John August e Guy Ritchie
Baseado no filme *Aladdin*, da Disney

São Paulo
2019



Título original: *Aladdin* [Adaptação baseada no filme *Aladdin*, da Disney]
1. Literatura infantojuvenil 2. Magia - Literatura infantojuvenil I. Título II.
Valpassos, Jacqueline III. August, John IV. Ritchie, Guy 19-0639 CDD 028.5

Universo dos Livros Editora Ltda.
Rua do Bosque, 1589 – Bloco 2 – Conj. 603/606
CEP 01136-001 – Barra Funda – São Paulo/SP
Telefone/Fax: (11) 3392-3336
www.universodoslivros.com.br
e-mail: editor@universodoslivros.com.br
Siga-nos no Twitter: [@univdoslivros](https://twitter.com/univdoslivros)

Prólogo



O marinheiro olhou para o mar sem fim diante de si. Se apertasse os olhos e inclinasse a cabeça, quase poderia imaginar que as ondas eram dunas de areia, subindo e descendo no calor do sol. O grasnado das gaivotas pairando acima da solitária vela que impulsionava seu barco poderia ser, se ele escutasse com bastante atenção, o blaterar dos camelos a caminho do mercado. O sol, no entanto, era o mesmo – fosse na terra, fosse no mar.

O marinheiro suspirou. Ele amava a imensidão e a liberdade do mar aberto. Adorava acordar em seu tempo de folga e fazer o que quisesse naquele dia, sem ter de responder a quem quer que fosse além de si mesmo e sua família. Mas, às vezes, ele sentia falta de seu lar nas areias do deserto.

Ao ouvir um grito animado, o homem sorriu, a expressão alumando seu belo rosto. A ligeira saudade desapareceu e ele pareceu se iluminar por dentro. Virando-se, olhou para o motivo de sua felicidade: seus dois filhos, Lindy e Barro, que haviam subido até o convés e estavam debruçados sobre a amurada.

– Uau – disse Lindy.

– Uau – repetiu o irmão mais novo.

Seguindo seus olhares, o marinheiro olhou por cima da amurada de seu modesto barco e viu, ao longe, uma embarcação nada modesta que vinha na direção deles. Era enorme, com muitos mastros ostentando velas coloridas. Enquanto as laterais do barco do marinheiro estavam descascadas e precisavam de uma camada de tinta, as laterais do outro navio resplandeciam, como se tivessem sido pintadas naquela manhã mesmo. Os tripulantes dedicados a operar o convés vestiam roupas impecáveis e, apertando os olhos, o marinheiro podia distinguir elaboradas decorações cobrindo os mastros e as balaustradas.

– Eu queria que o nosso fosse assim tão chique – disse Barro com um suspiro.

O marinheiro voltou-se para seus filhos e ergueu uma sobrancelha.

– Por quê? Por que ele parece melhor? – Ele esperou por uma resposta. Sem receber retorno além de um encolher os ombros, continuou: – Este barco nos conduziu através de muitas tempestades. Pode não parecer muito, mas tem algo que o deles nunca terá...

– Apodrecimento de madeira e ratos? – Barro perguntou, provocando seu pai.

O marinheiro lançou um olhar ao filho.

– Vire-se, feche os olhos. Agora sinta como nosso barco pulsa com o ritmo do grande desconhecido. Esse é o coração dele. Entenda que o verdadeiro valor está no interior. – Ele fez uma pausa, observando enquanto seus dois lindos filhos ouviam suas palavras. Aos nove e seis anos de idade, eles ainda eram muito jovens. Mais do que tudo, ele queria que preservassem essa

inocência. – Agora, qual barco vocês prefeririam ter? – por fim perguntou, depois de ter-lhes dado tempo para pensar.

As crianças arregalaram os olhos e se entreolharam. Então, em uníssono, responderam:

– O deles.

O marinheiro suspirou quando as crianças começaram a rir. Aparentemente, seu ensinamento não havia sido aprendido. Ele precisava de uma nova abordagem. Alguma forma de fazer seus filhos perceberem sua sorte por terem as ondas como quintal e o barco como sala de aula. Como tinham sorte de viver cada dia com grandes possibilidades e aventuras. O marinheiro estreitou os olhos. Como poderia fazê-los enxergar o que ele queria que enxergassem?

Então, um sorriso começou a repuxar seus lábios. O que ele precisava era de uma história. E ele conhecia uma muito boa.

– Acho que está na hora de eu contar a vocês a história de Aladdin, a princesa e a lâmpada.

Lindy fez uma careta.

– O que tem de tão especial em uma *lâmpada*? – ela questionou.

– É uma lâmpada mágica...

As crianças trocaram um olhar cético, mas, depois, deram de ombros.

– Estamos ouvindo – disse Barro.

– Bem, escutem com atenção. Porque as aparências enganam. Especialmente em um lugar como... Agrabah!

Capítulo

Um



O sol se ergueu lentamente, sua luz se esgueirando pelo horizonte e pelas dunas de areia até que enfim tocou as grandes muralhas da cidade de Agrabah e o radiante mar azul mais além. Inundada pela luz da manhã, a cidade parecia cintilar em ouro, seus fabulosos bazares e ruas ganhando vida. Os aromas de cardamomo e outras especiarias exóticas preenchiam o ar, conferindo à região um rico perfume todo próprio. Lá no cais, navios atracavam, seus cascos cheios de tesouros dos confins do mundo. Os capitães gritavam ordens aos marinheiros enquanto preparavam os barcos para zarpar, levando consigo todas as riquezas que Agrabah tinha a oferecer. No alto, as aves marinhas circulavam, seus guinchos tão constantes quanto as ondas quebrando na praia.

No mercado, os vendedores abriam suas barracas, enchendo caixas com frutas e vegetais reluzentes, sedas, cetins e outros tesouros exóticos que negociariam e venderiam quando o mercado abrisse. Músicos carregando instrumentos tomavam seus lugares por todo o mercado, à sombra do grande palácio que pairava sobre a cidade inteira. Logo eles preencheriam as ruas com sons agradáveis e, quando o dia se transformasse em noite, trariam os cidadãos para se perderem nas danças e transe da noite das Arábias. Era um lugar mágico, onde tudo parecia possível e as ruas estavam repletas de aventura.

Mas não era um lugar fácil para ganhar a vida. Não para aqueles que chamavam as ruas de lar. Se por um lado o palácio de Agrabah refletia as riquezas da região, as ruas refletiam sua realidade. Para sobreviver, você tinha de ser rápido – tanto com os pés quanto com a inteligência.

Aladdin olhou para o mercado. O movimento estava crescendo rápido, à medida que criados, mercadores e moradores da cidade começavam a cuidar de seus negócios diários, pechinchando preços, procurando pelas frutas mais frescas ou por uma seda especial. Meia dúzia de línguas diferentes permeavam o ar, criando uma sinfonia que era estranhamente reconfortante. Aladdin conhecia os sons, as pessoas e o alvoroço do mercado como a palma da sua mão. Agrabah fora seu lar todos os dias de seus vinte anos de idade. Tendo nascido um pivete, permanecera um pivete; os corredores, as barracas e as vielas foram seu quintal, sua escola. O mercado era onde tinha aperfeiçoado suas habilidades de “pegar emprestado” o que precisava, quando precisava. Ele sabia que a maioria daqueles que viviam como ele tinha perdido a esperança havia muito tempo. Eles estavam resignados com uma vida baseada na mera sobrevivência. Mas Aladdin não.

Ao levantar os olhos para o palácio mais além, sentiu a mesma emoção familiar que sentia toda vez que contemplava as torres e tinha um pequeno vislumbre dos exuberantes jardins internos. Ele sabia – ou melhor, acreditava – que havia mais coisas na vida. Ele seria alguém – mesmo que isso significasse ser apenas o melhor pivete de Agrabah.

Balançando a cabeça, Aladdin começou a perambular pelo mercado. Agora não era hora de se perder em devaneios. Ele tinha problemas mais prementes e reais – encontrar o café da manhã, por exemplo. Como o ronco de seu estômago o lembrava agora, havia se passado um dia inteiro desde que comera alguma coisa e ele estava com vontade de algo doce. Uma romã, ou talvez um pão doce condimentado da barraca de Saja. Ela sempre fazia os melhores doces. Só de pensar nisso, ficara com água na boca. Caminhando naquela direção, ele continuou planejando seu dia. Se tinha uma coisa que era necessária para ele levar a vida do jeito que queria era ter um plano – e um plano B para esse plano. Naquela manhã, ele se dirigiria às docas a fim de ver que mercadorias novas haviam chegado a Agrabah com a maré da alvorada. Elas acabariam no mercado no dia seguinte, e qualquer pivete que se prezasse tinha em mente que era melhor saber o que procurar – antes que alguém mais pusesse as mãos.

Em seu ombro, seu melhor amigo, um macaco chamado Abu, guinchava. Assentindo distraidamente em resposta quando o macaco soltou uma sequência estridente de barulhos, Aladdin quase esbarrou em uma mulher. Assustado, ele deu um passo para trás. Mas então um grande sorriso tomou seu rosto quando ele reparou na brilhante – e claramente muito cara – joia em seu pescoço.

– Qual é o nome do seu macaco? – perguntou a mulher.

– Abu – disse Aladdin. Em resposta, Abu apontou para o pequeno barrete turco que usava na cabeça e pulou apressadamente do ombro de Aladdin para o braço da mulher.

A mulher soltou uma risada de satisfação.

– Ele é um macaco adorável – disse ela, arrulhando para Abu enquanto ele se enrodilhava nos ombros dela.

Aladdin lançou um olhar para o macaco. Abu assentiu e continuou a fazer suas macaquices cada vez mais rápido. Então, voltando sua atenção para a mulher, Aladdin apontou com o queixo para o seu pescoço.

– E esse é um adorável colar – enfatizou.

Levando a mão até a garganta, a mulher tocou a joia brilhante pendurada pela grossa corrente em volta do pescoço. Os olhos de Aladdin seguiram seus dedos, mas seus ouvidos ficaram atentos aos ruídos ao seu redor. Ele vivia nas ruas tempo o bastante para saber quando estava sendo enganado. E mulheres belas e sedutoras não se aproximavam de jovens pivetes sem alguma intenção – e geralmente não era uma boa intenção. Como era de se esperar, ele ouviu um farfalhar e então sentiu um discreto puxão na bolsa que carregava por cima do ombro.

Rápido como uma piscadela, Aladdin estendeu a mão por cima do ombro, agarrando uma mão fina e macia bem quando ela estava prestes a alcançar sua bolsa. Puxando a mão para a frente, viu-se cara a cara com outra jovem, obviamente a cúmplice. Ele conhecia esse número. Distraía e surrupie.

– Olá – saudou ele, lançando um de seus mais charmosos sorrisos, que iluminou o seu rosto e o deixou ainda mais bonito. – Acho que isso pertence a mim. Você devia ter tentado o bolso, mas teve de ir atrás da bolsa. Ganância... Ela vai fazer você ser pega toda vez.

A mulher que inicialmente captara a atenção de Aladdin deu de ombros.

– Não tinha nada mesmo que valesse a pena roubar – disse. Virando-se, as duas se retiraram,

esgueirando-se por entre a multidão do mercado. Aladdin podia ouvi-las resmungar e sabia que já estavam procurando pelo próximo alvo.

Afinal de contas, era o que ele estaria fazendo.

Com rapidez, Aladdin subiu pela parede áspera de um prédio próximo, saltou para o telhado e esperou que Abu se juntasse a ele.

– Como nos saímos? – perguntou ao macaco.

Em resposta, Abu correu para o ombro de Aladdin e estendeu sua mãozinha. Dentro dela estava o colar que a mulher usava.

– Bom macaquinho – elogiou-o Aladdin, satisfeito. Ele sabia que aparentava ser presa fácil para um golpe. Era tudo menos isso. Levantando o colar para que refletisse o sol e brilhasse intensamente, Aladdin sorriu ainda mais. E agora ele era um pivete que estava muito mais rico.

Capítulo

Dois



Dália estava em pé, com os braços cruzados, esperando. Do outro lado das elaboradas portas dos aposentos de sua senhora, ela podia ouvir os passos pesados dos guardas do palácio se aproximando. Também podia ouvir os protestos de Jasmine enquanto a princesa tentava escapar de sua situação atual por meio do diálogo.

Um instante depois, as portas se abriram, revelando Jasmine. A princesa tentou conservar certa dignidade enquanto lhe indicavam sem a menor cerimônia que entrasse, e as portas se fecharam atrás dela. Dália tentou não sorrir.

– Até onde você chegou dessa vez? – perguntou Dália.

Jasmine ergueu uma sobrancelha perfeitamente arqueada.

– Pensei ter localizado um portão desguarnecido – disse. Ela começou a andar de um lado ao outro em seus aposentos. Mais biblioteca do que quarto, as paredes estavam cobertas de mapas, e livros abarrotavam as estantes e se empilhavam sobre as mesas e cadeiras. Cortinas grossas e exuberantes emolduravam janelas altas que davam para a cidade – a *sua* cidade – abaixo.

Dália seguiu Jasmine, seu tom de voz se abrandando. Ela sabia quão desesperadamente Jasmine ansiava ver mais do que os muros do palácio. Mas Dália também sabia o que a própria Jasmine sabia lá no fundo – que era a princesa de Agrabah. E, como tal, seu lugar parecia ser *atrás* dos muros.

– Não se preocupe, um dia você vai escapar – disse ela, tentando soar positiva.

Jasmine soltou um suspiro.

– Como posso governar um povo que sequer conheço? – questionou ela. Andando em direção a uma janela, olhou para o pátio. As árvores mais próximas da janela haviam sido podadas para que Jasmine não tentasse descer por elas (de novo). Um guarda permanecia em posição de sentido no jardim lá embaixo, e as janelas mais próximas do chão haviam sido trancadas. Tudo isso era consequência das suas tentativas frequentes de escapulir.

– Ninguém está pedindo a você que faça isso – observou Dália. – Tudo o que precisa fazer é acordar de manhã, agir como uma princesa e esperar pela morte.

– Por mais atraente que isso pareça – Jasmine respondeu, levantando uma sobrancelha para a infeliz tentativa da amiga de fazer uma piada –, eu quero mais. Quero estar com o povo de Agrabah. – Ela terminou de caminhar até a janela e sentou-se no banco espaçoso que havia ali. Raja, seu amado tigre, aproximou-se sem fazer barulho e deitou a cabeçorra no colo de Jasmine. Distraída, ela começou a acariciar a bela cabeça da criatura. Tinha o tigre desde que Raja era um

filhotinho. O tamanho colossal do animal, as enormes patas e os dentes afiados passavam praticamente despercebidos para Jasmine. Tudo o que ela via era um amigo e um companheiro, uma constante na vida do palácio ao seu redor. A outra constante? Seu desejo de ir além dos muros do palácio.

Seu mundo era limitado – seus aposentos luxuosos, o jardim com plantas e animais postos ali para transmitir a sensação de que os arredores eram naturais. Mas, assim como a felicidade dela em seu lar, tudo era fachada. O jardim não passava de um fingimento e, na maior parte do tempo, Jasmine sentia que ela também estava fingindo. Fingindo amar sua vida, fingindo se preocupar com suas ridículas tarefas diárias. Ela suspirou. Não. Não estava feliz em passar seus dias lendo sobre outras pessoas, que viviam suas vidas ao máximo, sultões arriscando tudo por seu povo. Queria ela própria viver essas coisas, *fazendo-as* ela mesma.

– Conte-me mais uma vez sobre o mercado – ela disse afinal, olhando para a sua criada.

Dália sorriu gentilmente. Amava Jasmine como a uma irmã. E elas eram, em muitos aspectos, tão próximas quanto irmãs. Dália fazia parte da vida de Jasmine desde que a princesa se conhecia por gente. E, como tal, havia momentos, embora Jasmine fosse a princesa e Dália a criada, em que Dália desejava poder ignorar os pedidos de Jasmine. Especialmente quando se tratava do mesmo pedido que ouvira inúmeras vezes antes.

– Lembra-se daquela vez que você queria ver onde eu moro? – Dália disse. Jasmine assentiu. – Então, quando você viu, você gritou, e depois ficou triste? – continuou.

Jasmine franziu a testa e balançou a cabeça. *Não foi* assim que aconteceu. Não exatamente, pelo menos. *Pode ser* que tivessem rolado algumas lágrimas, mas ela tinha certeza de que era só porque ela dera uma topada com o dedão do pé, não porque ver onde Dália vivia a deixara triste.

Ignorando o olhar da princesa, Dália prosseguiu.

– O mercado é exatamente assim – afirmou. – Por que você ia querer ir até lá?

Levantando-se, Jasmine começou a caminhar pelos seus aposentos, os dedos roçando a miríade de mapas que cobria as paredes. Alguns eram antigos, com as bordas desgastadas e a escrita desbotada. Outros eram mais novos, demarcando territórios reivindicados por Agrabah durante os vinte anos de Jasmine. Antigos ou novos, Jasmine amava todos eles. Mas os mapas não eram mais suficientes. Ela queria ser mais do que apenas uma observadora de seu país e de seu povo. Só precisava convencer seu pai.

– Conheço esses mapas melhor do que conheço minha própria cidade – ela disse baixinho. – Ajude-me a fugir, Dália. Se eu puder provar a Baba que tenho o conhecimento e a experiência para governar, ele pode mudar de ideia. E nunca vou aprender nada disso presa em um palácio. – Suas palavras ecoavam pelo cômodo e Jasmine podia ouvir o desespero em sua própria voz.

Dália sacudiu a cabeça.

– Se você for pega, vou ser jogada na masmorra.

– Sabe que eu jamais deixaria algo acontecer a você – afirmou Jasmine.

– A masmorra – repetiu Dália. – É o que aconteceria comigo.

Era hora de mudar de tática. Andando até ela, Jasmine tomou as mãos de sua criada nas suas e encarou-a com a expressão mais triste que conseguiu produzir. No fundo, Dália tinha coração mole. Jasmine só precisava tocar o lugar certo.

– Qualquer hora vou acabar casada com um príncipe rechonchudo e talvez nunca mais tenha essa chance – prosseguiu a princesa. A ideia de ser acorrentada a alguém que não amasse de fato fez o coração de Jasmine doer e seus olhos lacrimejarem. – Por favor, Dália?

Dália suspirou. Então, lentamente, começou a assentir.

– Odeio ser fraca e persuadida a fazer qualquer coisa, sem conseguir dizer não – disse, tentando não sorrir.

Mas Jasmine não estava escutando. A princesa tinha soltado um gritinho animado e estava batendo palmas, toda contente. Então, atirou os braços ao redor de sua melhor amiga.

– Desejaria não amar você – soltou Dália.

Jasmine apenas a apertou com mais força ainda. Desejos não eram reais. Mas sair para ver o mercado? Isso estava enfim acontecendo *de verdade*.



Jasmine nervosamente puxou a bainha de seu manto, desejando não ter sido tão rápida em dispensar a oferta de Dália a respeito de acompanhá-la. Teria sido reconfortante saber para onde estava indo. Mas, ao mergulhar nas entranhas do mercado, logo se esqueceu do nervosismo, encantando-se cada vez mais com a infinidade de novos cheiros, sons e visões. Tinha lido muito sobre sua própria cidade e agora ela estava ganhando vida diante de seus olhos. Queria gritar de empolgação, mas logo pensou melhor.

Tudo parecia mais brilhante, Jasmine pensou enquanto caminhava pelas barracas. O palácio era bonito e opulento, mas sem vida. As janelas filtravam toda a força do sol, e as paredes espessas destinadas a impedir o calor do dia também bloqueavam os cheiros. Aqui, nada era amortecido. Ela caminhou por entre as barracas, seus olhos arregalados ao contemplar berinjelas-roxas e bananas amarelas, melões verdes e reluzentes laranjas enfileiradas para atrair os transeuntes. Outras barracas estavam repletas de especiarias do mundo todo, com aromas pungentes e desconhecidos. Erguendo a mão, Jasmine correu o dedo por uma fileira de tapetes. Sorriu enquanto seus olhos percorriam um intrincado padrão no tecido vermelho e amarelo, o listrado azul ao longo da peça lembrando-a da própria Agrabah e sua proximidade com o mar. Não era de admirar que os visitantes de Agrabah ficassem instantaneamente encantados. Ela vivera lá sua vida toda e ainda assim sentia como se visse a cidade iridescente pela primeira vez.

Ao avistar uma peça particularmente bonita de cerâmica, Jasmine se dirigiu para o outro lado do mercado. Soltou um grito de surpresa quando quase tropeçou em uma criança agachada no chão, catando migalhas de pão que tinham caído de um carrinho. Seus olhos encheram-se de lágrimas ao perceber as costelas protuberantes do menino e o modo frenético como ele enfiava farelos de comida na boca, como se não comesse há dias.

Estava tão compenetrada nele que não se deu conta do belo homem ali perto, fazendo malabarismos com maçãs e provocando o vendedor de frutas. Tampouco se incomodou em notar que o vendedor, ignorando o homem que fazia os malabarismos, observava-a atento. Oculta sob o manto do uniforme emprestado da criada, só tinha olhos para o menino e para a menina que se juntara a ele, também fazendo uma refeição de migalhas.

Esticando o braço, Jasmine puxou dois pães da barraca mais próxima e os entregou às crianças.

– Tomem... – ofereceu.

As crianças não hesitaram. Agarrando os pães, elas os enfiaram debaixo do braço e saíram correndo. De repente, veio um grito da barraca ao lado. Olhando naquela direção, Jasmine viu que o dono a encarava com raiva. Seus punhos estavam cerrados.

– Você furtou do meu irmão! – ele vociferou.

Jasmine engoliu em seco. Isso era exatamente o que Dália lhe dissera que *não* fizesse. “Não

chame atenção para si, princesa”, alertara enquanto tentava responder às intermináveis perguntas de Jasmine sobre o que esperar além dos portões. A paixão de Jasmine por aprender estendia-se além de meros mapas. Descobrir o máximo possível sobre sua cidade antes de se aventurar por ela era natural – mesmo que isso enlouquecesse um pouco Dália. “Mantenha sua cabeça abaixada. Olhe para tudo o que quiser, mas não toque. A última coisa que quer é alguém reparando em você.”

Infelizmente, alguém sem dúvida estava reparando nela agora.

Levantando as mãos, Jasmine tentou aplacar o vendedor.

– Furtar, não, senhor – ela começou a explicar. – Não conheço o seu irmão... – Foi interrompida quando o homem a agarrou pelo braço e empurrou a longa manga de seu manto. O ouro do bracelete que ela se esquecera de tirar reluziu ao sol.

– Pare! – ela gritou com o máximo de autoridade que conseguiu reunir, lutando contra a pegada firme do homem. Seu coração batia forte contra o peito. Se ele tirasse seu manto, poderia perceber quem ela realmente era. E, se isso acontecesse, seu pai descobriria e ela não teria outra chance de ver tudo o que estava além dos muros do palácio.

– Pega leve, Jamal, isso não é maneira de tratar uma dama.

A voz gentil assustou Jasmine e ela se virou, desvencilhan-do-se da mão do homem. Um jovem estava ali, seus olhos castanho-escuros curiosos e calmos, apesar da raiva que irradiava de Jamal. Atrás dele, Jasmine podia ver vários membros da guarda da cidade abrindo caminho através da crescente aglomeração de pessoas.

– Deixe a sua fuça de pivete fora disso! – Jamal gritou. Era óbvio que os dois se conheciam.

Enquanto Jasmine observava, um macaquinho escalou o braço do jovem e se preparou para atacar Jamal. Mas o jovem puxou o rabo do macaco, balançando a cabeça em repreensão. Então, ele se virou e olhou diretamente para Jasmine. Por uma fração de segundo, ela se esqueceu de respirar. Havia algo em seus olhos, uma doçura e um ar de mistério – e determinação. Ele era um homem jovem, mas seus olhos carregavam a sabedoria da experiência.

Mais perto dela, baixou a cabeça e sussurrou em seu ouvido:

– Você tem algum dinheiro? – Quando ela balançou a cabeça negativamente, as sobrancelhas dele franziram. – Ok – ele disse afinal. – Você confia em mim?

Jasmine olhou para cima, surpresa. Confiar nele? Ela acabara de o conhecer. No entanto, não havia muita escolha. Se não aceitasse a ajuda dele, era provável que perdesse o bracelete – ou, pior, seria descoberta e eventualmente receberia mais limitações do que já tinha. Ela assentiu.

Ainda olhando-a nos olhos, o jovem estendeu a mão e retirou o bracelete do pulso dela. Virando-se, ele o ofereceu a Jamal. O homem pegou o objeto e depois o levou à boca, mordendo o ouro para se certificar de que era verdadeiro.

– É o que você queria, certo? – perguntou o jovem. Jamal assentiu. – Ótimo. E uma maçã pelo inconveniente? – O jovem entregou-lhe uma maçã. Depois de a transação ser completada, o jovem segurou Jasmine pelo braço e pôs-se a conduzi-la para longe da barraca. Mas não sem antes recuperar o bracelete, que Jamal tinha guardado há apenas alguns instantes, e substituí-lo por uma das maçãs com as quais fazia malabarismos. Quando eles estavam a poucos passos de distância, o jovem se inclinou e sussurrou para Jasmine tão baixo que ela quase não conseguiu ouvir:

– Prepare-se para correr.

Correr? Os olhos de Jasmine se arregalaram e mais uma vez seu coração começou a disparar. “Ele estava falando sério?”.

Bem nesse momento, Jamal, percebendo o que de fato acabara de acontecer, soltou um grito de raiva. De imediato, os guardas, que haviam diminuído o passo quando parecia que as coisas tinham se resolvido de modo pacífico, começaram a correr.

– Vá para o beco! – o jovem gritou enquanto Jasmine olhava freneticamente dos guardas para ele e vice-versa. – O macaco conhece o caminho. – A pequena criatura peluda pulou do ombro dele para o dela. Então, o jovem rapidamente subiu em uma mesa no mercado, levantou as mãos e começou a agitá-las. A joia tirada de Jamal cintilava sem parar sob a luz do sol.

Jasmine permaneceu ali, plantada no chão poeirento, até que o jovem lhe orientou mais uma vez a correr. Não foi preciso que lhe dissesse de novo. Saiu correndo, ouvindo os passos altos e acelerados dos guardas atrás de si.

Infelizmente, se por um lado era capaz de correr, por outro não sabia com exatidão *para onde* estava correndo, e agora o macaquinho tinha sumido. O homem não lhe dissera nada além de “vá para o beco”, só que o beco em questão tinha vias muito tortuosas. Arriscando um palpite, ela virou à direita, depois à esquerda e então, finalmente, o beco virou uma reta. Depois de ouvir uma série de exclamações – “Ai!”, “Cuidado!” –, ela não ficou surpresa quando, pouco depois, o jovem – com o macaco – dobrou a esquina e apareceu na sua frente. Ele parou subitamente e, por um longo momento, apenas olhou para ela. Então, pegando sua mão, ele a puxou de volta pelo beco, rumo ao caminho de onde tinham vindo.

Capítulo Três



Enquanto Aladdin corria pelas ruas, ergueu um punho triunfante no ar. Essa tinha sido por pouco – ou pelo menos mais arriscada do que ele se atreveria a tentar. Mas ele geralmente agia sozinho durante um golpe. No máximo, tinha Abu, e Abu era quase uma extensão dele mesmo. Nunca antes tivera de enganar Jamal com uma estranha criada a tiracolo. Bem, não apenas a tiracolo; estava mais para um empecilho. Contudo, ele conseguira mesmo assim. Seu sorriso se alargou quando pensou na expressão de incredulidade de Jamal ao ver que o bracelete havia sumido.

As passadas de Aladdin foram diminuindo de velocidade conforme ele virou no beco e viu a criada à sua espera. Ele não estava pensando quando se colocou entre ela e Jamal. Tinha meio que apenas... acontecido. Embora não tivesse visto claramente o rosto da garota escondido sob o manto, viu suas mãos tremerem diante do som da voz irritada de Jamal e sentiu-se na obrigação de ajudar. Era evidente que ela não estava acostumada com o mercado ou com as crianças cujo trabalho era mendigar migalhas das barracas. Mas, apesar disso, permaneceu controlada durante a coisa toda, as costas eretas, a cabeça erguida. E em nenhum momento tentou dedurar as crianças. Ela os deixara partir com o pão, mesmo à custa de seu bracelete. Era raro alguém ser gentil com as crianças que faziam das ruas seus lares, e uma parte de Aladdin se perguntava como teria sido se alguém tivesse feito isso por ele. Pareceu-lhe errado dar as costas à garota – além disso, ele gostava de uma boa perseguição. Isso o mantinha em forma.

O manto escorregou da cabeça da garota, revelando seu rosto.

E Aladdin quase parou de respirar.

A criada era de longe a mulher mais linda que já vira. Seus cabelos longos e escuros derramavam-se pelos ombros e costas em ondas grossas. Seus olhos eram de um castanho intenso, e sua pele parecia brilhar de dentro.

Desviando sua atenção da visão diante dele, Aladdin ouviu os guardas se aproximando. Eles tinham de sair dali. Estendendo o braço, ele agarrou a mão dela e começou a caminhar com rapidez pelo beco.

– Eu não estava furtando, só para esclarecer – disse a garota, um pouco sem fôlego. – Aquelas crianças estavam com fome e ele tinha pão, então eu simplesmente...

– Isso se chama furto – Aladdin ressaltou, interrompendo-a. – E, se eles a apanharem, você vai passar as próximas três semanas no tronco! – Quando eles irromperam do beco e saíram em uma das muitas praças menores que salpicavam Agrabah, Aladdin acenou em direção a um homem cuja cabeça e cujos braços estavam presos entre duas pranchas de madeira rústica. – Como está

indo aí, Omar?

A jovem ficou pálida ao ver Omar. Aladdin ficou genuinamente surpreso. Ela parecia muito protegida das duras realidades da vida nas ruas de Agrabah. E o bracelete? Que serva estaria usando uma peça tão cara – em especial no mercado? Algo não estava batendo, mas ele não conseguia dizer com precisão o que era. Por enquanto, pelo menos. Como se estivesse ciente dos pensamentos dele, a garota perguntou:

– Estamos muito enrascados? – A ingenuidade de sua pergunta fez as suspeitas de Aladdin aumentarem.

– Você só está enrascada se for apanhada! – Aladdin respondeu com ironia. Então, enquanto os gritos dos guardas ecoavam atrás deles, e antes que a garota pudesse murmurar uma palavra de protesto, Aladdin agarrou a mão dela e começou a correr.

Ele tinha estado um passo à frente dos guardas sua vida toda. Era o que ele tinha de fazer. Assim como as crianças para as quais a garota dera pão, ele ficara em filas, esperando por doações. Ele furtara, não porque gostasse, mas porque não podia se dar ao luxo de *não* furtar. Sabia que a lógica era complicada e que as pessoas argumentariam que havia outras maneiras de ganhar a vida em Agrabah, mas ele não se importava – geralmente. Sempre parecia fazer dar certo. Outros, infelizmente, não tinham tanta sorte e, embora tentasse compartilhar seus ganhos com aqueles que necessitavam, desejava poder fazer mais para ajudar.

Como aquela criada havia feito com as crianças e o pão.

Ao subir apressado um lance de escadas, depois descendo outro, Aladdin deteve-se diante da abertura de um túnel que usara como via de fuga no passado. Olhou com agilidade para trás. A criada fazia o possível para acompanhar, mas ainda estava com dificuldades. Um túnel longo e escuro provavelmente apenas os atrasaria. E a regra número um ao correr era *jamaís* diminuir a velocidade. Na verdade, essa também era a regra número dois e a número três. Pensando rápido, Aladdin bateu em uma porta enquanto passavam correndo por ela. Pouco depois, alguém a abriu. Houve um forte estrondo seguido por uma série de resmungos, já que os guardas se chocaram direto contra a porta e foram ao chão.

Aladdin soltou um grito de alegria, mas continuou em movimento. Sabia que os guardas não demorariam a se recuperar e a voltar a persegui-los. Essa era a regra número quatro: ficar à frente da lei. Eles não tinham paciência nem apreço pelos talentos de um pivete. O que era irônico, Aladdin não pôde deixar de pensar, enquanto ele e a criada desembocavam correndo de um beco para um dos principais curtumes de Agrabah. A maioria dos guardas havia começado como pivetes nas ruas.

– Gentilha!

Ouvindo o grito de raiva, Aladdin pulou em uma passagem estreita que corria sobre os tanques de curtume. Ele e a garota percorreram com desenvoltura e agilidade as enormes banheiras cheias de diferentes cores de tinta. Os guardas não tiveram a mesma sorte – caíram, um por um, nos tanques, emergindo deles com outra série de xingamentos – e agora ainda mais coloridos.

– Tomem essa! – Aladdin gritou. Tirando os xingamentos, ele estava se divertindo. Estava conseguindo ficar à frente dos guardas e manter a criada segura. Em sua mente, isso era uma vitória completa. Dobrando ainda outra esquina, conduziu a garota a uma porta e então voltou, indo na direção de um carrinho inclinado para a frente e parado precariamente em suas alças. Ele rapidamente pegou um saco pesado que estava próximo e depois se equilibrou nas alças do carrinho. Assim que os guardas se aproximaram, ele atirou o saco na extremidade oposta do carrinho e se lançou, voando para a segurança do telhado mais próximo.

Suspirando de alívio – ele não tinha certeza *absoluta* de que funcionaria –, mais uma vez se pôs a correr, só que agora pulava de telhado em telhado, ouvindo Abu saltitar por perto. Aladdin examinou as janelas abaixo e esperou até avistar a que conhecia melhor. Sorrindo, respirou fundo e pulou – direto na janela!

Ouviu gritinhos e sentiu o cheiro de perfume, mas Aladdin não conseguia enxergar nada. Estava cego pelo tecido brilhante e fluido que girava e rodopiava em torno dele em uma estonteante apresentação. Então, ouviu a voz familiar de uma mulher gritar seu nome em meio a uma série de risadinhas. Como planejado, lançara-se exatamente na janela da escola para garotas de Agrabah. Ele sorriu, afastando um pedaço de tecido de seus olhos. Fazendo uma reverência profunda e recebendo em resposta outra série de risadinhas, voltou a pular janela afora e começou a saltar de um toldo de loja para o próximo, retornando para a rua.

Ele caiu no chão e o impacto o fez gemer bem quando a criada encapuzada apareceu na porta.

– Você sabe que existem escadas, né? – disse ela, balançando a cabeça em reação à aparência desgrenhada de Aladdin e à respiração irregular.

Ele deu de ombros, ficando de pé.

– Mas qual é a graça disso? – perguntou.

Sem esperar por uma resposta, Aladdin mais uma vez pegou a mão da garota e prosseguiu. Mas não importava aonde ele a levasse – fosse por becos, fosse subindo até os telhados –, ou quão astutamente a conduzisse, os guardas continuavam logo atrás.

Aladdin alcançou o topo de um telhado particularmente alto e parou. A queda entre os telhados agora era de pelo menos doze metros, e a distância entre os dois prédios era grande demais para saltar sem qualquer auxílio. Ele olhou para trás e viu os guardas se aproximando. Espiou a expressão de preocupação no rosto da garota.

E, então, viu uma longa vara. Seus olhos se estreitaram em ponderação. Era uma distância e tanto, mas, se a garota estivesse disposta, a escapatória estava bem ali. Percebendo a intenção de Aladdin, a boca da garota se abriu de incredulidade.

– Nós vamos pular? – ela perguntou.

Ele assentiu. Entregando-lhe a vara, preparou-se e saltou para o outro lado. Uma vez lá, ele se virou – e aguardou.

Mas a garota não se mexeu, apenas permaneceu fitando o chão lá embaixo.

– É uma queda e tanto – disse ela, com a vara a tremer em suas mãos. Ela começou a recuar.

Quando percebeu a dúvida em seus olhos, Aladdin tentou focar sua atenção.

– Olhe para mim – disse ele. – Olhe para mim. – Quando ela finalmente arrastou seu olhar para encontrar o dele, ele sorriu. – Você consegue!

Respirando fundo, ela foi para trás o máximo que pôde. Então, correu. Pouco antes de o telhado terminar, cravou o mastro no chão, atirando-se sobre a distância entre os prédios e pousando no outro telhado. Ergueu a vista para Aladdin, surpresa e com orgulho estampado em seu rosto.

Ele suspirou de alívio.

Então, Aladdin pegou um velho tapete enrolado que alguém havia deixado para apodrecer no telhado. Caminhou até a beirada do prédio e começou a balançá-lo para a frente e para trás. Quando ganhou impulso suficiente, soltou o tapete. Ele partiu de suas mãos e atravessou direto uma janela vários andares abaixo, quebrando o vidro em pedaços. Quando os guardas chegassem, pensariam que Aladdin havia entrado por ali e iriam atrás dele, mas não o encontrariam, porque o rapaz não tinha a menor intenção de estar ali por perto quando eles

chegassem.

– Conheço um lugar onde estaremos a salvo – disse à garota quando o macaco se juntou a eles e correu para o ombro de Aladdin. – Venha comigo.



Jasmine nunca estivera tão exausta – ou exultante – em toda a sua vida. Não podia acreditar no que acabara de fazer. Fugir de guardas? Saltar por telhados com mais de doze metros de altura? Confiar em um rapaz que ela nem conhecia? Mas, de alguma forma, tudo parecia certo. Como se fosse para acontecer assim.

E agora ela estava seguindo aquele estranho em uma velha torre que parecia prestes a desmoronar.

– Onde estamos exatamente? – perguntou ela.

– Você vai ver – respondeu o jovem. Estendendo a mão para o alto, ele puxou uma corda escondida. Uma escadaria de madeira surgiu. Gesticulou para que ela o seguisse e começou a subir.

Apesar de sua aparência decrépita, os degraus eram surpreendentemente sólidos. Com a mente a mil de curiosidade, Jasmine subiu em direção ao desconhecido. Alguns andares acima, a escadaria terminou e o jovem desapareceu por uma porta tosca. Jasmine foi atrás.

Quando ela entrou pela porta, sua respiração ficou presa na garganta. Ali, diante dela, exposta como uma das pinturas do palácio – mas *melhor* –, estava a cidade de Agrabah. Uma parede inteira da torre havia desabado, resultando em uma abertura bastante larga. Jasmine havia passado sua vida toda rodeada pelas coisas mais bonitas que o dinheiro e a realeza poderiam comprar, mas nunca tinha visto algo tão perfeito ou de tirar tanto o fôlego quanto a vista de Agrabah desse esconderijo secreto do mendigo.

Seu sorriso foi se desvanecendo quando ela viu, à distância, os guardas ainda à caça. O número deles parecia ter aumentado e ela não pôde deixar de se questionar sobre a necessidade de tantos deles para o que, na verdade, era um simples mal-entendido. Parecia desnecessário – assim como rapidez em sacar suas espadas, assustando aqueles em seu caminho. Era um lado de Agrabah que ela nunca pensara existir, e entristecia-a saber agora que isso acontecia. Tinha a sensação de que um certo grão-vizir devia estar por trás disso tudo.

– Abu, faça um chá para a nossa hóspede – disse o jovem, surpreendendo Jasmine. Ela espiou e identificou que ele se dirigia ao macaco. Um macaco que, aparentemente, não estava satisfeito com o pedido. Ele fulminou o jovem com o olhar e começou a guinchar raivosamente para si mesmo.

– Não consigo acreditar... – Jasmine se calou. Não sabia ao certo por que começara a falar em voz alta.

– No quê? – o jovem quis saber. Seus grandes e calorosos olhos a encaravam de um jeito como ela nunca tinha sido encarada antes. Como se ele *quisesse* ouvir o que ela tinha a dizer.

Ela se aproximou da parede aberta da torre. Por algum motivo, sentia-se à vontade para contar seus pensamentos a esse estranho. Era fácil conversar com ele.

– Não consigo acreditar que fizemos isso – disse ela. – Que *eu* fiz isso... Que estamos vivos. – Ela parou, notando a expressão divertida no rosto do estranho. Suas bochechas coraram de constrangimento. Ela desejava ir além dos muros do palácio porque queria ver como era de fato a vida do seu povo. Percebeu, olhando em torno da casa daquele rapaz, sem o conforto que ela

considerava tão natural no palácio... sem *paredes* sequer, que ele provavelmente tinha de fazer com bastante frequência o que eles haviam acabado de fazer. – Obrigada por me tirar de lá. – Ela parou por aí, na falta de qualquer outra coisa a dizer.

– De nada. – O jovem inclinou a cabeça. – Eu sou Aladdin. E seu nome é...?

Jasmine hesitou. Ela tinha certeza de que havia muitas outras Jasmynes em Agrabah que *não eram* a princesa, mas não queria arriscar.

– Dália – respondeu, pensando rápido. A criada não se importaria se ela pegasse emprestado temporariamente sua identidade.

– Dália – repetiu Aladdin, lançando-lhe outro sorriso encantador. – A talentosa ladra... do palácio.

Jasmine congelou ante as palavras. Como ele sabia que ela era do palácio? Como *poderia* saber? Ela havia feito tudo conforme Dália lhe orientara. Bem, quase tudo. Menos todo o infeliz incidente do pão... Ela abriu e fechou a boca, sem saber o que fazer ou dizer em seguida.

– Somente alguém do palácio poderia comprar um bracelete como esse – prosseguiu Aladdin. – Sabemos que você não o furtou.

Jasmine suspirou de alívio. Ele *não* sabia. Pelo menos, não a parte mais importante. Ela tentou acalmar seu coração acelerado enquanto ele continuava revelando como deduzira sua origem.

Ele a estudou, arqueando uma sobrancelha.

– Você cheira bem... Âmbar picante, que não é daqui. Esse traje de seda também é importado. Essas coisas saem dos navios mercantes e só vão para o palácio. Mas não para criadas... – Sua voz foi sumindo e seus olhos se estreitaram.

O coração de Jasmine, que tinha finalmente começado a reduzir o ritmo, voltou a acelerar. Pronto. Ele de fato havia descoberto seu segredo. Ela deveria correr. Contudo, para ser sincera, não sabia para onde ir.

Alheio ao pânico crescente dentro dela, Aladdin concluiu suas observações.

– Pelo menos, não *a maioria* das criadas. – Ele fez uma pausa, e Jasmine percebeu que só então ele tinha descoberto quem ela era. Tudo o que ele havia dito até o momento era a maneira dele de chegar ao ponto principal. Ela se preparou. – Então, você deve ser uma das criadas da princesa, certo?

Capítulo

Quatro



Ah, como eu sou bom, Aladdin pensou enquanto encarava a linda criada à sua frente. Ele tinha acabado de sacar quem ela era só por suas roupas, um bracelete chique e umas observações perspicazes.

Afastando-se dela, caminhou até a janela de sua torre em ruínas e olhou para Agrabah. Ele morava lá, escondido acima da cidade, havia anos. Mas Dália era a primeira pessoa que levava para sua casa. Parecia certo, de alguma forma, levá-la para lá e, embora soubesse que Abu não estava contente com isso – o macaco ainda estava resmungando –, Aladdin estava feliz por passar um tempo com ela. Queria conhecê-la melhor, entender em primeiro lugar por que ela deixaria o palácio.

Olhando de volta para Dália, apontou para a paisagem colorida do lado externo da janela.

– Você deveria dizer à princesa que ela tinha de sair mais. Ela precisa ver o que os guardas estão fazendo à cidade.

Para sua surpresa, Dália parecia visivelmente aborrecida com tais palavras. Seus olhos ficaram tristes e ela entrelaçou as mãos apertado, os nós dos dedos ficando brancos.

– Eles não a deixam sair. Desde que ma... – ela se deteve, balançando a cabeça. – Desde que a rainha foi morta, o sultão ficou com medo. E seu grão-vizir se aproveita do medo dele.

Aladdin assentiu. Todo mundo estava com medo desde que a rainha morrera. Topando com um grupo de ladrões perversos ao caminhar pelo mercado, ela foi atacada e deixada para morrer. Antes disso, o sultão e a rainha sempre saíam para caminhar entre o povo. Eram amados pelos cidadãos de Agrabah. A bondade e a beleza da rainha eram comentadas em toda a cidade, e a benevolência do sultão, conhecida e confiável.

Mas a morte da rainha mudara tudo.

– Os ladrões nem eram de Agrabah – contou Aladdin num tom brando. – As pessoas a amavam.

– Amavam mesmo, não é? – disse a criada, sua voz também branda. Nervosa, ela começou a perambular pelo esconderijo, correndo os dedos pelas bugigangas que Aladdin e Abu haviam “colecionado” ao longo dos anos. Derrubando um instrumento de cordas, Dália o encarou com um olhar de culpa. – Me desculpe. – Ela se agachou, apanhou-o e o segurou nas mãos. Começou a dedilhá-lo. A música ecoou pelas paredes e cobriu os dois com um manto sonoro. Aladdin assistiu, hipnotizado pela forma como seus dedos se moviam sem esforço sobre as cordas, ao modo como o instrumento parecia uma extensão de seus braços. Ele se deu conta de que estava cantarolando junto à melodia.

Quando a música terminou, Aladdin sorriu para Dália.

– Minha mãe me ensinou essa música – disse ele, com ternura em sua voz.

– A minha também – contou Dália, parecendo surpresa com a revelação. – É tudo o que eu lembro dela. – Fez uma pausa melancólica, depois se virou para ele. – E... seu pai?

– Perdi os dois quando era mais novo – revelou Aladdin. – Tenho me virado sozinho desde então. – Ele sentiu a garganta se apertar com as emoções que tinha represado durante muito, muito tempo. Lutando para recuperar o controle de si mesmo e do momento, balançou a cabeça. – Mas não é tão ruim assim. Tenho um macaco. – Ao ouvir Aladdin, Abu enfim parou de guinchar de raiva e olhou para cima, claramente satisfeito por ser o motivo da alegria de seu amigo. – Apenas dou um passo atrás do outro e enfrento o dia. Só que...

Ele foi parando de falar. Será que deveria compartilhar como se sentia de verdade? Aquilo pelo que de fato ansiava? Dália parecia interessada, e ela ainda não havia corrido para longe dele aos berros. Mas até então ele contivera as emoções...

– O quê? – Dália o encorajou a continuar.

Aladdin deu de ombros. Por que lhe não contar? Para ser sincero, era provável que nunca mais a visse de novo, e ele não podia negar que algo nela o atraía, fazia com que desejasse ser uma pessoa diferente.

– Acordo todos os dias desejando que as coisas sejam diferentes – ele disse finalmente. – Mas elas nunca mudam. Às vezes, quase me sinto...

– Aprisionado.

A cabeça de Aladdin se levantou. Ele olhou para a criada. Isso era exatamente o que ele estava prestes a dizer.

Ela prosseguiu, suas palavras ecoando as que estavam na cabeça dele.

– Como se você não pudesse escapar das circunstâncias em que nasceu...

Os olhos se encontraram e o silêncio recaiu sobre a torre. Aladdin sentiu algo por dentro. Algo que não se permitia sentir desde a morte dos pais, algo que não conseguia identificar ainda, mas que sabia com certeza que queria sentir novamente. Sentiu seu braço se esticar na direção de Dália, seus dedos formigando pela expectativa de tocar a mão dela...

E, então, um som alto de trombetas soou no ar, sobressaltando os dois. Ao olharem através da abertura na parede da torre, viram uma frota de navios entrando no porto. As trombetas soaram outra vez, anunciando a chegada de alguém importante.

– Tenho que voltar para o palácio – disse Dália, sua expressão mais dura, e o momento entre eles, perdido.

Aladdin assentiu. Tinha certeza de que, qualquer que fosse a pessoa que acabara de atracar no porto, seu destino era o palácio. E isso significava que Dália provavelmente teria de voltar e ajudar sua princesa a se preparar para os visitantes. Guiando-a escada abaixo, Aladdin conduziu-a na direção do palácio. Eles viram um cortejo começar a se formar nas docas, e os passos de Dália se aceleraram enquanto Aladdin se apressava a fim de acompanhar o ritmo.

– Outro príncipe chegando para cortejar a princesa... – ele especulou.

– Sim. E eu tenho que me... – a garota se deteve e pareceu confusa por um momento, então, balançou a cabeça – ... tenho que *ajudá-la* a se preparar. Você está com o meu bracelete?

Assentindo, Aladdin enfiou a mão dentro da bolsa que sempre carregava atravessada no peito. Pequena, mas funda, era um ótimo lugar para colocar coisas que ele pegava durante o dia.

– Claro, está bem aq... – Ele parou. Enfiou a mão mais fundo e revolveu o interior, suas sobancelhas se unindo na testa. – Eu tenho certeza de que coloquei aqui...

Ao lado dele, Dália franziu a testa enquanto o observava lutar contra a bolsa. Ele sabia o que ela estava pensando. Estava escrito na cara dela.

– Aquele era o bracelete da minha mãe! – vociferou ela, os olhos nublados de fúria. – Você é um ladrão. Eu sou tão ingênua!

– Não! – Aladdin protestou. – Não é nada disso...

Mas Dália não esperou para ouvir a desculpa. Desapareceu por entre a multidão crescente que estava se aglomerando em busca de ver o mais novo príncipe chegar a Agrabah. Em segundos, ela se misturou entre as pessoas e sumiu.

Aladdin ficou olhando para a multidão com uma mistura de esperança e frustração. Esperança de que Dália voltasse, e frustração por ela ter partido pensando que ele era um ladrão. O que, embora tecnicamente fosse verdade, não era verdade *nesse* caso em particular. Ele sinceramente não fazia ideia de onde o bracelete tinha ido parar. Estava prestes a ir atrás dela quando quase foi lançado para fora da rua por uma fileira de tocadores de tambor. Eles rufaram seus instrumentos, anunciando a presença de um tal de príncipe Anders de Skånland.

Saltando de volta para a segurança, Aladdin viu que nem todo mundo fora tão rápido quanto ele. Duas crianças pequenas estavam petrificadas de medo – bem no caminho dos gigantesco cavalos que carregavam os guardas do palácio. Aladdin olhou em desespero dos guardas para as crianças, na expectativa de que eles as vissem, conduzissem suas montarias para o lado e parassem. Mas os guardas não estavam conscientes de nada além do príncipe a quem estavam protegendo.

Aladdin gemeu. Ele teria de fazer alguma coisa. Não podia simplesmente ver as crianças serem esmagadas. Então saltou para a frente e se colocou entre o cavalo do guarda principal e as duas crianças. O cavalo soltou um relincho feroz e empinou-se sobre as patas traseiras, seus poderosos cascos chutando o ar. No lombo do cavalo, o guarda soltou um grito de raiva.

– Pivete! Saia do caminho!

– Quem você está chamando de... – As palavras saíram da boca de Aladdin antes que pudesse se conter. Ele fechou a boca, mas já era tarde demais.

Em grupo, os guardas desmontaram e o cercaram, empurrando-o contra uma parede. Naquele exato momento, alguém jogou o conteúdo de um balde de lixo por uma janela alguns andares acima. Caiu tudo sobre Aladdin, cobrindo-o de restos da cozinha.

O guarda cujo cavalo havia se empinado soltou uma risada cruel. Apontando o dedo contra o peito de Aladdin, ele balançou a cabeça.

– Você nasceu insignificante, vai morrer insignificante, e apenas suas pulgas vão lamentar a sua morte – disse ele. Então, com um sorriso de escárnio, retornou para o cavalo e o cortejo prosseguiu.

Quando a multidão se dispersou, Aladdin tirou uma casca de laranja do ombro e soltou um suspiro. De que adiantava ajudar os outros? Isso não o levava a lugar algum naquele dia. Havia deixado Dália furiosa e conseguido levar um banho de sobras na tentativa de ajudar as crianças. Talvez o guarda estivesse certo. Talvez ele fosse apenas um pivete e sempre o seria. Mas, ele pensou enquanto voltava para sua torre, queria ser muito mais do que isso. Queria que Dália visse que ele *era* muito mais do que isso.

Subiu os degraus e caminhou até a abertura com o intuito de olhar para o palácio, sua mente ainda um turbilhão. Queria que Dália e todo mundo soubessem que, se parassem um tempo para olhá-lo mais de perto, veriam que ele não era apenas um ladrão. Mas como isso poderia acontecer se ninguém lhe dava uma chance? Como poderia mostrar o seu valor a Dália se

provavelmente nunca mais a veria?

Sentindo um puxão na ponta da calça, olhou para baixo e viu Abu. O rosto familiar do macaquinho pelo menos fez Aladdin sorrir. O macaco o escalou com rapidez e parou em seu ombro, guinchando animadamente. Então, enfiou a mão por baixo do minúsculo colete que usava e tirou dali um artefato valioso. Os olhos de Aladdin se estreitaram. Não era um artefato valioso qualquer; era o bracelete que Dália usava.

– Abu! – gritou Aladdin. – Agora ela acha que eu sou um ladrão!

O macaco deu de ombros como se dissesse: *Aonde quer chegar com isso?*

– Quero dizer, ela acha que eu *furtei dela* – esclareceu.

Agarrando o bracelete da mão de Abu, Aladdin foi até o enorme buraco da torre. Ao longe, o palácio parecia em chamas, iluminado pelo sol poente e com as velas acesas nas janelas, enquanto todos se preparavam para a chegada do príncipe Anders.

Um sorriso se abriu no rosto de Aladdin. Era isso. Todos estavam aguardando o príncipe Anders – o que significava que todos estariam distraídos. O que *significava* que seria um bom momento para tentar entrar de fininho e encontrar uma certa criada da princesa e devolver seu bracelete...

Capítulo Cinco



Jasmine estava atrasada. Ela havia conseguido entrar escondida de novo no palácio o mais rapidamente que podia e nem sequer teve a chance de contar a Dália os detalhes de sua aventura – e do bracelete que perdera –, antes que outra criada viesse lhe dizer que sua presença era requisitada no Grande Salão.

Ao sair apressada de seus aposentos, Jasmine não pôde deixar de comparar as paredes luxuosas do palácio com as ruas pelas quais perambulava menos de uma hora antes. Estavam tão próximas e, ainda assim, eram tão diferentes. *Assim como Aladdin e eu*, ela pensou, surpresa pela forma como seu coração reagiu ao lembrar o nome dele. Parando diante das portas enormes que conduziam ao Grande Salão, Jasmine podia ouvir a voz de seu pai.

– Bem-vindo, príncipe Anders! – disse o sultão. – Esperamos que a viagem tenha sido agradável.

– *Ja* – respondeu outra voz com um forte sotaque. – Nossos navios têm um projeto tão bom que mal sentimos as ondas. É como se você estivesse em nuvens ou algo assim...

Jasmine respirou fundo. Ela amava seu pai e sabia que ele provavelmente odiava cada minuto da conversa fiada. Ele sempre deixara essa parte para a mãe e, sem ela, estava perdido. Alisando com as mãos o rico e macio tecido de seu vestido – de um rosa profundo da cor de um nascer do sol vibrante e terminado com uma longa cauda que retardava seus passos mais do que lhe agradava –, ela empurrou as portas e saiu para o patamar além delas. Ficou parada ali por um momento, olhando do alto para os homens reunidos ao pé da grande escada dourada. Quando a porta se fechou atrás dela, o barulho ecoando pelo Grande Salão, todos direcionaram seus olhares para o alto. Ela viu o sorriso caloroso e os olhos bondosos de seu pai, um conforto enquanto se encontrava mais uma vez em exposição. Erguendo o queixo, ela começou a descer a longa escadaria, sentindo o olhar apreciativo do príncipe Anders sobre ela. Apesar das camadas de roupas elegantes, ela tremia, movendo-se mais devagar do que gostaria devido à comprida cauda do vestido. Ao seu lado, Raja ronronava profundamente, sua presença reconfortante – e protetora.

Quando chegou ao pé da escada, seu vestido flutuando atrás de si, Jasmine captou o aceno de aprovação do príncipe Anders. Evidentemente, o vestido que Dália escolhera tinha funcionado – pelo menos tanto quanto era preciso para impressionar o príncipe, que estava sem palavras. Mas

Jasmine não pôde deixar de imaginar o que ele devia estar pensando. Segundo tudo o que ela havia lido, a terra natal dele era simples e escassa – colorida em tons terrosos, dominada por bosques e neve. As pessoas trabalhadoras se contentavam com pequenos prazeres e casas rústicas, satisfeitas por viverem da terra e apreciarem a beleza natural. Mas, quando ela ergueu a vista e deu uma olhada melhor no traje formal do príncipe Anders, visivelmente confeccionado em tecido valioso, ela lembrou que também lera que a família real não vivia de forma assim tão simples. De fato, dizia-se que, enquanto não se importava em deixar o povo levar vidas miseráveis, a família real desfrutava da vida em excesso. Palácios opulentos, banquetes grandiosos para celebrar qualquer data, mesmo as de menor importância, e uma rainha que gostava de joias – de todo e qualquer formato, tamanho e cor. Jasmine não pôde deixar de se perguntar se o povo de Agrabah diria o mesmo de sua família real. Será que achavam que ela e seu pai estavam assim tão fora da realidade?

O pensamento fez Jasmine suspirar, desejando pela milionésima vez poder ter um papel mais ativo na liderança de Agrabah – sobretudo à medida que adentrava o Grande Salão. O ambiente literalmente brilhava. Cada superfície, dos pilares às paredes, era revestida de ouro trabalhado. Aves exóticas, as mesmas que vagavam pelos jardins do lado de fora, apresentavam entalhes nas escadas e paredes. Peixes nadavam pelos pilares em abundância, como faziam no mar lá fora. Quando Jasmine era menina, passara horas observando os pássaros – de asas abertas –, imaginando como seria ser capaz de voar para longe. Ver o mundo de cima, não ficar presa em um só lugar. Ela suspirou. Todo esse tempo imaginando não a levava a lugar algum. Como o peixe gravado no ouro, ela estava presa em seu lugar. E provavelmente seria assim para sempre.

Jasmine percebeu que o chefe da guarda de seu pai, Hakim, estava lá como sempre, protegendo o sultão. Ela tentou não gemer quando viu Jafar, o grão-vizir do palácio, junto a seu irritante papagaio, Iago. Sentiu os olhos do grão-vizir sobre si e estremeceu de repulsa. Ela nunca gostou do homem e gostava ainda menos agora que ele havia caído nas graças de seu pai. Desde a morte de sua mãe, o homem tinha sido onipresente, suas palavras e opiniões as únicas coisas que seu pai parecia ouvir.

Afinal, chegando ao fim do corredor, Jasmine se inclinou e deu um beijo na bochecha do pai. Então, endireitou-se e se virou para o príncipe visitante.

– Príncipe Anders – disse o sultão –, esta é minha filha, princesa Jasmine.

Fazendo uma reverência, Jasmine relutantemente estendeu a mão para que o príncipe pudesse, como era costume, levá-la aos lábios. Mas, em vez disso, ele inclinou a cabeça na direção da dela.

– Acho que é hora de alguns beijos – atreveu-se ele. Enojada, Jasmine deu um passo para trás enquanto, ao mesmo tempo, Dália e Raja avançavam de forma protetora. O príncipe recuou e soltou uma gargalhada um tanto estridente ao perceber que talvez tivesse sido um pouco ousado em sua tentativa. – Talvez amanhã. Por que ninguém me contou sobre sua beleza?

– Engraçado, ninguém mencionou a sua também – ela rebateu, a resposta seca saindo de sua boca, mesmo contra sua vontade. Jasmine não pôde deixar de notar o contraste da pele fantasmagórica do homem, o cabelo cor de palha sem vida e a postura arrogante, com o jovem que conhecera no mercado, com a sua cabeleira em ondas fartas e o charme descontraído... Lembrando-se do bracelete de sua mãe, ela balançou a cabeça, voltando a se concentrar.

– Engraçado, eles comentam muito sobre isso em Skânland. É bem divertido – disse o príncipe Anders, tentando, mesmo sem sucesso, estabelecer de alguma forma uma conexão com Jasmine.

Jasmine inclinou a cabeça.

– É? – ela retorquiu, ainda arrepiada com as primeiras palavras dele, o foco em sua aparência.

– Temos o mesmo título, embora nunca descritos da mesma maneira. – Suas palavras ricochetearam pelas paredes do Grande Salão enquanto o silêncio recaía sobre o pequeno grupo. Ela viu seu pai mexer-se com desconforto no lugar e, embora não estivesse olhando em sua direção, podia sentir os olhos malignos de Jafar perfurando-a com desapontamento. Ela sabia o que se esperava dela. Sabia que deveria ficar ali, parecer bonita e fingir estar encantada com a atenção. Mas estava tão cansada de ser nada mais do que um peão no tabuleiro, uma peça a ser trocada quando necessário e depois realocada, silenciada em seus aposentos. Tinha conciliado aulas de etiqueta com aulas particulares de história. Sabia como servir um chá de maneira apropriada, mas também podia dizer o nome de todos os governantes de Agrabah em ordem de sucessão. Lera as obras dos maiores filósofos, memorizara poesias de todo o mundo e estudara operações militares de batalhas – ao mesmo tempo que mantinha as obrigações do dia a dia que acompanhavam a função de uma princesa. E, no entanto, ninguém parou para perguntar o que ela achava sobre alianças ou novas leis de embarque. Essas perguntas eram direcionadas ao sultão e a Jafar, enquanto ela era relegada a cuidar das profundas e sérias questões de que roupas de cama eles usariam ou que flores deveriam ser exibidas no salão de entrada. Jasmine soltou um suspiro de irritação.

– Hã... – o príncipe Anders gaguejou, incerto sobre como proceder. Seus olhos pousaram em Raja, parado imóvel ao lado de Jasmine. – O que é isso? Não, não me diga... É um gato com listras? – arriscou ele. Então, estufando o peito e reassumindo o papel de príncipe, sorriu presunçosamente. – Os gatos me adoram. Olá, gatinho... – Ele se inclinou para a frente para acariciar Raja. O tigre soltou um grunhido baixo, grave e hostil.

O príncipe recuou com um grito estridente, derrubando uma grande cesta de melões-cantalupe. As grandes frutas de cor bege caíram no chão, algumas delas se partindo para revelar interiores alaranjados e espalhando sementes por toda parte. Envergonhado, o príncipe Anders recuperou o equilíbrio e rapidamente ralhou com um de seus criados. O servo agachou-se e começou a recolher os melões. Jasmine observou a cena, em parte achando graça, em parte aborrecida.

– Fui informado de que você nos trouxe um presente especial de sua terra natal – disse o sultão, desesperado para trazer de volta uma aparência de controle à reunião.

A pergunta pareceu ter funcionado. Com um puxão de sua longa capa, o príncipe Anders conduziu o grupo até a sacada. Os olhos de Jasmine se estreitaram ao ver o “presente” que o príncipe trouxera para seu pai. Outro grupo de criados estava reunido em torno de um enorme canhão, cujos flancos negros brilhavam ao sol.

– Em Skånland – o príncipe Anders explicou orgulhosamente, gesticulando para a arma –, tudo o que fazemos é, vocês sabem, muito polido e, hum...

Jasmine queria rir em voz alta. Anders estava falando sério? Será que ao menos se dera ao trabalho de olhar em volta ou ver que tipo de lugar Agrabah era antes de vir navegando pelo mar em seu luxuoso navio? Agrabah não era um lugar de armas ou violência. Ou pelo menos não *tinha sido*.

– Somos um povo humilde – disse ela, recebendo mais olhares de seu pai e de Jafar –, não ficamos tão impressionados com o presente, mas sim com o sentimento por trás dele.

As palavras da princesa murcharam um pouco o ego inflado de Anders.

– Bem, ele é... é... – gaguejou ele – um símbolo do nosso... nosso... – Sua voz foi sumindo enquanto lutava para encontrar a palavra.

– Desejo por guerra? – Jasmine concluiu para ele.

– Não... não... – o príncipe Anders protestou.

Jasmine levantou uma sobancelha. O rosto do homem estava assumindo um tom surpreendente de vermelho – se de constrangimento ou de raiva era difícil dizer. Ela abriu a boca para continuar criticando o presente quando Jafar se adiantou, jogando para trás a longa capa preta que usava o tempo todo. Enfeitada com tons bordô e entremeada de detalhes dourados, a capa sempre pareceu, para Jasmine, uma escolha muito sombria para a vibrante Agrabah. Mas, visto que o homem que a usava era uma de suas pessoas menos preferidas, ela nunca se incomodou em oferecer-lhe conselhos de moda. O único toque de cor viva em Jafar eram os detalhes turquesa do cajado, que não largava para ir a lugar algum. Enquanto ela o observava agora, seus dedos longos e finos se enroscavam ao redor do cajado de ouro adornado com a cabeça de uma serpente. Não por acaso, os olhos frios do grão-vizir lembravam Jasmine de uma serpente prestes a dar o bote em um rato.

– Nossa princesa não consegue entender que nenhum homem deseja a guerra – adiantou-se Jafar em um tom suave e condescendente. – Mas um governante deve se preparar para isso, no entanto.

As mãos de Jasmine se cerraram e, ao seu lado, ela sentiu o pelo no dorso de Raja se eriçar quando percebeu a raiva mal disfarçada de sua dona. Jafar não tinha o direito de falar com ela desse jeito. Ela suspirou. Bem, ele não *deveria* ter o direito de falar com ela desse jeito, mas seu pai não estava tomando qualquer atitude para detê-lo. Seu pai não estava fazendo muita coisa, aliás. Ignorando o olhar de advertência de Jafar, que lhe dizia que ficasse quieta, Jasmine prosseguiu:

– Mas e se, ao se preparar, você causar a guerra que estava tentando...

– Ok, ok, querida – o sultão baixou os ânimos, aproveitando a oportunidade para enfim falar, mas sem oferecer ajuda a ela.

– Nossa princesa leu algo sobre a arte de governar – disse Jafar, explicando os pensamentos dela ao príncipe Anders como se ela fosse uma criança incapaz de falar por si.

Anders assentiu.

– Um passatempo adorável – observou ele, igualmente paternalista.

– A princesa fica encantada em receber o seu presente, príncipe Anders, assim como eu – continuou Jafar. Ele sorriu, parecendo feliz por ter colocado Jasmine em seu lugar e oferecendo apoio ao príncipe estrangeiro. – Vamos vê-lo – ele sugeriu, apontando para o canhão.

Batendo as palmas das mãos, Anders assentiu. Gritou instruções aos seus criados, que começaram a ajustar a mira do canhão.

– Vamos mirar naquele barco – disse o príncipe, indicando uma embarcação sozinha no meio do porto de Agrabah. Um grande alvo havia sido pintado em sua lateral e os outros barcos haviam sido deslocados para evitar que fossem atingidos por destroços. – Preparem-se – ele anunciou. Com isso, levantou as mãos e enfiou um dedo em cada orelha. Um dos criados riscou um fósforo e acendeu o pavio. Então, todos recuaram e aguardaram, também com os dedos nos ouvidos.

A chama correu para dentro do canhão e desapareceu, e então...

BUM!

O canhão disparou, lançando os homens para o alto e enchendo o ar com uma fumaça espessa.

– Muito impressionante, príncipe Anders! – elogiou o sultão quando a fumaça por fim se dissipou.

– *Ja* – disse o príncipe, assentindo com orgulho. – É um projeto muito bom.

Olhando para o porto ao longe, Jasmine inclinou a cabeça. Um sorriso repuxou os cantos de seus lábios.

– Diga-me – disse ela, apontando para a água azul brilhante –, qual barco você estava tentando acertar, príncipe Anders? Não era aquele com o alvo?

Seguindo a direção do seu dedo, os três homens olharam para o porto. O barco pretendido, com seu grande alvo pintado ainda claramente visível, flutuava sobre as ondas, completamente intacto. O canhão não havia acertado seu alvo. Não havia, no entanto, errado *por completo*. Enquanto o príncipe Anders ria nervosamente, todos olharam para um rastro de fumaça erguendo-se no ar. Seguindo a fumaça até a sua origem, viram o mastro de um navio – ou melhor, onde antes *havia* o mastro de um navio. Uma bandeira com o símbolo de Skånland tremulava do lado que não estava queimando.

– Aquele não é... o seu barco? – Jasmine perguntou, com os olhos brilhando.

No ombro de Jafar, Iago começou a repetir:

– Seu barco, seu barco – com sua irritante voz grasnada. Mas, pela primeira vez, Jasmine não se importou.



Aladdin manteve-se escondido entre um grupo de artistas de rua. À sua frente, mercadores, criados e vários dignitários atravessavam um dos portões principais do palácio. Os olhos de Aladdin se estreitaram quando avistou os soldados fortemente armados montando guarda. A segurança transformara o palácio numa espécie de fortaleza.

Mas ele tinha um plano.

– Você sabe o que fazer, Abu – disse Aladdin, gesticulando para seu amigo peludo.

O macaco assentiu. Ele vinha concordando com tudo desde que mostrara a Aladdin o bracelete “emprestado”. Sentindo que era observado, o macaquinho olhou para cima, e notou um papagaio colorido circulando acima deles. Olhou feio para o pássaro e começou a guinchar de raiva. Ele odiava papagaios.

Então, o macaco saiu correndo e subiu rápido pela perna de um dos guardas. Quando o guarda começou a gritar e agitar os braços, Aladdin estendeu a mão e pegou um manto largado em uma barraca próxima. Puxando o capuz sobre a cabeça, ele se juntou a uma fila de viajantes usando trajes parecidos.

Com a cabeça baixa, Aladdin passou pelos guardas e entrou no palácio.

Capítulo

Seis



O refúgio sagrado do sultão era, apesar de ser o lugar onde passava a maior parte do tempo, um quarto minúsculo. Pequenas janelas no alto das paredes permitiam que um pouco do sol da tarde se infiltrasse no cômodo, iluminando os tesouros pomposos que preenchiam o espaço. Itens coletados de todas as partes do mundo, alguns recebidos como presentes, outros trazidos para casa como lembranças preciosas de quando viajara com sua falecida esposa, enfileiravam-se nas prateleiras e espalhavam-se pelo chão. O sultão sempre amara essa parte do palácio. Apesar de seu tamanho, sempre parecera um abrigo seguro e espaçoso para ele. Era, como o nome indicava, um refúgio.

Mas, naquele momento, parecia lotado.

Jafar e Hakim estavam de olhos fixos no sultão enquanto ele brincava de maneira distraída com um cavalo dourado. O encontro com o príncipe Anders correria tremendamente mal. O sultão sabia disso. Jasmine fora imprudente em seu sarcasmo, mas ele não conseguia ficar com raiva da filha. Seu espírito era tão parecido com o da mãe!

– Nossos inimigos ficam mais fortes a cada dia – disse Jafar, sua voz fria destoando do cálido aposento. – Ainda assim, você permite que sua filha descarte o príncipe Anders e uma possível aliança militar...

– Que inimigos? – o sultão o interrompeu. Ele não estava no clima de ouvir Jafar criticar sua filha mais uma vez.

Os dedos de Jafar se apertaram ao redor do cajado.

– Shirabad continua a acumular...

– Shirabad é nossa aliada – corrigiu o sultão. Essa era uma conversa que ele e seu grão-vizir já haviam tido inúmeras vezes. Ele estava ficando cansado das suspeitas e acusações de Jafar. No entanto, por alguma razão, sempre parecia acabar concordando com o homem no fim das contas... – Você nos arrastaria para uma guerra com a nossa mais antiga...

Dessa vez, foi Jafar quem o interrompeu:

– E você permitiria que o seu reino mergulhasse na ruína por mero sentimentalismo.

A raiva brilhou nos olhos do sultão.

– Jafar! – ele vociferou. – Lembre-se do seu lugar! – O sultão se orgulhava de ser um homem e governante calmo e pacífico. No mesmo momento em que as palavras saíam de sua boca, ele já se sentiu culpado por perder a paciência com o grão-vizir. Mas Jafar sabia que não devia mencionar sentimentalismo quando o assunto era Shirabad. Virando-se, o sultão olhou para o

chefe da guarda. – Você pode se retirar, Hakim.

Jafar observou o homem partir, fechando a porta atrás de si. Quando os passos de Hakim foram se afastando, Jafar voltou-se para o sultão. Estava cansado de ser insultado por aquele homem de coração mole e incapaz de agir. No entanto, não tinha escolha. Ele estava lá para servir, sob o comando do sultão.

Ou, pelo menos, era nisso que ele permitia que o homem acreditasse.

– Perdoe-me, meu sultão – disse Jafar. Então, levantando seu cajado, apontou com a serpente metálica gravada no castão na direção do sultão. Lentamente, os olhos da serpente começaram a brilhar em vermelho. A cor foi ficando cada vez mais intensa, parecendo pulsar com poder. A mão de Jafar apertou mais forte o cajado e o poder aumentou. Ele mantivera em segredo do sultão seus poderes e sua conexão com a magia. Não seria nada bom para ele se o sultão percebesse o quanto “dependia” de Jafar. – Se você ao menos reconsiderasse... – disse Jafar, fazendo com que o sultão olhasse diretamente para ele – e, por sua vez, para o cajado. Os olhos do sultão se fixaram na serpente e, instantaneamente, sua expressão começou a ficar embotada. Ele não conseguia desviar sua atenção do cajado.

Jafar abriu um sorriso sinistro enquanto observava o sultão hipnotizado.

– Acho que você verá que *invadir Shirabad é a coisa certa a fazer* – disse ele em um tom de voz suave e hipnótico.

O sultão assentiu, em transe.

– Invadir Shirabad é a coisa certa...

– Invadir Shirabad?

A voz de Jasmine ecoou pelas paredes do refúgio, quebrando o feitiço. Jafar reprimiu um xingamento quando se virou e viu a princesa parada na porta, com uma expressão de desconfiança. Em algumas poucas passadas, ela foi até o pai e pegou sua mão. Olhou para ele com uma mistura de preocupação e decepção.

– Por que nós invadiríamos o reino da minha mãe? – ela questionou. – Se não fosse por Shirabad, não teríamos acesso ao comércio continental...

– Nós nunca invadiríamos Shirabad – assegurou o sultão, sem saber com o que estivera prestes a concordar antes da chegada de sua filha.

Colocando-se entre pai e filha, Jafar mais uma vez levantou seu cajado, bloqueando-o da vista de Jasmine. Os olhos da serpente ficaram vermelhos enquanto ele falava.

– Mas um aliado em Skånland poderia melhorar nossa situação – disse ele ao sultão.

Incapaz de resistir, o sultão assentiu, novamente concordando com a ideia de Jafar.

– Sim – disse ele. – Se você desse uma chance ao príncipe Anders.

– Para governar o nosso povo? – Jasmine questionou, sem se preocupar em abafar sua risada. – Raja daria um governante melhor.

O sultão não pareceu achar a sugestão divertida. Sua expressão ficou séria, assim como o tom de voz quando ele falou.

– Eu não estou ficando mais jovem, minha querida. Precisamos encontrar um marido para você, e estamos ficando sem opções de reinos...

– Que príncipe estrangeiro poderia cuidar de nosso povo como eu? Por que eu não posso liderar...

– Você não pode ser sultana – replicou o pai, interrompendo-a. – Porque nunca houve uma durante mil anos de história do nosso reino.

Jasmine queria gritar. Isso não era justo. Ela tinha lido todos os livros que havia em seu país.

Ela conhecia a história de Agrabah melhor do que os melhores estudiosos, tinha certeza disso. Havia estudado os mapas e visto as fronteiras. Ela conhecia as alianças e os inimigos. E, no entanto, nada disso importava – porque ela não tinha nascido homem.

– Eu tenho me preparado para isso minha vida toda – Jasmine tentou argumentar. – Eu li todos os livros.

A voz maliciosa de Jafar a interrompeu.

– Livros! – exclamou, dessa vez sendo ele a rir da ideia. – Mas você não pode ler *experiência*, princesa.

– É melhor um líder que cuida do seu povo do que...

Jafar a deteve.

– Na verdade, não é – ele disse, balançando a cabeça. Seus olhos escuros ficaram ainda mais escuros e sua voz destilava arrogância. – A ignorância é perigosa. O povo deixado sem controle se revoltará. Os muros e fronteiras desprotegidos serão atacados.

– Receio que Jafar esteja certo, minha querida – disse o sultão. – O mundo é um lugar perigoso.

Assentindo, Jafar não se incomodou em esconder seu sorriso de satisfação ao ouvir o sultão concordar. Encorajado, o grão-vizir se adiantou e pôs a mão no ombro de Jasmine. Ela tentou não demonstrar seu estremecimento em reação ao toque dele, mas seu estômago se revirou.

– Cada um de nós tem um papel importante a desempenhar, princesa. Por que não se concentrar no que você faz tão bem e deixar esses assuntos mais sérios para nós?

Jasmine ficou boquiaberta e cerrou os punhos, os braços esticados ao longo do corpo. Antes que pudesse formular uma resposta, os dois homens se viraram e saíram, fechando a porta atrás deles. Sozinha no refúgio, Jasmine sentiu uma onda de emoção varrê-la. O que mais ela poderia fazer? O que mais tinha de dizer? Toda vez que tentava fazer seu pai ouvi-la, sentia como se sua voz fosse abafada pela voz estrondosa de Jafar. Só de pensar no nome dele, o estremecimento que ela contivera antes espalhava-se por todo o seu corpo. Odiava aquele homem. Ouvira-o ser descrito como bonito por algumas das criadas, escutava-as darem risadinhas quando ele passava. Mas ela não enxergava nada remotamente atraente nele. Para ela, ele era apenas horrível – por dentro e por fora.

Suspirando, Jasmine saiu do quarto e começou a andar pelos corredores em direção aos seus aposentos. Seus dedos correram pelas paredes. Esses eram os mesmos salões que ela tinha percorrido por toda a sua vida. As paredes eram as mesmas para as quais havia olhado desde que era um bebê nos braços da mãe. Nada havia mudado. Ela era a princesa e, ainda assim, sentia-se mais como uma prisioneira. Seu pai não queria ouvi-la. Ele a queria calada. Jafar a queria calada e casada. Ninguém queria que ela tivesse voz.

Mas eu não vou deixar que eles me mantenham calada, Jasmine pensou quando entrou no cômodo e saiu para a sacada. Olhando para a cidade abaixo, a cidade *dela*, a jovem assentiu. *Vou encontrar uma maneira de provar a eles que estou certa. Sei que posso governar. Só preciso fazê-los acreditar nisso...*



Em seu gabinete particular, Jafar olhou para os pergaminhos antigos espalhados por sua mesa. A luz de velas projetava sombras dançantes sobre o papel velino desgastado pelo tempo, realçando a escrita e as ilustrações e, depois, lançando-as de volta à escuridão. Grande parte da

escrita estava desbotada, pouco legível. Certas ilustrações podiam ser distinguidas nos cantos das páginas – uma lâmpada de gênio, um tapete que parecia estar voando, a cabeça de um leão.

Por anos, Jafar estivera olhando para esses mesmos papéis. Oculta entre eles deveria estar a solução para sua desagradável situação – sempre ter *certa conexão* com o poder, mas nunca *de fato possuí-lo*. Ele jamais admitiria isso em voz alta, mas Jasmine não era totalmente diferente dele. Bem, além do fato de ela querer ser uma governante para *ajudar* seu povo e ele querer ser um governante para *controlar* o povo. Mas, tirando isso, ambos queriam algo que parecia impossível.

A menos que... a menos que ele pudesse encontrar o que estava procurando...

– Lembre-se do seu lugar, Jafar!

Ouvindo a voz de seu papagaio recitar as palavras que o sultão lhe dissera, Jafar fez uma careta e olhou para cima. O papagaio estava pousado em seu poleiro junto à janela, ajeitando as penas.

– Outro insulto insignificante daquele tolo tacanho – disse Jafar, uma nova onda de raiva apoderando-se dele. – Ele vê uma cidade onde eu vejo um *império*. – Olhou de volta para os pergaminhos. Seus olhos focaram na ilustração desbotada da lâmpada do gênio. *Essa* era a solução para ele. A lâmpada. Se havia lido os papéis corretamente – e ele tinha certeza de que havia –, conseguir aquela lâmpada resolveria tudo. Conseguir aquela lâmpada e encontrar um “diamante bruto”. – Uma vez que a lâmpada esteja nesta mesa, eu me sentarei no trono. Só tenho que...

– Ladrão no palácio!

As palavras de Iago sobressaltaram Jafar. Ele pediu ao papagaio que repetisse. *Um ladrão no palácio?* Jafar refletiu quando o papagaio fez conforme ordenado e depois voltou a limpar suas penas. Caminhando até a grande janela que dava para o pátio do palácio, Jafar examinou os jardins. Iago era seus olhos e ouvidos mais confiáveis. Ele sabia que o pássaro estava falando a verdade, mas tudo o que conseguia enxergar era a escuridão.

E, então, uma figura surgiu das sombras. Apertando bem os olhos, Jafar observou quando um rapaz habilmente caminhou por trás dos guardas, os pés tocando o chão em silêncio, os movimentos de quem passara anos evitando problemas. Mas o jovem em momento algum recorreu à violência, mesmo quando, a certa altura, quase ficou cara a cara com um guarda particularmente grande empunhando uma espada particularmente grande. Um sorriso começou a brotar nos lábios de Jafar enquanto observava o ladrão esgueirar-se por uma das portas do pátio. Iago estava certo em chamar sua atenção para o ladrão. *Eu me pergunto o que ele está tramando*, Jafar pensou. *O que ele busca? Deve ser algo bom, para correr o risco de passar por tantos guardas*. Ele inclinou a cabeça. Quem quer que fosse o ladrão, seria sensato para Jafar ficar de olho nele. O jovem era obviamente habilidoso na arte do roubo e astuto por conseguir passar pelos guardas. Alguém assim poderia ser problema... ou solução. Ele teria de avaliar qual dos dois o jovem viria a ser.

Capítulo

Sete



– Deve haver algo que eu possa fazer...

Ouvindo o desespero na voz de sua senhora, Dália deu de ombros enquanto desamarrava a parte de trás do vestido de Jasmine, enfiando a seda grossa através do centésimo ilhós.

– Um belo príncipe quer se casar com você – disse ela, lutando contra um nó difícil e soltando um gritinho quando espremeu o dedo. – Que vida dura...

Tirando os olhos do mapa que estivera estudando, Jasmine se virou e, brincando, mostrou a língua para a criada. Desde que voltara a seus aposentos, estava meio para baixo. O comentário sarcástico, mas adorável, de Dália pelo menos serviu para animar o seu humor.

– Você sabe que não é que eu não queira me casar, é só que... – Ela foi parando de falar. Qual era o sentido de dizer as palavras em voz alta de novo?

– Você quer ser sultana – Dália completou por ela. – Mas por que você ia querer trabalhar? Eu trabalho o tempo todo e veja como estou cansada. Será que não parece legal apenas olhar pela janela... – Percebendo que sua amiga não estava ouvindo, a voz de Dália foi diminuindo e ela não terminou a frase.

Jasmine não se deu conta. Seus pensamentos estavam focados na cidade além dos muros do palácio. Imagens de sua incursão ao mercado circundavam sua mente. As crianças famintas por atenção e comida. Os novos guardas com suas armas e seu julgamento rápido. Aladdin e seu lar numa torre que ele tinha preenchido com tesouros sentimentais para compensar a ausência dos pais que perdera. Ela balançou a cabeça.

– Minha mãe sempre falou que só podemos ser tão felizes quanto o menos feliz de nossos súditos – ela finalmente disse, sua voz terna e repleta de emoção. – Se ela pudesse ver o que vi hoje, ficaria de coração partido. Eu posso ajudar. Foi para isso que nasci, não para me casar com um príncipe inútil qualquer.

Dália sentiu uma onda de carinho pela amiga. Essa não era a primeira vez que elas tinham essa conversa. Jasmine amara muito sua mãe, e a perda havia sido devastadora. Ela perdera não apenas a mãe, mas uma amiga, confidente e aliada. A rainha sempre incentivara Jasmine a falar o que pensava e a seguir seus sonhos. Com sua morte, Jasmine perdera tal apoio. Tentando mais uma vez animá-la, Dália sorriu alegremente.

– Bem, já que você *tem* que escolher um príncipe inútil, você poderia ter arranjado um pior do que esse. – Ela tinha visto o príncipe Anders. – Ele é alto e, cá entre nós, bonitão... – Jasmine revirou os olhos e Dália deu de ombros mais uma vez. – Sim, ele é um idiota. Mas você

preferiria aquele ladrão do mercado?

Jasmine olhou para as mãos, as bochechas enrubescendo.

– Psiu...

Jasmine ergueu de súbito a cabeça, e então ela e Dália se entreolharam.

– O que foi isso? – ela perguntou. Dália balançou a cabeça. Levando um dedo aos lábios, Dália se inclinou através da porta aberta, que dava para o corredor. Quando não encontrou ninguém, saiu do quarto na ponta dos pés. Jasmine estava prestes a segui-la quando de repente sentiu um puxão em seu braço. Antes que pudesse abrir a boca para pedir ajuda, foi puxada de volta para seus aposentos e a porta se fechou.

Jasmine se virou, as mãos levantadas em posição de defesa, e seus olhos se arregalaram quando ficou cara a cara com Aladdin.

– *Você* – ela disse, suspirando fundo de alívio. Seu coração ainda estava acelerado, mas o medo inicial estava desaparecendo, substituído por raiva... e curiosidade. – O que está fazendo aqui? – Ela não tinha certeza de qual resposta desejava. Parte dela queria que ele dissesse que estava lá para se desculpar. Outra parte queria que admitisse ter sentido falta dela. Uma terceira parte, uma parte pequenina, rebelde e de saco cheio de como era sua vida, queria que ele dissesse que a levaria para longe.

Em vez disso, ele soltou:

– Devolvendo seu bracelete.

Jasmine inclinou a cabeça.

– Meu bracelete? – ela repetiu. Então, olhou para as mãos dele, que estavam vazias. – Cadê?

Sorrindo, Aladdin apontou com a cabeça para o braço dela.

– No seu pulso.

De fato, lá estava ele, enrolado no pulso dela como se nunca tivesse saído dali. Jasmine ofegou. Ela levantou a cabeça e seus olhos encontraram os de Aladdin. Não sabia o que dizer. Um ladrão que *devolvia* o que havia furtado? Aladdin era mais interessante do que ela pensara. Não era apenas um ladrão. Não era um príncipe também, mas parecia, Jasmine pensou, uma boa pessoa no fundo. Alguém meio rústico, mas com uma alma delicada e gentil.

Como se lesse os pensamentos dela, Aladdin deu de ombros.

– Viu só? Não sou apenas um ladrão. – Então, como se a admissão o envergonhasse, as bochechas de Aladdin ficaram vermelhas e ele mudou de posição, desconfortavelmente. Virou-se e gesticulou para os aposentos em volta. – Nada mal, gostei do que a princesa fez com este lugar.

Jasmine sorriu, achando seu desconforto estranhamente adorável. Enquanto ele perambulava das estantes para a mesa e, em seguida, até a janela, ela quase pôde esquecer que a única razão pela qual ele estava naquele cômodo, para começo de conversa, era porque tinha entrado de fininho – e pelo fato de ser um ladrão.

– Como passou pelos guardas?

– Foi complicado, mas tenho meus métodos – explicou ele. – Enquanto ela está fora, quer dar uma volta e conversar?

Os olhos de Jasmine se estreitaram em reação à sua ousadia. Ele era incorrigível! Ele era inacreditável! Ela balbuciou e gaguejou na tentativa de encontrar as palavras para expressar sua incredulidade.

– Você invade, e então anda por aí como se fosse dono do lugar! – Finalmente conseguiu botar para fora.

– Quando não se tem nada, você tem que agir como se tivesse tudo – Aladdin respondeu,

dando de ombros. – Então, o que me diz? Encontrei o seu bracelete...

Jasmine abriu a boca para mostrar como aquela afirmação estava errada quando, de repente, o som de tecido farfalhante e passos suaves no corredor externo ressoaram. Instantes depois, Dália apareceu, o rosto afogueado de tanto tentar rastrear o misterioso ruído.

Ao ver a outra jovem, Aladdin instantaneamente fez uma reverência. Jasmine e Dália trocaram olhares, as duas achando aquilo engraçado. Era evidente: Aladdin presumira que Dália fosse a princesa. *Longe de mim tirá-lo dessa ilusão*, Jasmine pensou, lançando a Dália um olhar que dizia: *Entra nessa*.

– Majestade – disse Aladdin, ainda curvado.

O sorriso de Dália aumentou.

– Oh... *Eu* sou a princesa. Sim, é tão bom ser eu... Ter tantos palácios, toneladas de ouro, coisas e vestidos para cada hora do dia. E, agora, é hora de lavar o meu gato.

Jasmine ergueu uma sobrancelha para a amiga. Lavar o gato? Sério? Isso foi um pouco além da conta. Mas ela não podia dizer nada sem que isso as entregasse, então, deu de ombros.

– Ela não sai muito – explicou quando Dália deixou o ambiente.

– Ficou bem óbvio – disse Aladdin, assentindo. Então, seus olhos se arregalaram.

Virando-se para ver o que ele estava olhando, Jasmine sorriu. Raja acabara de entrar no quarto. Passando com tranquilidade por Aladdin, como se a presença do homem nos aposentos de sua dona fosse uma ocorrência normal, ele desabou no chão e começou a se lamber.

– Hã, você não deveria estar no banho? – Aladdin questionou.

Do banheiro, a voz de Dália soou.

– Hã, senhorita criada, este gato não se lava sozinho. – Ao som de sua voz, Raja se levantou e caminhou na direção de Dália.

Observando o tigre, Aladdin inclinou a cabeça.

– Os gatos não se limpam sozinhos? – ele disse. – Isso é meio que uma coisa deles.

Antes que Jasmine pudesse responder, porém, mais passos ressoaram no corredor lá fora. E, enquanto os de Dália tinham sido leves, esses eram pesados. Pesados e altos. Deviam ser os guardas de Jafar. Provavelmente descobriram que havia um intruso no palácio. Se encontrassem Aladdin ali, ele seria jogado na masmorra, ou pior, condenado à morte imediata por confraternizar com a princesa de Agrabah.

– Está na hora de você ir embora... agora! – Jasmine alertou, procurando freneticamente por uma saída.

Vendo o pânico nos olhos dela, Aladdin assentiu.

– Ok, mas vou voltar amanhã à noite.

– Não tem como! – Jasmine exclamou, balançando a cabeça.

Mas Aladdin não aceitaria um não como resposta.

– Amanhã – ele repetiu, com teimosia. – Encontre-me no pátio perto da fonte quando a lua estiver acima do minarete. Para eu lhe devolver isto... – Estendendo a mão, ele puxou delicadamente um grampo de ouro que prendia os cabelos escuros e espessos de Jasmine. Ele pegou uma parte para si e entregou-lhe a outra. – Prometo.

Então, virou-se e esgueirou-se pela varanda, sumindo de vista.

Jasmine observou-o partir, e um sorriso repuxou seus lábios. Os passos dos guardas foram desaparecendo e ela se deu conta de que acabara de mandar Aladdin embora por nada. Mas ele voltaria – no dia seguinte. E ela achou a ideia de vê-lo novamente até que agradável.

Ainda sorrindo, virou-se e foi em direção ao banheiro. Ela ia precisar da ajuda de Dália se

quisesse encontrar uma maneira de manter todo esse esquema rolando. Sem mencionar que precisava ter uma conversinha com a criada sobre suas habilidades de “interpretação”...

Capítulo

Oito



Deslocando-se por um corredor, Aladdin observou o grampo dourado em suas mãos. Seus olhos estavam vidrados e um sorriso se espalhava por seu rosto enquanto rememorava repetidamente sua conversa com Dália. Sim, é verdade, ele tinha invadido e dado um susto nela. E é verdade que provavelmente fez papel de bobo na frente da princesa. E é verdade também que ele poderia ter encontrado uma maneira de vê-la novamente *sem* pegar algo que pertencia a ela. Mas não estava pronto para partir quando ela lhe disse para ir embora, e pegar o grampo significava que ele tinha algo dela como recordação até vê-la de novo. O que, felizmente, aconteceria no dia seguinte. Nada poderia detê-lo...

Exceto, talvez, pelo homem enorme e os guardas que estão bem na minha frente, Aladdin pensou, parando de repente. Vários homens pesadamente armados o encaravam feio. No fim das contas, ele não tinha sido tão hábil como pensava ao se esgueirar pelo lugar mais fortemente guardado de Agrabah. *Eu devia ter previsto isso*, ele pensou com ironia.

Um guarda, que Aladdin supôs ser o chefe do grupo, deu um passo à frente. Ele levantou o braço sobre a cabeça de Aladdin. Antes que o jovem pudesse desviar, a mão do guarda desceu sobre sua cabeça – e tudo ficou escuro.



Aladdin piscou os olhos, abrindo-os. Imediatamente, desejou tê-los mantido fechados. O sol ardente refletido pela areia quase o cegou. Sua cabeça, já latejando devido ao golpe que havia recebido, começou a pulsar de dor. Devagar, ele se sentou e olhou em volta.

Era bastante perceptível que não estava mais no palácio... nem em Agrabah. Estava, pelo que parecia, em algum lugar no meio do deserto, cercado por extensas dunas de areia até onde a vista alcançava, além de algumas árvores e um pequeno lago, que indicavam que ele havia sido trazido a um oásis. Mas por quê? Ele espiou e viu quatro camelos e dois guardas parados a alguns metros de distância. Estavam todos olhando para ele, as expressões dos camelos mais argutas e inteligentes do que as dos guardas fortões e palermas. Ali perto, Aladdin ouviu o som familiar dos guinchos de Abu. Isso, pelo menos, o fez se sentir um pouco melhor.

– O-onde estou? – Aladdin perguntou.

De trás dele, surgiu uma voz fria e desdenhosa.

– Está em sérios problemas, garoto.

Virando-se, Aladdin deparou-se com um homem alto e magro, com feições bem definidas.

Seus olhos se estreitaram. Ele sabia exatamente de quem era aquela voz. Ele reconheceria o maligno grão-vizir do sultão em qualquer lugar. Foi o grão-vizir quem transformara as ruas de Agrabah em um parque de diversões para seu grupo de guardas cruéis.

– Eu não roubei aquele bracelete – Aladdin começou a explicar, certo de que esse era o motivo de sua atual situação. – Aquela criada, ela...

Jafar o interrompeu.

– O que a criada estava fazendo usando o bracelete da rainha?

– Da rainha? – Aladdin repetiu, balançando a cabeça. – Não... ela disse que pertencia à...

– Mãe? – Jafar completou. Quando Aladdin concordou com a cabeça, Jafar zombou. – Bem, pelo menos ela disse a verdade sobre alguma coisa...

A cabeça de Aladdin girou. Jafar estava dizendo o que ele achava que estava dizendo? Poderia tal coisa ser possível?

– Aquela era... a *princesa*? – Era inimaginável, mas Jafar assentiu. – Eu estava conversando com a princesa? – Ele não sabia se ficava aterrorizado ou empolgado.

– Ela estava fazendo joguinhos com você – disse Jafar friamente. – Conhecer plebeus a diverte.

Aladdin olhou para a metade do grampo que por algum milagre ainda segurava em sua mão. Ela estava fingindo para ele? Sobre tudo? Recordou o momento deles na torre, quando ela pareceu entendê-lo tão bem. Isso não poderia ter sido fingimento, poderia? Seu rosto se fechou. A quem ele estava enganando? É claro que poderia ter sido fingimento. Afinal de contas, fingir ser algo que não é era como ele vivia quase todos os dias de sua vida. Quem disse que uma princesa não poderia fazer a mesma coisa?

– Achou que ela gostava mesmo de você? – Jafar perguntou, dispensando um sorriso de pena a Aladdin. Ele balançou a cabeça. – Você não é o primeiro a ser ludibriado. Mas não se engane, ela vai se casar com um príncipe, e não apenas porque assim é decretado. – O homem olhou para Aladdin de cima a baixo. – Como se chama?

– Aladdin – ele respondeu.

Jafar assentiu, sua expressão se suavizando.

– Pessoas como nós devem ser realistas se...

– Nós? – retrucou Aladdin, desconfiado, seus olhos se estreitando. A comparação parecia improvável. O grão-vizir estava transbordando de grana e tinha o ar de alguém acostumado aos confortos da vida. Era difícil imaginar que ele algum dia tivesse precisado lutar por alguma coisa.

Mas Jafar assentiu.

– Eu já fui como você... – Ele entregou a Aladdin o grampo. Aladdin olhou para a peça e depois para Jafar, impressionado. O homem a furtara de sua mão e Aladdin sequer havia percebido! Jafar prosseguiu: – Um ladrão comum. Só que eu pensava maior. Roube uma maçã e você é um ladrão. Roube um reino e você é um estadista. Ou você é o homem mais poderoso do lugar, ou não é nada. – Ele parou. Aladdin o encarou, sua mente a mil enquanto tentava imaginar Jafar nas ruas, furtando para sobreviver, lutando em busca de algo para comer. Ele não conseguia ver isso. Mas por que Jafar mentiria para ele? Como se estivesse lendo seus pensamentos, Jafar continuou: – Você esbarrou numa oportunidade. Eu poderia pedir sua cabeça pelo que você fez...

Aladdin inclinou a cabeça. Perdê-la não soava muito como uma oportunidade para ele.

– Ou eu posso torná-lo rico – Jafar prosseguiu. – Rico o suficiente para impressionar uma

princesa. Mas nada é de graça.

Isso sim soava mais como uma oportunidade. Aladdin viu-se inclinado para a frente, apertando os dedos ao redor do grampo em sua mão. Ele não era idiota. Sabia que haveria um preço antes mesmo de Jafar dizer. Ele havia vivido tempo o suficiente como pivete para saber que toda ação tinha uma consequência, que toda moeda tinha duas faces.

– O que eu teria que...

Jafar não o deixou terminar.

– Um pequeno favor é tudo o que peço. Há uma caverna nas proximidades e, dentro dela, uma simples lâmpada de azeite. Traga-a para mim e eu o tornarei mais rico do que você jamais ousou imaginar.

As palavras de Jafar flutuaram sobre o oásis. Aladdin sabia que na verdade não havia escolha. Se ele não ajudasse o grão-vizir, seria morto. Jamais veria Jasmine novamente. Mas, se o ajudasse, poderia ficar rico. Rico e talvez capaz de ver a princesa de novo. Durante toda a sua vida, ele procurara uma forma de escapar da vida de pivete para realmente se tornar alguém que as pessoas respeitassem. Será que essa era a sua chance?

– Você não é nada para ela agora... mas poderia ser – o grão-vizir continuou, como se lesse os pensamentos de Aladdin. – Sua vida começa aqui... se você assim escolher.

Aladdin ergueu a cabeça, seus olhos fixos nos de Jafar. E, então, ele assentiu.



Jasmine olhou para a lua. Ela pairava sobre os jardins do palácio, a luz branca e brilhante cobrindo as plantas e as árvores bem cuidadas e fazendo tudo resplandecer. As estrelas cintilavam e, de tempos em tempos, as aves cantavam umas para as outras e as rãs coaxavam dos pequenos lagos, criando um cenário melodioso, enquanto Jasmine aguardava Aladdin.

Mas ele ainda não havia chegado.

Quando deixara seus aposentos pela primeira vez, a lua tinha acabado de subir no horizonte, porém agora estava quase diretamente acima dela, e ainda nada de Aladdin. Ouvindo passos atrás dela, Jasmine se virou animada. Mas seu sorriso desapareceu quando viu que era apenas Dália.

– Ainda esperando pelo rapaz que é um ladrão com um macaco no ombro? – perguntou a criada.

– Não, não. Eu, hã, só saí para... – Sua voz foi diminuindo. Não estava enganando ninguém. Ela soltou um suspiro e seus ombros desabaram. – Ele prometeu – ela disse baixinho. Ficou surpresa ao ouvir a decepção em sua voz. Tinha visto Aladdin o incrível total de duas vezes. Eles tinham passado um tempo juntos na torre. E, no entanto, havia algo nele. Ela sentiu uma conexão com o rapaz, uma alma rara que parecia entender com precisão o que ela estava passando, que respeitava o que ela tinha a dizer. Mas, se ele não aparecesse, como ela poderia descobrir o que isso significava? E aonde isso poderia levar?

– Os homens fazem promessas, é o que eles fazem. Eles também assobiam e cospem, como o filho do açougueiro, Rashid, cujo cachorro se afeiçoou ao meu tornozelo de uma maneira tão violenta... Cicatrizes no meu tornozelo, cicatrizes no meu coração. – Dália colocou a mão no ombro de Jasmine e deu um aperto suave. – Estarei lá em cima se precisar de mim...

Jasmine assentiu, voltando a olhar para a lua. Ela sabia que deveria subir também. Mas ainda não. Esperaria só um pouco mais. Talvez ele estivesse vindo em direção ao palácio agora. Talvez estivesse olhando para a lua também, tentando chegar até ela...

Capítulo

Nove



Eu estraguei tudo, pensou Aladdin enquanto seguia Jafar pelo deserto. A lua estava afundando com rapidez, e ele sabia que, lá no palácio, Jasmine estava provavelmente – bem, tomara – à sua espera no jardim. Mas ele não apareceria. E não podia dizer a ela que a razão pela qual não estava lá era que estava seguindo aquele homem do sultão pelo deserto a fim de ajudá-lo a encontrar uma lâmpada que de alguma forma ajudaria o grão-vizir a dominar o mundo e tornar Aladdin rico. Pois, para ser sincero consigo mesmo, isso soava muito improvável.

Em seu ombro, Abu estava guinchando. Aladdin assentiu para o amigo e abriu a boca para dizer algo reconfortante quando, de repente, Jafar fez seu camelo parar. O animal grunhiu, e Aladdin rapidamente puxou suas próprias rédeas, assustando Abu e fazendo o camelo que eles montavam emitir seu próprio protesto.

Jafar estava olhando fixamente para uma duna de areia em particular. Aladdin estreitou os olhos e seguiu o olhar do grão-vizir, tentando ver o que era tão interessante. Não havia nada que a distinguisse do restante das dunas ao redor deles. Mas, então, enquanto Aladdin observava, a areia começou a se revolver e se mover. Ondulava como ondas no oceano. Aladdin deu um passo nervoso para trás quando um fragor profundo preencheu o ar e o chão sob seus pés começou a tremer. Os camelos puxavam violentamente as rédeas, assustados com os ruídos e movimentos estranhos. De repente, um estrondo alto ribombou e, saindo de baixo do próprio deserto, surgiu uma cabeça gigante de leão, sua boca aberta como num rugido. Abu soltou um grito e enroscou o rabo no pescoço de Aladdin.

– A Caverna das Maravilhas – anunciou Jafar, com um sorriso triunfante no rosto. – Ninguém é digno de entrar há muitos anos. – Ele se virou e olhou para Aladdin. – Mas vejo que você é o único que pode ter sucesso onde os outros falharam.

– *Eu?* – Aladdin repetiu. O que havia de tão especial nele? Ainda era apenas um pivete qualquer. Mas Jafar fez um gesto afirmativo com a cabeça. Talvez ele não fosse um qualquer, afinal.

Jafar prosseguiu.

– Quando você entrar na caverna, verá mais riquezas do que jamais sonhou: ouro, prata, diamantes... e a lâmpada. Traga-a para mim e eu o tornarei rico e livre. Mas não pegue outro tesouro, não importa o tamanho da tentação... – Ele se deteve, olhando intensamente para

Aladdin. – E você *ficará* tentado.

Assentindo, Aladdin começou a caminhar em direção à entrada da caverna. *Nada a não ser a lâmpada. Ignore os montes de ouro e diamantes, e pegue apenas a lâmpada. Entendi*, ele pensou, parando em frente ao enorme leão com a boca escancarada. Afinal, quanto tesouro poderia estar escondido na boca de um leão mágico de areia no meio do deserto?

Aladdin respirou fundo e entrou na caverna. Mas, assim que pisou na boca do leão, uma rajada de vento soprou das profundezas da caverna e, com ela, uma advertência sussurrada: *Só pode entrar aqui*, Aladdin ouviu ao vento, *aquele cujo maior valor reside em seu interior, um “diamante bruto”*. Acima dele, os olhos do leão começaram a brilhar.

Deixando escapar outro guincho de medo, Abu enroscou-se ainda mais firme em Aladdin. Antes que o rapaz pudesse oferecer qualquer palavra de conforto, a areia sob seus pés começou a afundar, puxando-o, junto a Abu, mais para o interior da caverna. Os braços de Aladdin balançaram no ar enquanto ele lutava para manter o equilíbrio na areia movediça. Era como se a areia os estivesse puxando para a frente, na direção de alguma coisa. Quando finalmente parou de se deslocar, Aladdin se viu olhando para um lance de degraus cada vez mais íngremes e espaçados. Eles pareciam descer ao coração da caverna, a distância entre os degraus se ampliando à medida que avançavam.

Aladdin suspirou. Parecia que ele e Abu não tinham escolha. Eles se aventurariam mais além. *É como pular de telhado em telhado em Agrabah*, pensou, *com um prêmio muito maior do que algumas maçãs furtadas esperando por mim do outro lado*. Quando a estimulante conversa interior cessou, Aladdin começou a pular os degraus, pegando velocidade conforme a distância entre eles aumentava e a descida ficava mais inclinada. Ele pulou sem parar, cada passo levando-o para mais longe da saída, mas para mais perto do que era um tesouro que se esperava ser inimaginável. Por fim, com um último grande salto, ele pousou no chão da caverna.

Instantaneamente, o medo e a incerteza que estava sentindo desapareceram, porque, à sua frente, indo do chão da caverna até bem alto, havia tesouros. Montes de tesouros. Mais tesouros do que Aladdin pensava ser possível. A sala brilhava e reluzia e cintilava e resplandecia. Havia pilhas de diamantes que chegavam à cintura de Aladdin. Estátuas de ouro puro espalhadas por toda a caverna. Ele viu cavalos, camelos, tecidos e pratos. E as gemas! Havia centenas de milhares de safiras, rubis e esmeraldas, o suficiente para encher todos os cômodos do palácio e cada barraca no mercado de Agrabah.

Ao lado dele, Abu estava estranhamente quieto. Os pequenos olhos do macaco estavam quase saltando de sua cabeça conforme olhava para todo o tesouro. Com lentidão, ele estendeu a mãozinha em busca de tocar uma enorme safira brilhante ao seu lado. A caverna ressoou no mesmo momento.

– Abu! – Aladdin o repreendeu. Jafar e a própria caverna os haviam advertido. Não deveriam pegar nada, exceto a lâmpada. – Não toque em nada – disse ele, colocando Abu de volta em seu ombro.

Devagar e com cuidado, Aladdin começou a atravessar a caverna. Seus olhos percorreram mais e mais riquezas, as joias parecendo maiores enquanto avançavam. Jafar não estava brincando quando disse que havia mais tesouros lá embaixo do que se poderia imaginar. Aladdin passara *muito tempo* imaginando tesouros. Mas mesmo ele nunca havia imaginado a existência de tantos em um só lugar. Era a versão do paraíso de um ladrão. Ou não, porque ele não podia tocar em nada.

De repente, com o canto do olho, Aladdin viu uma gema maior do que qualquer outra que ele

já tinha visto. Estava incrustada na parede, a apenas um braço de distância. Refulgia intensamente, como se pedisse para ser arrancada dali. A mão de Aladdin começou a tremer e, antes que pudesse se conter, seus dedos se esticaram em direção à joia. As pontas dos dedos coçavam, o desejo de tocá-la embotava a mente de Aladdin e o fazia se esquecer da advertência de Jafar.

Quando estava prestes a pegar a pedra, Aladdin balançou a cabeça, quebrando o transe e caindo para trás. Soltou um grito enquanto despencava. Com um baque surdo, pousou em algo macio. Virando-se, viu que caíra em um tapete roxo. Deslizou de cima dele, voltou a ficar em pé e inclinou a cabeça. O tapete parecia estar flutuando a cerca de trinta centímetros do chão. Aladdin se agachou, tentando ver como estava suspenso. Estava preso a alguma coisa? Talvez houvesse um candelabro ou algo embaixo que ele não conseguia enxergar. Mas não importava para onde Aladdin olhasse, não conseguia encontrar nada que explicasse como o tapete estava flutuando. Ele balançou a cabeça. Não havia como isso ser possível. A não ser que... Sua boca se abriu e seus olhos se arregalaram quando ele enfim percebeu exatamente para que tipo de tapete estava olhando. Ele tinha *ouvido* histórias a respeito, mas achava que não passavam disso – histórias. Aparentemente, estava errado.

– Abu, isto é um tapete *mágico*? – Para a sua surpresa, foi o tapete, e não Abu, quem respondeu. O tapete começou a assentir. – Bem, olá, Tapete. – Aladdin se maravilhou.

Satisfeito, o tapete acenou com as borlas. Feitas as apresentações, tentou esticar-se para a esquerda, depois para a direita e então parou, apontando uma de suas borlas diretamente para um grande baú. Seguindo com os olhos a indicação, Aladdin viu que uma das pontas do tapete estava presa pelo baú.

– Oh! Vamos ver o que podemos fazer sobre a sua situação aqui. – Aladdin empurrou o baú para o lado e o tapete se soltou e começou a voar ao redor dele e de Abu.

Empolgado por estar livre, o tapete estendeu suas borlas para um abraço. Isso não agradou a Abu, que começou a guinchar de raiva e, em seguida, partiu para atacar o tapete voador.

– Calma, Abu – disse Aladdin, tentando apaziguar o amigo. – Ele está apenas dizendo oi. – Então, a expressão de Aladdin ficou pensativa. O tapete estava claramente feliz em vê-los. O que significava que estava lá embaixo havia muito tempo. O que significava... que talvez ele pudesse *ajudá-los*. – Estamos procurando por uma lâmpada de latão...

Aladdin nem precisou terminar a pergunta. O tapete apontou uma das borlas para o coração da caverna. Grandes pilares rochosos formavam um círculo e erguiam-se para o alto, o topo deles terminando muito antes do teto. No centro do círculo, cercado por pequenos pilares irregulares que subiam como escadas, havia uma lâmpada de latão. Na baixa luminosidade da caverna, ela parecia brilhar, tornando a área circundante mais clara. Aladdin assentiu. *Bem, isso não foi tão difícil*, ele pensou. Caminhando por um pequeno trajeto ladeado pelo tesouro, Aladdin se aproximou do afloramento de rocha que sustentava a lâmpada. Abu e o tapete seguiam logo atrás.

Ao chegar até os pilares, Aladdin se virou para o tapete.

– Pode me fazer um favor? Pode cuidar do meu macaco? Estarei de volta antes que percebam. – O tapete assentiu. Então, Aladdin olhou para Abu. – Não toque em nada com esses seus “dedos leves” – ele advertiu. Virando-se, começou a subir os pilares. Atrás de si, podia ouvir os guinchos zangados de Abu. Aladdin sabia que o macaco estava bravo com ele por fazê-lo ficar para trás, mas não tinha escolha. Havia muita coisa em jogo. E o tesouro *era* por demais tentador – até mesmo para ele. E ele não era um macaco com “mãos leves”.

Embora de longe não parecesse tão difícil de alcançar, a lâmpada estava mais no alto do que Aladdin pensara a princípio. E chegar até ela significava saltar de um pilar irregular e rochoso para o outro. A parte do salto não foi difícil para Aladdin. Mas evitar agarrar ou tocar as gemas aleatórias que cobriam o topo dos pilares estava se mostrando algo difícil. Por várias vezes, a mão de Aladdin roçou sem querer em uma enorme joia ou uma peça maciça de ouro. E, a cada ocorrência, a caverna rugia uma advertência. Quando pulou para o último pilar, que continha a lâmpada, ele acidentalmente esbarrou no maior diamante que já vira. Com nervosismo, observou-o despencar, depois soltou um suspiro de alívio quando a caverna não protestou. Ele voltou sua atenção para a lâmpada.

Lá embaixo, Abu não foi tão rápido em ignorar a gema. Ele tinha prometido a Aladdin que não tocaria em nada. Mas a tarefa estava ficando cada vez mais difícil conforme seu amigo continuava mandando joias que rolavam na direção dele. O tapete conseguira puxar Abu a maior parte do tempo. Mas então o diamante gigante veio rolando até parar bem na frente do macaco. Ele reluzia e cintilava, suas facetas hipnotizantes. Lentamente, Abu estendeu o braço. Sua mão foi se aproximando, chegando cada vez mais perto...

Lá em cima, os dedos de Aladdin avançavam na direção da lâmpada reluzente. Com um movimento rápido, ele a apanhou.

– Ha-ha! – comemorou. Quando olhou para baixo com o intuito de mostrá-la a Abu, os olhos de Aladdin se arregalaram e ele soltou um grito assustado.

Era tarde demais. A mãozinha de Abu já havia se fechado ao redor do diamante.

Imediatamente, a caverna soltou um grunhido monstruoso. O espaço todo começou a ribombar e sacudir, abrindo uma grande fenda em uma das paredes da caverna. Um rio de lava derretida começou a escorrer por ali, liquefazendo ouro e joias instantaneamente. Pouco depois, colidiu contra o pilar no qual Aladdin se segurava, derrubando-o. Um grito ficou preso em sua garganta quando Aladdin foi arremessado no ar – direto para a lava mortal.

Bem a tempo, o tapete arremeteu para o alto e o apanhou. Pousando na superfície do tapete, Aladdin soltou um grito triunfante quando começaram a desviar dos pilares e das ondas de lava, indo em direção à saída. O grito de Aladdin morreu em seus lábios quando percebeu que Abu não estava no tapete com ele. Examinando a caverna que era inundada rapidamente à procura de seu amigo, viu-o, afinal, agarrado a uma rocha. A lava lambia o topo, fazendo o macaco pular para cima e para baixo. Aladdin conduziu o tapete na direção de Abu. Quando estavam perto o suficiente, o macaco saltou para os braços de Aladdin.

A caverna soltou outro rugido furioso.

Aladdin não entendeu. Ele tinha pegado apenas a lâmpada. Nada mais. E Abu tinha deixado cair a gema. Então, por que a caverna ainda estava tão brava? A menos que... Seus olhos se estreitaram e ele franziu a testa para o amigo.

– Abu? – chamou, num tom de voz tão enfático que nem era preciso completar a pergunta. O macaco deu de ombros. – Abu! – Aladdin repetiu. Dessa vez, Abu sorriu envergonhado, revelando um bocado de pedras preciosas em sua boca.

Quando Abu finalmente cuspiu as joias, o tapete continuou a voar em direção à entrada da caverna, mas os tremores estavam ficando cada vez mais fortes e as pedras passaram a despencar do teto, a caverna desmoronando ao redor do grupo. Quando as rochas atingiam a lava, respingavam violentamente o líquido incandescente. Voando para a esquerda e para a direita, para cima e para baixo, o tapete conseguiu evitar ser atingido ou queimado, mas a entrada ainda estava distante, e a caverna se enchia com velocidade. Apressando seu novo amigo, Aladdin

agarrou a parte da frente do tapete e prendeu a respiração.

Os degraus, que eram longos e traiçoeiros quando chegaram, surgiram de repente como uma pequena pilha à sua frente; a lava açoitava o topo do que restava deles. A entrada da caverna, antes colossal, agora não passava de um pequeno buraco. Estreitando os olhos, Aladdin avistou Jafar parado perto da entrada, com uma tocha na mão, como um farol indicando o caminho de casa.

Conseguimos!, Aladdin pensou. *Espere até eu contar a Jasmine sobre isso!*

Mas, então, uma pedra enorme desabou do teto, atingindo o tapete. Aladdin e Abu foram arremessados para fora dele. Balançando os braços, voaram pelo ar e aterrissaram com um baque doloroso em uma saliência logo abaixo da entrada da caverna. Aladdin segurou a lâmpada enquanto tentava manter Abu e ele próprio na borda. Ao avistá-los, Jafar correu.

– Pode me dar uma mão? – Aladdin gritou.

– Primeiro, a lâmpada! – Jafar gritou de volta.

Aladdin sacudiu a cabeça.

– *Primeiro*, a sua mão!

– Você precisa confiar em mim, Aladdin – disse Jafar. – Me dê a lâmpada.

Debaixo dele, a borda estava cedendo. A princípio devagar, a rocha começou a cair na lava, depois cada vez mais rápido. Abu se agarrou ao pescoço de Aladdin, causando-lhe dificuldade para respirar. A lâmpada pendia de seu cinto, batia em suas pernas penduradas. Ele não conseguiria aguentar por muito mais tempo. Não havia mais escolha. E, afinal de contas, a lâmpada era a razão de ele estar nessa enrascada, para começo de conversa. Ele prometera dá-la a Jafar. Então, o que importava se a desse a ele agora? Se esperasse, poderia mergulhar para a morte. Levantando a lâmpada, ele a ofereceu a Jafar.

– Agora, a sua mão!

– Que tal o meu pé? – respondeu Jafar. Com uma velocidade surpreendente, Jafar agarrou a lâmpada e a depositou na bolsa que trazia no ombro. Então, deu um pisão na mão de Aladdin. Enquanto Aladdin gritava de dor, Jafar se virou e começou a sair da caverna, deixando Aladdin dependurado na borda.

Se pudesse, Aladdin teria batido em si mesmo. Como não previu que isso aconteceria? Jafar admitira ter sido um trapaceiro antes de virar grão-vizir. É claro que o enganaria! E agora Jafar estava indo embora com sua preciosa lâmpada, enquanto Aladdin provavelmente despencaria para uma morte incandescente.

Mas Abu não estava disposto a deixar Jafar escapar impune. Chiando em fúria, ele tomou impulso e pulou da cabeça de Aladdin rumo à terra firme. Enquanto a caverna continuava a ribombar, Abu pulou nos ombros de Jafar e começou a bater em seu rosto. Jafar gritou e sacudiu os braços, tentando remover a criatura, mas Abu segurou firme.

Nesse momento, a caverna deu um último rugido terrível, e um forte tremor arremessou Aladdin para trás. Ao mesmo tempo, Abu foi lançado dos ombros de Jafar de volta para a borda. Jafar, livre de seu atormentador, saiu correndo da caverna bem na hora que a enorme cara de leão se fechou e foi engolida por uma nuvem de poeira.

Quando os tremores e estrondos cessaram, a Caverna das Maravilhas havia desaparecido – assim como, ao que parecia, Aladdin e Abu.

Capítulo

Dez



Aladdin não queria abrir os olhos. As coisas tinham ficado silenciosas. Inertes. Ele se sentia estranhamente em paz. Estava descansando em uma superfície bastante macia, e quase parecia estar flutuando.

Flutuando!

Os olhos de Aladdin se abriram. Sentando-se, percebeu que *estava* flutuando. Mais ou menos. Encontrava-se na extremidade do tapete, que pairava a poucos centímetros do chão da caverna. Mas o mais importante era: eles estavam vivos! O tapete mágico devia tê-los resgatado no ar pouco antes de Aladdin e Abu despencarem para a morte.

– Estamos vivos, eu acho. Obrigado, Tapete! – Aladdin gritou, abraçando o grande tapete.

O tapete balançou alegremente suas borlas e Aladdin começou a olhar ao redor. Seu sorriso se transformou em uma cara fechada. Poeira negra e cinzas cobriam quase todas as superfícies, abafando as joias restantes. Uma enorme parte do teto havia desmoronado e os degraus tinham desaparecido, cobertos pela lava que agora esfriava e endurecia. O ouro derretido e as joias formavam torres brilhantes. Mas não parecia haver uma saída.

Estavam presos.

Ouvindo um som estranho, Aladdin se virou para ver Abu mergulhar e sair dos escombros e das joias como um golfinho brincando nas ondas. Os olhos de Aladdin se estreitaram e ele inclinou a cabeça.

– Acho que não podemos ir por esse caminho – ele começou a dizer. Mas as palavras morreram em seus lábios quando ele viu o que estava no chão ao lado de Abu. *A lâmpada*. Aladdin soltou um grito triunfante: – Conseguimos, seu macaquinho esperto! – Ele só queria poder ver a cara furiosa de Jafar quando percebesse que perdera seu precioso artefato. Com ânimo renovado, Aladdin olhou para os amigos. – Agora, tudo de que precisamos é uma saída.



Infelizmente, entrar na caverna – por mais difícil que tivesse sido – era a parte fácil. Não importava para onde Aladdin olhasse, não conseguia descobrir uma rota de fuga.

– Ei, Tapete, sabe se há uma saída daqui? – Aladdin perguntou.

Em resposta, o tapete sacudiu as borlas como um óbvio *não*.

Deixando escapar um suspiro, Aladdin se abaixou e apanhou a causa de sua situação atual. Ele

segurou a lâmpada nas mãos, examinando as laterais desgastadas do objeto, a cor original desbotada e sem brilho. Ele não entendia. Por que Jafar estava tão decidido a conseguir *isto*? Eles tinham lâmpadas mais bonitas no mercado em Agrabah. Sem contar que seu valor parecia ínfimo comparado às joias que cobriam a caverna. Ele tentou puxar a tampa. Talvez houvesse algo dentro. Mas a tampa não saía do lugar. Ele levantou-a para mais perto dos olhos e perscrutou pelo longo bico. Não conseguia enxergar nada desse jeito. Quando estava prestes a colocá-la no chão, percebeu que havia algo escrito na lateral da lâmpada.

– O que diz aqui? – ele perguntou em voz alta. Puxando a manga da camisa, começou a esfregar a poeira que tapava a inscrição. Mais do texto apareceu, mas ainda ilegível. Aladdin fez uma pausa. Talvez houvesse uma razão pela qual a inscrição fosse difícil de entender... Talvez ele devesse simplesmente largá-la ali no chão e ir embora. Então, balançou a cabeça, afastando o pensamento e esfregando o objeto com mais força.

De repente, uma faixa de fumaça azul começou a emergir do bico. Ela ergueu-se cada vez mais rápido num redemoinho, preenchendo a caverna e fazendo Aladdin recuar num pulo, assustado. Abu correu para o seu ombro, guinchando em alerta. Aladdin ficou boquiaberto quando um rugido ecoou da fumaça, cujo som ricocheteou nas paredes e quase o derrubou. Freneticamente, procurou algo com que se defender, uma maneira de se proteger de quem quer que fosse – ou o que quer que fosse – que estivesse oculto pela fumaça. Mas não havia coisa alguma no chão à sua volta. Respirando fundo, Aladdin esperou para ver o que surgiria.

Quando a fumaça se dissipou, lá estava, com quinze metros de altura, um gigantesco homem azul com um redemoinho de fumaça no lugar das pernas. Duas algemas de ouro – uma em cada enorme pulso – brilhavam na penumbra da caverna quando a criatura ergueu os braços para o ar e... se espreguiçou, como se acordasse de um longo cochilo.

– Ó Grandioso que me convoca e Terrível que me comanda – o gigantesco homem azul disse com voz firme. – Eu mantenho o meu juramento. Lealdade ao desejar três... – A voz do homem desapareceu quando ele olhou para baixo e viu Aladdin e Abu. Os dois o estavam encarando com os olhos espantados e as bocas escancaradas. O ser limpou a garganta. – Eu *disse*: “Ó Grandioso que me convoca e Terrível”... – Ele parou outra vez quando sua lengalenga visivelmente bem praticada ainda não estava produzindo uma reação. Suspirou. – Garoto, cadê o seu chefe?

Enquanto olhava para o gigante advindo da lâmpada, a mente de Aladdin estava em turbilhão. O que estava rolando? Como isso aconteceu? Seria outro truque da caverna? Mil perguntas o inundaram, mas por algum motivo ele não conseguia falar. Estava imobilizado no lugar, com os olhos grudados no recém-chegado.

– Se fosse para falar sozinho, eu teria ficado na lâmpada – comentou o grande homem azul. – Só para você saber, sua boca está aberta. Tem baba saindo dela, e nenhuma palavra.

– Eu sou... Eu sou... – Aladdin balbuciou.

– Fale que nem gente grande, rapaz – o homem azul solicitou.

Aladdin balançou a cabeça. O grandalhão tinha razão. Ele não podia ficar ali parado feito estátua. Mas Aladdin não conseguia acreditar no que estava acontecendo.

– Estou falando com um gigante azul fumacento que simplesmente...

O homem azul levantou um dedo e deteve Aladdin. O dedo, que tinha quase o dobro do tamanho do rapaz, impeliu-o a recuar, nervoso.

– Começamos com o pé esquerdo aqui. Eu não sou um gigante, sou um *gênio* – corrigiu. – Existe uma grande diferença. Gigantes não existem. – Vendo que suas palavras pareciam não surtir efeito sobre Aladdin, o Gênio soltou outro grande suspiro. – Qual é o seu nome? – ele

perguntou novamente. Hesitante, Aladdin falou seu nome. O Gênio deu de ombros. – Isso é estranho. Cadê o seu chefe?

– Meu chefe? – Aladdin repetiu, confuso.

O Gênio lançou-lhe um olhar que, se ele já não estivesse se sentindo pequeno, o faria se sentir minúsculo.

– Tenho feito isso há muito tempo – explicou o Gênio. – Sempre tem um cara. Você sabe... um cara... com aquela *expressão* nos olhos. Aquele queixo, as sobrancelhas, rosto bem definido. Ele sempre engana alguém, enterra alguém ou... bem, você entende onde quero chegar. – Ele avaliou Aladdin de cima a baixo. – Você não se encaixa no perfil. Onde está esse cara?

Enquanto o Gênio falava, Aladdin assentiu, a imagem de Jafar se formando em sua mente.

– Ele está lá fora – respondeu Aladdin. O Gênio levantou uma sobrancelha excepcionalmente grande. As argolas de ouro em suas orelhas balançaram quando ele se inclinou um pouco para se aproximar de Aladdin.

– Então... somos só você e eu aqui? – ele perguntou. Abu soltou um guincho irritado, descontente por ser ignorado. O tapete deu de ombros. – E um macaco. Falaremos sobre isso depois. – Ele fez uma pausa, parecendo ver de fato Aladdin pela primeira vez. Seus olhos percorreram os trapos sujos e os pés descalços do jovem, voltando finalmente ao rosto, os olhos mais sábios do que a pouca idade sugeria. – Então, foi *você* quem esfregou a lâmpada? – Aladdin assentiu. – Certo. Fiquei espremido lá dentro por um tempo. Você se importaria se eu desse uma alongada aqui fora?

– Por que está me perguntando isso? – Aladdin questionou.

O Gênio parecia mesmo surpreso com a pergunta de Aladdin.

– Hã... porque você é meu amo! – ele disse. Suspirou e sentou-se com um baque no topo de um dos pilares. Pelo jeito, teria muito o que explicar para esse garoto. Em geral, os caras que esfregavam a lâmpada sabiam com exatidão o que estavam fazendo e o que iam conseguir com aquilo. Mas, olhando para Aladdin, dava para ver que o garoto realmente não estava entendendo... o que representava... aquilo.

Antes, porém, ele precisava se alongar. Ergueu os braços acima da cabeça e depois inclinou-se para o chão, e a caverna ecoou com os estalos de ossos comprimidos que ficaram em confinamento durante muito tempo, conforme se flexionavam e se soltavam. Ouvindo os sons um tanto quanto desagradáveis, incluindo o longo e baixo gemido que o Gênio soltou depois de um alongamento particularmente dedicado, Aladdin franziu a testa.

– Há quanto tempo você está preso aí?

Em resposta, o Gênio ergueu as mãos e, do nada, surgiu um ábaco, as bolas redondas e coloridas deslizando de um lado para o outro, como se efetuassem contas magicamente. Então, um relógio de sol se materializou, seguido por um calendário, cujas páginas se folheavam furiosamente.

– Uns mil anos – o Gênio por fim respondeu.

– *Mil anos?* – Aladdin repetiu, boquiaberto. De alguma forma, isso parecia mais chocante do que as manifestações de magia que acabara de testemunhar.

– Garoto, é impressão minha ou você se surpreende com tudo? – perguntou o Gênio, lendo o olhar de Aladdin. Como Aladdin não respondeu, o Gênio ficou pensativo. Sua expressão ficou mais séria, suas grossas sobrancelhas negras se franziram. Seria mesmo possível que aquele garoto realmente não soubesse quem – ou melhor, *o quê* – ele era? Parecia difícil acreditar, mas... – Sério mesmo? – ele o pressionou. – Gênio. Desejos. Nada disso soa familiar? – Aladdin

balançou a cabeça. Ao lado dele, o macaco fez o mesmo.

O Gênio sacudiu a cabeça. Ele teria de fazer algo a respeito. Levantou um dedo no ar e fez um gesto para que Aladdin, Abu e o tapete esperassem um pouco.

Mas eles não precisaram esperar muito. Quando o Gênio começou a circular pela caverna, o tesouro passou a ganhar vida. Pequenas demonstrações a princípio – um anel batendo em uma bandeja, dois pratos adornados com joias unindo-se como pandeiros, moedas de ouro ficando em pé e rolando por uma pilha de tesouros como um riacho dourado. Olhando para ver se Aladdin estava impressionado, o Gênio franziu a testa. Na verdade, não estava. Mas como ele poderia *não* estar impressionado? Não havia como Aladdin ter tido um amigo remotamente tão incrível, poderoso ou absolutamente extraordinário como o Gênio. O Gênio era lendário. Como Ali Babá e seus quarenta ladrões, ou Scheherazade com seus contos que a mantiveram segura por mil e uma noites, aqueles que tinham o Gênio como amigo contavam com um poderoso aliado.

Com outro movimento mágico de seus dedos, o Gênio jogou Aladdin no lombo de um camelo sendo lavado por uma dúzia de gênios idênticos. Os trapos de Aladdin desapareceram, substituídos pelo traje luxuoso de um xá. A mão do gênio continuou a orquestrar e, uma após a outra, surgiram ilusões mágicas – cada imagem mais grandiosa e mais incrível do que a anterior. Com um último e colossal movimento de sua mão, o ar explodiu em fogos de artifício coloridos que iluminaram a caverna escura e então caíram no chão em uma onda de ouro e prata.

– Uhuu, você já pode bater palmas agora – disse o Gênio, seu espetáculo encerrado.

No mesmo instante, Aladdin e os outros começaram a bater palmas. Até o tapete se juntou a eles, sacudindo suas borlas de empolgação. Nenhum deles vira algo assim. Jamais.

– Obrigado, obrigado – disse o Gênio, fazendo uma reverência. – Você pode me agradecer do lado de fora sob a luz do sol... quando desejar que saíamos daqui.

Aladdin franziu a testa.

– Então, como isso funciona?

– Como é que é? – o Gênio gritou incrédulo. Será que o garoto não tinha acabado de ver sua música e dança? Ele havia explicado tudo. Soltou um grande suspiro. – Tente prestar atenção. Desculpe, como é mesmo o seu nome?

– Aladdin – o jovem repetiu.

– Sim, sim, Aladdin, Aladdin. Rima com... – Ele parou e levou um dedo aos lábios. – Aí está o problema. É sua culpa, não minha. Então, aqui vai o básico. Primeiro passo: esfregue a lâmpada. Segundo passo: diga o que você quer. Terceiro passo... – Ele fez uma pausa e sorriu de forma travessa. – Não tem terceiro passo. Viu só? É fácil *assim*. Você tem três desejos, e eles começam com você esfregando a lâmpada e dizendo: “Eu desejo”, entendeu?

Aladdin assentiu.

– Acho que sim.

Havia, *na verdade*, algumas regras. O Gênio logo as repassou enquanto Aladdin escutava, tentando compreender o que acontecia. Ele estava tentando agir com naturalidade, mas, como o Gênio continuava criando ilusões e falando sobre desejos – e como eles poderiam dar terrivelmente errado –, Aladdin começou a se sentir um pouco sobrecarregado. As regras, aparentemente, foram estabelecidas para *evitar* que as coisas dessem terrivelmente errado. Por exemplo, ele não podia desejar trazer alguém de volta dos mortos nem ver o passado ou enxergar o futuro.

– Normalmente, não tenho que repassar essas regras, porque, no momento em que “o cara” chega até mim, ele geralmente sabe o que quer – prosseguiu o Gênio. Aladdin pensou em Jafar.

Tinha certeza absoluta de que sabia o que o grão-vizir estava querendo. Como se lesse sua mente, o Gênio esclareceu: – Costuma ter a ver com montes de dinheiro e poder. Faça-me um favor, não siga por esse caminho. Juro a você que não há dinheiro e poder suficientes no mundo que o satisfaçam... Entendeu?

Suas regras e regulamentos terminaram, e o Gênio soltou um grande suspiro. Tal qual um balão se esvaziando, ele começou a encolher até que, finalmente, ficou quase da mesma altura que Aladdin. Ainda era muito mais musculoso, no entanto. E muito mais azul.

– Ok, bem... Em primeiro lugar, temos que sair desta caverna – sugeriu Aladdin.

– Não, vamos ficar. É tão frio, úmido, escuro e com cara de masmorra – disse o Gênio com a voz cheia de sarcasmo. – Estou brincando! É hora de irmos. Vamos lá, garoto, deseje que saíamos daqui! – Ele bateu as palmas das mãos e as torceu com nervosismo.

O gesto não passou despercebido para Aladdin, assim como o fato de o Gênio ter estado preso durante mil anos. Ele queria sair daquela caverna mais do que qualquer outra coisa – provavelmente mais do que Aladdin queria fazer um desejo. O pivete dentro de Aladdin se animou.

– Tenho que pensar sobre isso. Quero dizer, se só tem três... – ele disse, passando a impressão de que estava pensativo, como se ponderasse sobre uma importante escolha de vida. – Por que são apenas *três*, afinal? – Ele levantou a lâmpada e moveu-a para cima e para baixo. Deu de ombros, pouco impressionado.

– Eu não sei – disse o Gênio, frustrado por receber uma pergunta em vez de um desejo. Deu de ombros. – Quem se importa?

– De onde ao menos vem esse poder cósmico? – Aladdin insistiu.

O Gênio gemeu de frustração.

– Poder cósmico? Por que você está perguntando sobre poder cósmico? Vamos levar isso lá para fora, para o sol.

– Só quero saber como funciona – insistiu Aladdin, encolhendo os ombros.

– Eu não sei! – gritou o Gênio, com a paciência esgotada.

Aladdin conteve um sorriso. O Gênio estava caindo nessa perfeitamente.

– Não sabe? – ele prosseguiu, colocando a mão sobre o coração como se estivesse chocado. – Pensei que fosse um sabe-tudo.

O Gênio balançou a cabeça.

– Eu nunca disse que era um sabe-tudo – ele corrigiu. – Disse *todo-poderoso*. Por que está bancando o difícil para desejar?

– Então, o que acontece quando você encontra outro gênio? – Aladdin continuou, provocando o ser mágico. – Se você é o mais poderoso...

– Se eu estou fora e um gênio me confronta, porque gênio reconhece gênio... – O Gênio se deteve e balançou a cabeça. Estava farto daquela conversa. Era hora de seguir em frente. – Você está fazendo meu coração doer neste exato momento. Olha só, sei que não consegue perceber, mas estou bem pálido agora. – Ele estendeu um braço azul e o sacudi diante do rosto de Aladdin. – Isto aqui é azul-celeste, mas minha pigmentação natural é azul-marinho. Nós precisamos de um pouco de sol.

Distraído por seu próprio tom de azul mais claro do que o desejado, o Gênio não notou quando Aladdin deslizou habilmente a lâmpada de suas mãos para a mão estendida de Abu. Com a lâmpada seguramente fora de suas mãos, ele assentiu.

– Gênio – ele disse –, desejo que você nos tire desta caverna.

– Isso! *Bum!* – exclamou o Gênio, batendo palmas animadamente. – Ele fez o seu primeiro desejo. Nunca deixe a lâmpada fora de sua vista. Sem lâmpada, sem desejo. – Ele olhou ao redor. Avistando o tapete e Abu, gesticulou para que subissem na peça. Abu pulou na parte de trás do tapete e, logo em seguida, Aladdin fez o mesmo. Conforme o gênio começou a agitar as mãos no ar, soltou uma risada. – Obrigado por escolher tapetes, camelos e caravanas. Não se esqueçam de dar uma gorjeta ao seu gênio!

Lentamente, eles se ergueram no ar, o Gênio ao lado deles. Em instantes, estavam zunindo direto para cima – para o que parecia ser rocha sólida! Mas, para a surpresa de Aladdin, quando o Gênio atingiu a rocha, ele simplesmente desapareceu *dentro dela*. Em seguida, um buraco se abriu, largo o bastante para permitir que o tapete – com seus passageiros – passasse. À frente deles, o Gênio perfurava a rocha, cavando-a e atravessando-a até que, enfim, a última rocha se despedaçou e eles irromperam no céu aberto e iluminado pelo sol.

O Gênio tinha conseguido! Eles estavam livres!

Capítulo Onze



–Rapaz! Olha só este mundo!

Aladdin, que tivera a infelicidade de ser atirado sem cerimônia para fora do tapete depois de sair da caverna, levantou-se, limpando a areia das calças. Ao lado dele, Abu o imitou. Então, os dois se viraram a fim de fitar o Gênio, que estava nadando no ar, executando manobras e mergulhos como um pássaro engaiolado que havia sido libertado.

– É tão... grande! – exclamou o Gênio. – Dentro da lâmpada, tudo é latão, latão... e, oh, veja, mais latão. – Ele fez uma pausa, como se tentasse pensar em qualquer outra coisa que pudesse haver na lâmpada. Sem conseguir lembrar-se de mais nada, deu de ombros e flutuou para baixo até ficar ao lado de Aladdin. – Esse é o problema de se ter uma vida de gênio: poderes cósmicos fenomenais, acomodações mínimas.

Pegando a lâmpada, que saíra intacta da caverna com Abu, Aladdin a ergueu sob o sol.

– Então, isto é mágico – ele perguntou –, ou você é que é mágico?

– É meio que o pacote completo – respondeu o Gênio. Ele estalou os dedos e uma tenda surgiu sobre eles ao mesmo tempo que Aladdin viu-se sentando em uma cadeira.

– Você pode me avisar da próxima vez? – resmungou Aladdin, embora devesse admitir que era um alívio ficar fora do sol direto do deserto. Não tinha adorado a caverna fria, mas não apreciava muito ficar cozinhando debaixo do sol também. – Então, tenho que fazer todos os meus desejos aqui? – ele perguntou, gesticulando para o deserto vazio. – Quero dizer, se eu levar você para Agrabah, as pessoas não vão...

O Gênio não o deixou concluir.

– Não, não, não – interrompeu ele. – Posso adotar uma aparência totalmente normal. – Como se para provar isso, efetuou uma nova transformação em si mesmo, virando um humano que trajava uma roupa azul elaborada e exagerada. Em sua cabeça, usava um turbante gigantesco.

Mas ele ainda estava azul. E ainda era enorme.

Aladdin levantou uma sobrancelha.

– Totalmente normal.

Olhando para a grande mão azulada, o Gênio agitou-a no ar de novo. Dessa vez, quando a fumaça mágica desapareceu, o Gênio se transformou em um humano de tamanho normal com um turbante menor.

Ainda estava azul.

O Gênio agitou a mão mais uma vez.

Quando a fumaça se dissipou, o Gênio, agora parecendo um humano normal usando um turbante de tamanho normal, assentiu com satisfação.

– E aí... o que você vai desejar?

Aladdin deu de ombros.

– Realmente não pensei sobre isso – disse ele. Não era *inteiramente* verdade. Com certeza ele havia passado algumas noites deitado em sua torre, desejando que as coisas fossem diferentes. E passara muitos dias furtando comida enquanto se perguntava: *E se...?* Mas, para ser sincero, jamais havia pensado que desejar o levaria a algum lugar...

O Gênio balançou a cabeça diante da resposta de Aladdin.

– Sem dúvida, você *não é* “aquele cara” – observou. Mas, se por um lado seu tom de voz era desaprovador, por outro, Aladdin não pôde deixar de notar que um toque de respeito brilhou nos olhos do Gênio.

– O que você desejaria? – Aladdin perguntou.

O Gênio pareceu surpreso.

– Uau... – soltou depois de uma pausa. – Ninguém nunca me perguntou isso antes. Mas essa é fácil. Ser livre. Ser meu próprio amo. Ser humano.

– Por que você simplesmente não se liberta? – questionou Aladdin, confuso. Não era essa a vantagem de ser todo-poderoso? Poder fazer o que quisesse?

O Gênio riu alto, o som ricocheteando nas dunas de areia e ecoando de volta para eles. Por fim, recompôs-se, cutucou com o cotovelo o tapete ao seu lado.

– Ouviu essa, Tapete? – O tapete fez um sinal afirmativo, visivelmente entendendo a piada que Aladdin não havia sacado. Olhando para Aladdin, o Gênio explicou: – A única maneira de um gênio se libertar é se o dono da lâmpada usar um de seus desejos para libertá-lo, e isso acontece tipo... nunca...

– Eu vou fazer isso – assegurou Aladdin, interrompendo-o. – Tenho três, certo?

– Dois – o Gênio o corrigiu. – Você já usou um.

Aladdin levantou uma sobrancelha, um sorriso travesso repuxando seus lábios.

– Usei, é? – questionou ele. – Ou foi você? Pensei que *eu* tinha que esfregar a lâmpada.

O Gênio estreitou os olhos. Então, lançou a mão ao ar. O mundo ao redor do grupo pareceu parar. Uma imagem do que acontecera na caverna materializou-se e Aladdin viu todos eles – o Gênio, ele próprio, Abu, o tapete – juntos. Tratava-se do momento pouco antes de eles terem escapado da caverna. Enquanto observava, a cena começou a se desenrolar no sentido inverso e mostrou-o passando sorrateiramente a lâmpada a Abu. Logo em seguida, o Gênio virou fumaça e eles escaparam.

Quando a cena terminou, a imagem desapareceu com uma nuvem de fumaça.

– Uau – surpreendeu-se o Gênio. – Jovem das ruas, hein? Vou ter que ficar de olho em você... – Ele assentiu, parecendo impressionado.

Aladdin deu de ombros.

– Pelo menos posso usar o terceiro desejo para libertá-lo.

O Gênio ergueu a cabeça, seus olhos, agora com uma tonalidade humana de castanho, fitando Aladdin com uma mistura de esperança e preocupação. Então, o resquício de esperança desapareceu e ele suspirou.

– O que é interessante com relação aos desejos – ele disse, sua voz ressoando mil anos de experiência – é que, quanto mais você ganha, mais quer. Você tem que tomar muito cuidado com eles. Já os vi levar pessoas à loucura.

Aladdin balançou a cabeça.

– Não comigo – então ele fez uma pausa, sem saber ao certo se deveria prosseguir. Mas o Gênio lhe dissera que poderia desejar qualquer coisa. Que bem faria desperdiçar esse tipo de presente? Em especial... Seu olhar ficou perdido enquanto ele pensava na única coisa que o faria verdadeiramente feliz.

Vendo a expressão em seu rosto, o Gênio sorriu. Conhecia aquele olhar.

– Quem é a garota? – perguntou. Voando até ele, o tapete mergulhou embaixo do Gênio, que se deitou, apoiando a cabeça nas mãos. Então, olhou de baixo para Aladdin, lembrando muito um adolescente que esperava ouvir as últimas fofocas.

As bochechas de Aladdin ficaram vermelhas.

– Ela é uma princesa...

– Todas são. – O Gênio assentiu. – Trate a sua dama como uma rainha, é o que eu digo.

– Não, ela é uma princesa *de verdade* – Aladdin o corrigiu.

Tirando a cabeça das mãos, o Gênio se sentou.

– Eu lhe disse que não posso fazer ninguém amar ninguém, por isso, se ela não estiver apaixonada por você, não tenho como intervir.

– Nós tivemos uma conexão – argumentou Aladdin.

O Gênio olhou para Abu.

– Eles tiveram? – ele quis saber.

Abu franziu a testa, mas assentiu com relutância.

Ignorando o macaco, Aladdin continuou.

– Ela é inteligente, gentil e bela... mas tem que se casar com um príncipe... – Sua voz foi sumindo e seus olhos brilharam. – Ei! Você pode me tornar um príncipe?

O Gênio sorriu. Essa era uma pergunta razoável. Na verdade, ele *poderia* tornar Aladdin um príncipe, informou, mas era prudente ter cuidado na formulação. Enquanto Aladdin ouvia, o Gênio salientou que, ao longo dos anos, tinham-lhe feito a mesma pergunta – ou perguntas semelhantes – inúmeros outros homens. Mas nem sempre deu certo, porque eles não sabiam o que, ou melhor, *como* pedir da maneira correta. Um homem disse ao Gênio: “Faça-me um príncipe”, e então o Gênio fez isso mesmo – literalmente. Fez um príncipe *para* ele. Assim, o homem acabou arrastando para lá e para cá esse cara da realeza. Outro indivíduo desejou ser irresistível para as mulheres. Não durou muito. Noventa segundos, para ser exato.

– A moral da história é – disse o Gênio quando concluiu sua advertência – seja muito específico com as palavras. Você quer *se tornar* um príncipe. – Ele lançou a Aladdin um olhar sério. – Espere um pouco. Se ela já gosta de você, tem certeza de que quer...

– Ela precisa se casar com um príncipe – insistiu Aladdin, cortando-o. Ele ouvira as advertências, e isso não importava. Ele sabia o que queria, do que precisava. Já que teria o poder de um gênio por trás dele, poderia muito bem usá-lo em seu favor.

O Gênio assentiu.

– Tudo bem. Posso fazer isso. Você só precisa pronunciá-lo como um desejo oficial para que eles comecem a contar, o que eu, de agora em diante, estou fazendo. – Ele lançou a Aladdin um olhar severo.

Aladdin sorriu envergonhado. Merecia aquele olhar. Respirando fundo, olhou diretamente para o Gênio.

– Eu desejo...

– A lâmpada! – o Gênio o interrompeu, apontando para as mãos vazias de Aladdin.

– Perdão, isso mesmo – Aladdin se desculpou. Apanhando a lâmpada do chão, respirou fundo novamente. Então, começou a esfregar suas laterais de latão. Enquanto o metal aquecia sob seu toque, Aladdin sentiu um arrepio de medo. E se o que quer que o Gênio fosse fazer machucasse? Ou, pior, e se ele terminasse como um daqueles caras que não disseram a coisa certa? Ou, pior ainda, e se ele se tornasse um príncipe e Jasmine não quisesse nada com ele? Ele balançou a cabeça, afastando as dúvidas. Teria de descobrir de um jeito ou de outro. Não tinha nada a perder. – Gênio – declarou. – Eu gostaria de me tornar... um príncipe.

O Gênio sorriu e avisou:

– Vou precisar de um pouco de espaço para trabalhar.

Antes que Aladdin pudesse perguntar por quê, a areia, o sol e tudo ao seu redor desapareceram em uma nuvem de fumaça azulada.

Capítulo

Doze



Jasmine estava parada em pé na porta do refúgio sagrado de seu pai, olhando o sultão por um momento. Sem saber que estava sendo observado, o velho sentou-se à mesa. Nas mãos, segurava um pedaço de papel, desgastado devido às muitas leituras. Ele suspirou, seus olhos marejando de emoção enquanto os dedos percorriam a escrita. Era uma das últimas cartas que a mãe de Jasmine havia escrito para ele.

Observando-o, Jasmine sentiu algo familiar mexer com seu coração. Sua mãe havia sido a rocha na qual ela e o pai se apoiavam. A morte prematura dela havia partido seus corações e os deixado à deriva. Nenhum dos dois ficou à vontade procurando consolo um do outro, então cada qual encarou o luto sozinho. No caso de Jasmine, a tristeza havia sido externada, e ela canalizou sua energia para aprender sobre o reino. Para o sultão, a tristeza havia sido introjetada, e ele havia se isolado dos outros, confiando a governança do dia a dia a Jafar.

Na opinião de Jasmine, fazer isso tinha sido um erro terrível.

Um erro que ela gostaria muito de remediar.

– Baba – Jasmine disse suavemente, para não assustar o pai. O sultão fitou-a quando ela entrou na sala. Raja vinha logo atrás, o enorme felino completamente confortável e à vontade no refúgio. – Estive pensando – ela prosseguiu. – Talvez este ano pudéssemos transferir o Festival da Colheita de volta para fora do palácio, como costumava ser.

O sultão suspirou, estendendo a mão para afagar Raja. O movimento foi bem executado, e o tigre ronronou, pressionando seu corpo contra a perna do sultão, como se fosse um gatinho doméstico.

– É uma boa ideia, Jasmine – reconheceu ele. – Mas a cidade é muito perigosa agora.

Jasmine balançou a cabeça. Suas mãos se cerraram ao longo do corpo.

– Você deveria ir à cidade – ela argumentou. – Ver o que Jafar tem feito com ela... – Não conseguiu concluir a frase.

– Meu sultão – disse o próprio grão-vizir, entrando no quarto e interrompendo-a. Atrás dele, Hakim o acompanhava, Iago voando logo acima. – Sofri um atraso na cidade devido a um assunto urgente.

Jasmine estreitou os olhos para o homem.

– Que assunto urgente? – questionou ela, com a voz carregada de suspeita. Um pensamento, fugaz e um tanto improvável, ocorreu-lhe. Estaria Jafar por trás do excessivo número de guardas que acabaram perseguindo Aladdin e ela? Teria descoberto de alguma forma que era ela? Então,

balançou a cabeça. Não queria dar tanto crédito ao grão-vizir.

– Você não compreenderia os perigos da cidade, princesa, aventurando-se raras vezes como faz – disse Jafar, a condescendência praticamente escorrendo dele. Então, uma expressão maligna brilhou em seus olhos. – Mas, pensando bem, ouvi sobre uma incursão recente...

Jasmine gelou.

– O quê? – surpreendeu-se o sultão, virando rápido a cabeça em direção à filha.

Jafar assentiu.

– Hakim a viu sozinha no mercado – revelou ele.

– Eu lhe disse, você *não* deve sair deste palácio! – vociferou o sultão, sem quaisquer vestígios de doçura.

Reprimindo um gemido, Jasmine olhou do pai para o grão-vizir e vice-versa. Como seu pai podia ser tão cego? E como o grão-vizir poderia tê-la descoberto? E, o mais importante de tudo, como ele poderia ser tão verdadeiramente perverso? Isso era *exatamente* o que Jafar queria. Queria Jasmine aprisionada e o sultão como seu fantoche.

– Você não faz ideia do que está acontecendo lá fora! – Em desespero, ela olhou para o chefe da guarda. Houve uma época em que era nele, e não em Jafar, que o sultão confiava acima de todos os outros. – Hakim, diga a ele! Diga ao sultão o que Agrabah se tornou. Diga a ele que esta não é a cidade em que você cresceu.

Mas Hakim permaneceu em silêncio, e os apelos de Jasmine não obtiveram resposta.

O sultão, pelo que parecia, tinha ouvido cada uma das palavras, mas não se importava com tais protestos. Ainda estava concentrado no fato de que ela saíra escondida.

– Encorajei seu interesse nesses assuntos, desde que não ameaçassem a sua segurança. Mas já chega. – Ele ajeitou o turbante e estufou o peito com uma atitude que fez Jasmine saber que ele não estava para brincadeiras. – Você deve ficar dentro dos muros do palácio, está me ouvindo?

– Colocarei mais guardas do lado de fora dos aposentos da princesa agora mesmo – prontificou-se Jafar, sem se preocupar em esconder o prazer que a declaração lhe proporcionava.

Antes de sair do quarto, Jasmine olhou por cima do ombro e lançou a Jafar um olhar repleto de ódio. Mas ele não viu; já estava ocupado demais conferenciando com o sultão. Pouco antes de ela sair do refúgio, escoltada por Hakim, ouviu o pai suspirar.

– Talvez ela esteja certa – ouviu-o dizer, e uma esperança brotou em seu peito. – Talvez tenhamos nos tornado menos envolvidos. Jasmine é inteligente, como a mãe dela. Quem sabe poderíamos usá-la em nossas reuniões do conselho?

Infelizmente, Jasmine nunca chegou a ouvir a resposta do grão-vizir. No entanto, podia imaginá-la muito bem. Mais algumas desculpas, palavras sobre as mulheres não estarem em condições de governar e a frase martelada que ela passou a odiar – que eles só precisavam encontrar um príncipe para ela.

Eles podem tentar todos que quiserem, Jasmine pensou enquanto seguia Hakim em direção aos seus aposentos, mas vou continuar a rejeitá-los, um a um. Não há nenhum príncipe por aí com o qual eu esteja disposta a me casar. Nunca.



Aladdin estava começando a se perguntar se o Gênio era mesmo todo-poderoso e não apenas “todo-presunçoso”. Apesar de ter formulado o seu desejo de se tornar um príncipe alguns minutos antes, o Gênio parecia não estar fazendo outra coisa senão deslocando-se com ele e Abu

para lá e para cá entre várias árvores solitárias e a tenda. Nada de fumaça azulada. Nada de abracadabra. Nada de magia. E eles acabaram exatamente onde já tinham estado antes – no meio do deserto, o sol castigando-os.

Estalando os dedos, o Gênio fez surgir um espelho ornamentado. Segurando-o, mostrou a Aladdin seu reflexo. Os olhos de Aladdin se estreitaram. Aparentemente, o Gênio *estava* fazendo alguma coisa – estava fazendo Aladdin parecer um príncipe. Ou melhor, a versão do Gênio de um príncipe. As roupas velhas de Aladdin – a camisa simples, as e calças beges com o cinto verde e o colete vermelho que ele usara durante a maior parte de sua vida – tinham desaparecido. Agora ele vestia outra coisa, mas não tinha certeza de como chamar aquilo. Tudo o que podia ver era que envolvia um monte de cores berrantes, um adereço exagerado para a cabeça e muitas joias.

Ao perceber o olhar inexpressivo no rosto de Aladdin, o Gênio suspirou.

– Obviamente, fora de moda. – Ele levantou um dedo e começou a andar ao redor de Aladdin, como um pintor observando a imagem a ser retratada. – Estou sentindo um roxo-pervinca. Não, verde-paris... Cereja? – Outro estalo de seus dedos e a roupa que Aladdin estava usando mudou. Só que agora ele estava vestindo trajes vibrantes com um chapéu gigante.

– Este chapéu é enorme! – Aladdin disse, nem um pouco impressionado. De novo.

O Gênio assentiu com relutância. O garoto estava certo. Não estava com uma aparência boa. Ele fez aparecer e desaparecer uma dúzia de trajes diferentes enquanto Aladdin ficava ali parado feito um manequim humano.

– Os contornos estão todos errados, as cores, incompatíveis com o tom da pele, a silhueta é confusa. Não é a sua cara! – À medida que o Gênio ia ficando cada vez mais frustrado, as roupas iam ficando mais extravagantes até que, com um grito, ele jogou as mãos ao alto. – Eu sei... Tem que ser claro, limpo e clássico. Neutro para o deserto, marfim, bege, osso... – Ele soltou um suspiro quando a resposta lhe ocorreu. – BRANCO! E a multidão vai à loucura! O Gênio está com a bola toda, pessoal! – Com outro estalo dos dedos do Gênio, as roupas passaram por uma última transformação. Quando estava completa, os farrapos monótonos de Aladdin foram substituídos por um traje branco simples de corpo inteiro com um turbante de tamanho perfeito. Por alguns instantes, o Gênio dançou ao redor, elogiando sua própria genialidade. Por fim, parou e olhou para Aladdin, que estava encarando seu reflexo no espelho. – Então, o que achou?

– Eu gostei – reconheceu Aladdin, passando as mãos pelo tecido liso e fresco. Era confortável, fácil de vestir. – Acho que é a minha cara.

– É claro que você gostou – disse o Gênio, com um sorriso convencido. – Fui eu que fiz.

– Mas as pessoas não vão me reconhecer? – questionou Aladdin. Apesar de não estar decepcionado com a transformação, não era como se o Gênio o tivesse mudado por completo. Ele simplesmente trocara suas roupas. Se alguém que ele conhecia o visse, não seria tão difícil assim perceber quem ele era de fato – ou melhor, quem estava *fingindo* ser.

O Gênio não parecia preocupado.

– Ninguém vai reconhecê-lo – ele garantiu, confiante. – É assim que funciona a magia dos gênios. – Ele estalou os dedos, e o espelho cravejado de pedras preciosas ficou maior.

Aladdin olhou para o seu reflexo. Ergueu uma sobrancelha. O Gênio estava certo. De alguma forma, ele era ele – mas também *não era* ele. Era como se uma luz tivesse sido acesa em seu interior e ele fosse uma versão mais refinada e radiante do homem que tinha sido. Em conjunto com as roupas, não havia como alguém confundir-lo com o pivete Aladdin.

– Quem sou eu? – por fim perguntou.

– Príncipe Ali – o Gênio respondeu sem hesitação. Então, fez uma pausa. – De... Ababwa. Aladdin inclinou a cabeça.

– Esse lugar é real?

– É real o suficiente – disse o gênio, dando de ombros. Curvando-se, olhou para o espelho junto de Aladdin. – Tudo depende de como você se mostra ao mundo.

Devagar, Aladdin assentiu. Estava começando a entender. Bastava fingir o suficiente e acreditar o suficiente, e ele poderia ser quem quisesse. Parecia simples.

– Mas e quanto ao transporte? – perguntou. Tinha visto a chegada de príncipes. Eles nunca chegavam à cidade *andando*.

– Um príncipe precisa de transporte! – concordou o Gênio. – O que exprime a ideia de “homem do povo”? Algo elegante, discreto... – Ele examinou a área, e seus olhos enfim se detiveram em Abu. Analisou o macaco por um longo momento e depois deu de ombros. O macaco teria de servir. Erguendo a mão, o Gênio direcionou, por fim, uma nuvem de fumaça a Abu. Enquanto Aladdin observava, Abu começou a se transformar. Seu nariz ficou mais comprido, os membros se esticaram e então as orelhas se estenderam. Quando a fumaça se dissipou, Abu havia se transformado de macaco para elefante.

Satisfeito com seu trabalho, o Gênio assentiu. Havia só mais uma coisa a fazer. Seu príncipe já estava com as roupas e tinha sua montaria. Agora, só precisava de uma comitiva para completar o pacote. Erguendo ambas as mãos, o Gênio começou a levantar a areia ao redor deles. A princípio, formas borradas e indistintas surgiram; então, a areia foi se alterando e se moldando e ficando nítida. Primeiro, instrumentos; em seguida, soldados; e, finalmente, dançarinos e animais exóticos saltitantes. Era um desfile de proporções épicas e de cair o queixo. Exatamente o tipo de desfile necessário para o recém-coroadado príncipe Ali de Ababwa.

Aladdin sorriu. Jasmine precisava se casar com um príncipe? Bem, o Gênio fez dele um príncipe. Agora, só precisava convencer uma cidade inteira de que merecia esse título – e, o mais importante, convencer Jasmine.



O que Aladdin não sabia, pelo menos não até que fosse tarde demais, era que o Gênio não ia apenas transformá-lo em um príncipe qualquer, mas ia fazer dele *o maior príncipe de todos os tempos*. Quando se aproximaram da cidade, o Gênio contou a Aladdin sobre seu plano de “apresentar” o príncipe Ali a Agrabah. Um plano que envolvia um desfile enorme e elaborado, que continuava a crescer enquanto caminhavam.

Quando chegaram aos portões da cidade, Aladdin tinha um zoológico de setenta e cinco camelos dourados, mais de quatro dúzias de pavões roxos e inúmeros outros animais exóticos. Tudo feito magicamente, é claro, e conduzido pelo elefante Abu, que parecia bem contente com o seu novo visual, pavoneando-se orgulhosamente. E os animais eram apenas uma pequena parte do desfile. Havia dezenas de pessoas dançando e entoando o nome dele. Havia uma banda de metais, padeiros, cozinheiros e até mesmo pássaros que cantavam melodiosa-mente nos momentos certos.

Irrompendo pelos portões, o Gênio disfarçou a si mesmo entre a crescente multidão de espectadores curiosos e espalhou rumores sobre as façanhas de força e grande generosidade do príncipe Ali. Contou a grupos de mulheres as histórias do coração romântico de Ali e se gabou para homens invejosos de como o príncipe combatera uma horda de cem saqueadores munidos

de espadas. Tudo sem suar a camisa.

Quando afinal chegaram ao palácio propriamente dito, toda a cidade estava alvoroçada e já encantada com o belo, generoso, valente e humanitário príncipe Ali de Ababwa.

Capítulo Treze



Jasmine testemunhara a chegada do príncipe Ali. No entanto, ao contrário de seu povo, que parecia muito ansioso para se apaixonar por seu desfile de animais e pelas palavras sussurradas de seus fabulosos feitos, ainda não havia decidido como se sentia sobre o misterioso príncipe. Ela tinha visto homens desempenharem papel de tolo antes. Esse príncipe não estava fazendo nada diferente, apenas a escala era maior.

Seguindo o pai até o Grande Salão, Jasmine tomou seu lugar ao lado dele. Do outro lado, Jafar aproximou-se furtivamente, com o cenho franzido, Iago empoleirado em seu ombro. Juntos, o trio se virou para observar enquanto o príncipe se dirigia até eles pelo longo corredor. Quando chegou, fez uma reverência – e pareceu emperrar, com o rosto na direção do chão até que seu assistente o cutucou. Os olhos de Jasmine se estreitaram enquanto observava a interação entre o príncipe e seu pajem. O príncipe parecia estranhamente desconfortável, e o pajem, um pouco... azul.

– É uma honra recebê-lo em Agrabah, príncipe Ali – saudou-o o sultão, uma vez concluída a reverência exagerada.

– Estou tão... honrado quanto você, senhor – gaguejou o príncipe. – Senhor, Alteza, senhor.

Jasmine não pôde deixar de sorrir. Havia algo estranhamente encantador no desajeitado príncipe. Jafar, no entanto, não parecia se sentir da mesma maneira. Deu um passo à frente, medindo o recém-chegado com desconfiança.

– Temo não estar familiarizado com Ababwa – disse ele. Iago voou até o príncipe e bicou o seu turbante.

– Fica ao norte – adiantou-se o pajem do príncipe, enquanto, ao mesmo tempo, o príncipe Ali afirmava:

– Fica ao sul. – Jasmine o viu lançar um olhar feio para o pajem. – Ababwa tem um norte e um sul – ele corrigiu.

– O mundo está mudando tão rapidamente – constatou o sultão, ignorando a resposta estranha do príncipe e a suspeita de seu grão-vizir. Ficara bastante cativado com o príncipe Ali e seu cortejo, e queria dar ao jovem rapaz, e um tanto quanto impressionante, a chance de conquistar sua filha. – Parece que surge um novo país todos os dias.

Aladdin assentiu. Mas, então, ficou parado ali. Um silêncio constrangedor se estendeu pelo Grande Salão. Jasmine percebeu como mais uma vez o príncipe e seu pajem trocaram olhares significativos. Então, o pajem pigarreou e sibilou, num sussurro mal disfarçado:

– Diga a ele que você trouxe alguns presentes.

– Oh! Certo! Nós trouxemos coisas. Presentes. – Na mesma hora, uma fileira de criados se adiantou e começou a apresentar itens para o sultão e Jasmine. – Nós temos... sedas... e especiarias... e colheres. Colheres minúsculas. Algumas compotas?

– Compotas? – Jafar repetiu.

O príncipe corou numa miríade de tons de vermelho e olhou para o seu pajem com uma expressão que gritava: *Me ajude!* Sem receber qualquer assistência em retorno, no entanto, deu de ombros e então assentiu.

– Compotas de batata-doce, compotas de figo, compotas sem sementes... – Sua voz foi sumindo à medida que ele aparentemente não conseguia pensar em mais nenhum sabor.

Jasmine outra vez conteve uma risada. Esse príncipe era o mais estranho que já conhecera. Parecia nunca ter apresentado um presente em sua vida. E, pela forma como olhava para as especiarias e iguarias delicadas com um ar faminto, parecia também que ele não comia nada havia um bom tempo.

Mudando de posição desconfortavelmente, o príncipe Ali continuou sua apresentação. Jasmine aguardou. Ele podia não agir como um príncipe, mas era um, no entanto, o que significava que, mais cedo ou mais tarde, ia lhe entregar umas joias ou algum presente exagerado para tentar conquistá-la e ganhar seu coração. De fato, como se fosse a deixa, ele apontou para um dos itens que estavam sendo oferecidos agora.

– Não sei o que é isso – disse ele –, mas aposto que é caro.

– E o que você pretende comprar com essa coisa “cara”? – Jasmine perguntou. Atrás dela, ouviu Dália suspirar de desgosto. A criada sabia exatamente o que Jasmine estava fazendo.

O príncipe Ali, no entanto, caiu direto na armadilha dela. Olhando para cima, ele corou.

– Você – respondeu ele. Suas bochechas ficaram ainda mais carmesim. – Quero dizer... um momento com você?

Jasmine levantou uma sobrancelha perfeitamente delineada.

– Está sugerindo que estou à venda?

– Não! – o príncipe exclamou, parecendo mortificado. – Eu... não....

Jasmine não permitiu que ele continuasse. Sacudindo sua longa e grossa trança escura por cima do ombro, virou-se e começou a caminhar pelo corredor, deixando os homens para trás. Dália a acompanhou, mas não sem antes lançar ao pajem do príncipe um olhar interessado.

– Hã, não foi o que... eu quis dizer – Jasmine ouviu o príncipe falar enquanto se afastava. Seu passo vacilou e, por um ínfimo momento, ela cogitou retornar. Mas então seu pai falou por ela.

– Não se preocupe – disse o sultão. – Haverá outra chance de conversar. Esperamos que se junte a nós hoje à noite, príncipe Ali, quando celebrarmos nossa colheita.

Jasmine não ouviu a resposta do príncipe. Tudo o que conseguiu ouvir foi a batida raivosa de seu coração, quando mais uma vez se tornava um peão num jogo político. Um jogo que ela não tinha chance alguma de vencer. Um jogo que não lhe dava chance para nada.



Aladdin olhou pela janela da acomodação para hóspedes, indiferente ao seu entorno exuberante e luxuoso. Tudo em que conseguia pensar era como tinha estragado majestosamente seu primeiro encontro com Jasmine enquanto príncipe Ali. A coisa toda não poderia ter sido pior. Solto um gemido e estendeu a mão, jogando seu turbante no chão.

Atrás dele, ouviu as risadinhas de várias criadas enquanto tentavam lhe oferecer um lanche.

Mas elas foram recebidas pelo Gênio.

– Obrigado, é muita gentileza – disse ele, fitando as apetitosas bandejas. – Mas alguém andou se comportando muito mal e não merece nada disso. Então, obrigado, senhoritas, até mais.

Aladdin se virou bem a tempo de ver as criadas – e a comida – saindo pela porta.

– Estou com fome! – disse ele, percebendo o tom lamentoso em sua própria voz. Abu, que havia voltado a ser um macaco, acrescentou seu próprio protesto, guinchando com raiva e levantando a mãozinha em direção à comida.

O Gênio olhou para Aladdin e levantou uma sobrancelha.

– “E o que você pretende comprar com essa coisa cara?”, “Você!” – arremedou, repetindo a conversa terrivelmente estranha.

– Foi um mal-entendido – explicou Aladdin, mas as palavras soaram vazias. Ambos sabiam que não tinha sido apenas um mal-entendido, mas um desastre.

– Você me fez parecer um gênio ruim – observou o Gênio, concordando com os pensamentos de Aladdin. – Se eu soubesse que você era tão ruim assim com as mulheres, teria repensado a estratégia, feito algo quando você não falou.

– Bem... – Aladdin começou a dizer, tentando pensar em como se defender.

As sobrancelhas do Gênio ergueram-se magicamente para fora de seu rosto. Então, ele balançou a cabeça.

– Você já disse o bastante por hoje. Agora você tem mais uma chance hoje à noite, nessa festa. Mas preciso que vá se sentar no canto e se concentre no segundo round. – O Gênio apontou para o canto mais distante da torre. Então, desabou em uma poltrona e se espreguiçou. – Vou me deitar aqui, fechar os olhos e esquecer o fiasco desta tarde.

Ele se ajeitou com o objetivo de descansar, porém sentou-se logo em seguida, quando, lá fora, fogos de artifício começaram a explodir no céu.

– Oh! – o Gênio gritou. – Adoro fogos de artifício. Nada melhor do que uma festa. Vamos lá...

Aladdin assentiu. Era agora ou nunca. Mostraria para Jasmine que ele ainda era *ele* – só que melhor. Continuaria de onde tinham parado, encontrar aquela faísca e a conexão que tinham surgido tão facilmente quando ele era apenas Aladdin.

Ele só não sabia ao certo como...

Por sorte, o Gênio não ia ficar parado e deixar que ele se debatesse como um inseto se afogando. Anunciou que teriam um rápido treinamento pela frente – na arte de falar e de cortejar uma princesa. Enquanto os fogos de artifício continuavam a estourar, eles praticaram cumprimentos e maneiras fáceis de iniciar uma conversa. O Gênio fez livros aparecerem do nada para que Aladdin pudesse ler sobre o que estava acontecendo no mundo. “Ela vai gostar de um príncipe que saiba de alguma coisa”, assegurou o Gênio. “Confie em mim.” E, quando essa parte do treinamento acabou, Aladdin permitiu-se ser vestido, enfeitado e arrumado à perfeição, então, quando finalmente desceram para o Festival da Colheita, Aladdin sentiu como se sua pele tivesse sido jateada, seu cabelo, arrancado, e como se os seus olhos estivessem em chamas. Mas pelo menos ele parecia da realeza. Ou foi o que o Gênio lhe dissera.

Eles saíram do quarto de hóspedes e se dirigiram à comemoração. Adentrando o pátio do palácio, Aladdin respirou fundo. Pela primeira vez naquele dia, parou e se permitiu olhar em volta. Realmente olhar em volta. O céu noturno estava sem nuvens, as estrelas brilhavam intensamente e a lua pairava sobre o palácio como se fosse seu lustre pessoal. Comensais vestidos com cores alegres, com joias reluzindo em suas mãos e ao redor do pescoço, passeavam

sob flores perfumadas e passavam por pássaros exóticos. Era a coisa mais linda que Aladdin já vira.

E, então, ele se virou e viu Jasmine.

Seu queixo caiu.

Seu coração começou a acelerar.

Suas palmas ficaram suadas.

E ele tinha certeza absoluta de que queria vomitar.

O palácio e os jardins ficaram ofuscados em comparação à beleza de Jasmine. Ela parecia saída de um sonho. Suas vestes turquesa – complementadas com calças com estampa de pavão e capa transparente – cintilavam e reluziam quando começou a se movimentar pela festa, capturando a iluminação da lua lá no alto e das velas sobre as mesas. Seguindo o olhar de Aladdin, o Gênio soltou um assobio baixo.

– Aí está a sua deixa – disse ele. Mas, então, seus próprios olhos se arregalaram quando ele viu Dália; a verdadeira Dália. – Aquela singela dama é uma coisinha linda, os olhos cor de chá oolong... – Ele se deteve quando notou que Aladdin o encarava com uma expressão divertida. – Ela vai pegar ponche. Eu mesmo estou com um pouco de sede...

A expressão de Aladdin se transformou de divertida para aterrorizada. Ele começou a balançar a cabeça freneticamente.

– Não – disse ele, agarrando a gola da camisa do Gênio. – Não vá embora. Eles vão ver quem eu sou!

O Gênio retirou um por um os dedos de Aladdin de seu colarinho.

– Não, não vão. Tudo o que você precisa fazer é ir até lá.

– E falar. Eu também terei que fal... – Aladdin começou a protestar. Mas era tarde demais. O Gênio já estava escapulindo pela multidão, indo direto na direção de Dália. Aladdin suspirou. Parecia que não tinha escolha senão ir em frente por conta própria.

Tudo bem, pensou, tentando reunir coragem. Você consegue fazer isso. O Gênio acredita em você. Só precisa ir até ela e dizer oi. Não é nada de mais. Você já conversou com ela antes...

Respirando fundo, Aladdin começou do zero. Mas, naquele exato momento, o príncipe Anders fez o mesmo. Instantaneamente, Aladdin girou nos calcanhares. Uma coisa era tentar chamar a atenção de Jasmine quando era só ele. Mas tentar lutar por sua atenção com o príncipe Anders? De jeito nenhum. O cara era pura perfeição nórdica. Ao lado dele, a falta de experiência com nobreza de Aladdin seria ainda mais perceptível.

– Como é que alguém compete com isso? – Aladdin disse quando o Gênio retornou com um copo de ponche na mão. – Ele é tão alto, tão nobre...

Juntos, assistiram enquanto o príncipe Anders entabulava uma conversa com Jasmine. Ele estava segurando algo para Jasmine olhar. Apertando os olhos, Aladdin tentou ver o que era, mas não conseguiu distinguir. Parecia uma caneta. Ou talvez um garfo? Fosse o que fosse, Jasmine parecia intrigada, soltando uma risada.

– Aquele homem boboca? – o Gênio fez pouco caso. – Ele usa um chapéu de pele no deserto. Você precisa ter mais confiança no que tem a oferecer. – Deu um tapinha nas costas de Aladdin. Então, apontou para si mesmo. – Olhe para mim. Vê como caminho de forma confiante? Eu nem tenho pernas!

Mas Aladdin ainda estava olhando para o príncipe e a princesa. Ele fechou ainda mais a cara.

– O que eu tenho a oferecer? Ela tem um tigre, eu tenho um macaco. Ela tem este palácio. – Ele balançou a cabeça. – Aquele tal de Ali, ele tem uma porção de joias...

O Gênio balançou a cabeça.

– Ali não, *você* – ele corrigiu. – Eu o fiz parecer um príncipe. Não mudei o que tem a oferecer dentro de si. O príncipe Ali levou você até a porta, mas é *Aladdin* quem tem a chave para abri-la. Confie em si.

Aladdin olhou para o Gênio. Confiar em si mesmo? Essa era uma oportunidade única na vida – uma pela qual muito ansiara. Mas, por dentro, ele não podia deixar de sentir que ainda era um pivete. O Gênio nada mais fez ao mudá-lo do que lhe dar um título e uma comitiva. Não o ensinou a ser um príncipe ou a agir como se tivesse nascido na realeza. Aladdin não sabia sequer como fazer uma boa reverência! Ainda mal acreditava no acontecido. O homem que o encarava de volta no espelho parecia um estranho. Como convencer os outros de que era um príncipe? Que chance ele tinha de fazer alguém gostar dele, que dirá de fazer Jasmine *amá-lo*? Desviando sua atenção para longe da princesa, que continuava a falar com Anders, Aladdin cruzou o olhar com o sultão. O velho homem ergueu a taça em saudação. Pelo menos o sultão parecia gostar dele.

De repente, Aladdin sentiu o Gênio agarrar seu braço e começar a puxá-lo pelo pátio – bem na direção de Jasmine, que agora estava livre enquanto o príncipe Anders parecia estar se divertindo com uma multidão de admiradores. Protestando em voz baixa, Aladdin tentou se desvencilhar dele, porém não adiantou. O Gênio era forte, com a pegada de um *ser todo-poderoso*.

– Ok, conquistador, chegou a hora – disse o Gênio, repelindo os esforços de Aladdin para tentar se desvencilhar, como se o jovem não passasse de um inseto irritante. – Chega de esperar.

– Não – disse Aladdin, balançando a cabeça debilmente. – Eu estou no comando, quando for a hora certa... – Mas ele não teve a chance de concluir antes que o Gênio o empurrasse, sem qualquer cerimônia, bem na frente de Jasmine. Olhando para cima, Aladdin engoliu em seco. – Hã, olá – ele disse sem jeito.

Jasmine levantou uma sobrancelha.

– Olá.

Um silêncio constrangedor se abateu sobre eles. Aladdin mudou de posição, nervosamente, enquanto Jasmine cruzou os braços e aguardou. Era óbvio que esperava que o príncipe Ali dissesse alguma coisa. Mas Aladdin teve um branco. Assim de perto, Jasmine era ainda mais bela, e ele sentia como se seu cérebro tivesse desligado. Tudo o que conseguiu fazer foi ficar ali parado, com a mandíbula frouxa e o cérebro vazio. Ouvindo um pigarro alto atrás dele, cortesia do Gênio, Aladdin finalmente se livrou de seu estado de torpor.

– Desculpe por antes – começou a dizer. – Eu não tinha a intenção de... Não estou muito acostumado com encontros sociais. Quero dizer, estou, mas...

– Quer dançar? – Jasmine perguntou, detendo-o antes que ele pudesse se enrolar ainda mais. – Eu adoraria. – Estendendo a mão, esperou Aladdin aceitá-la.

O coração de Aladdin encheu-se de gratidão. Ele limpou a palma subitamente úmida contra a perna da calça e tomou a mão da princesa. Então, permitiu que ela o conduzisse para a pista de dança. Sua mente de súbito voltou a dar branco. Dançar? Com Jasmine? Ele ia fazer total papel de bobo. Nunca havia dançado em sua vida, que dirá dançar com uma princesa. Lançando um olhar de desespero na direção do Gênio, sentiu uma onda de magia e então suas pernas começaram a se mover por conta própria. Conforme a música ficava mais alta e mais acelerada, suas pernas e braços começaram a se mover cada vez mais rápido, fazendo-o parecer um fantoche agitado; Jasmine ria em voz alta.

Sua risada, gentil e cheia de vida, surpreendeu Aladdin. Ao encontrar seus olhos, ele ficou

surpreso ao enxergar doçura neles. Uma onda de confiança o invadiu. Ele lançou outro olhar ao Gênio. Mas, dessa vez, não gritava: *Me ajude!* Em vez disso, dizia: *Peguei o jeito.*

Quando a batida da música ficou mais alta, Aladdin se soltou. Ele parou de pensar nas pessoas que o observavam. Parou de se importar com os olhares que sentia em suas costas. Parou de se perguntar se dava para alguém perceber que ele era uma farsa. Nem tentou seguir os passos da dança, como todo mundo. Tudo o que fez foi se concentrar no som da risada de Jasmine, na sensação das mãos juntas e no prazer que isso lhe proporcionava. Seus olhos se encontraram e eles compartilharam um sorriso.

Encorajado, Aladdin girou Jasmine para longe e depois puxou-a de volta para si. O público, entusiasmado em ver como o casal estava se divertindo, soltou uma salva de palmas. Aladdin sorriu. *Peguei totalmente o jeito*, pensou. *Por que cheguei a me preocupar?* Girando Jasmine de novo, ele movimentou os pés em uma elaborada – e inventada – série de passos. Então, sacudiu a cabeça e moveu os ombros para cima e para baixo. Envolvido pela adoração da multidão e por seus próprios movimentos, esqueceu-se de Jasmine quando ela se virou para ele. Ela passou direto por ele, parando com uma expressão confusa no rosto.

Aladdin mal reparou. Estava se divertindo muito agora. Era bom ser o centro das atenções. Ou melhor, o centro das atenções num *bom sentido*, para variar. Não o foco de uma perseguição pelas ruas. Ele olhou para Jasmine. Para sua surpresa, sua expressão de confusão se transformara em tristeza. Ela se afastou e saiu da pista de dança.

– Espere... – Aladdin chamou-a. Mas era tarde demais. Jasmine já havia desaparecido dentro do palácio. Aladdin suspirou. Havia arruinado o momento. Ficara tão envolvido em se exhibir que sequer pensou em Jasmine. E percebeu, enquanto os dançarinos ao seu redor se aproximavam, que provavelmente era o que todos os outros príncipes faziam com ela.

Eu deveria ter mostrado a ela que era diferente, Aladdin pensou quando deixou a pista de dança. *E tudo o que fiz foi mostrar que sou tão idiota quanto o príncipe Anders. Como vou fazê-la enxergar quem eu realmente sou agora?*

Indo em direção aos aposentos de hóspedes, perdido em suas preocupações, Aladdin não notou os olhos desconfiados de Jafar sobre ele. Também não ouviu o bater de asas quando Iago alçou voo sob as ordens de seu mestre, a fim de seguir o novo príncipe...

Capítulo Catorze



De volta aos seus aposentos, Aladdin mais uma vez se viu encarando as grandes janelas. Se ele se inclinasse para fora o bastante e esticasse a cabeça ligeiramente para a direita, poderia distinguir a extremidade da acomodação de Jasmine na torre distante. Ele se perguntou o que ela estaria fazendo. Estaria desejando jamais ter conhecido o príncipe Ali? Estaria zombando dele? Xingando-o? Soltou outro suspiro profundo. Tinha estragado tudo – majestosamente.

– Abu, já vi o que você faz com esses seus dedos leves. Quer fazer o favor de tirá-los da minha casa?

A voz do Gênio assustou Aladdin e ele se virou. Um sorriso se espalhou por seu rosto. Abu estava segurando a lâmpada, com uma expressão de culpado na cara enquanto o gênio o encarava zangado, com os braços cruzados. Lentamente, Abu baixou a lâmpada no chão e depois ergueu as mãos em sinal de rendição. Satisfeito por não ser transformado em alguma outra criatura, virou as costas para o Gênio e começou a atazanar o tapete.

Observando os dois brigões, Aladdin sentiu uma onda de frustração inundá-lo.

– Se eu tivesse mais alguns minutos com ela – disse, olhando de novo pela janela. Então, seus olhos se estreitaram. Ele se virou e olhou para o Gênio. – Você tem que me levar até lá.

– Isso é um desejo oficial? – perguntou o Gênio.

Aladdin balançou a cabeça.

– Não. É um favor. Para um amigo.

O Gênio pareceu surpreso.

– Na verdade, gênios não têm amigos. Quando se é um gênio, alguém sempre quer alguma coisa... É esquisito.

Aladdin assentiu. Isso fazia sentido. Mas, ao mesmo tempo, não podia simplesmente desistir. Não depois de ter chegado tão perto e ter estragado tudo por causa de alguns passos de dança idiotas. Precisava ver Jasmine, de um jeito ou de outro. O Gênio precisava entender isso... De repente, Aladdin sorriu. Pensando melhor, tinha certeza de que o Gênio sabia *exatamente* como era se interessar por alguém.

– Esse favor – disse ele, tentando novamente – envolveria distrair a criada de Jasmine...

Ele não precisou concluir.

– Eu o encontro lá – disse o Gênio. E, então, antes que Aladdin pudesse dizer obrigado, ele

desapareceu em um redemoinho de fumaça azul.

Aladdin sorriu.



Jasmine estava cansada. Outra noite, outra dança, outro príncipe, outro fracasso. Quando isso teria fim? Ela havia pensado – torcido –, por um breve momento, que o príncipe Ali pudesse ser diferente. Havia algo nele, algo de livre e sem restrições, que desencadeara uma sensação de possibilidade dentro dela. Parecia ser o tipo de pessoa capaz de ver nela muito mais do que apenas um rostinho bonito. Parecia alguém capaz de ver que ela poderia ser uma governante, uma voz para seu povo.

Então ele fora lá e agira como um típico príncipe vaidoso.

Ouvindo uma batida na porta, Jasmine nem se deu ao trabalho de se virar. Sabia que Dália atenderia e despacharia quem quer que fosse. Saindo para a varanda, olhou para a cidade lá embaixo. Era uma noite tranquila, uma brisa suave carregava o perfume das flores. Atrás de si, ouviu as portas pesadas se abrirem. Então, ouviu a voz do pajem do príncipe Ali.

– Boa noite – ele cumprimentou.

Jasmine se virou, mas ficou escondida nas sombras. Ela podia ver claramente o pajem de Ali. O belo homem estava recostado contra a porta, os braços cruzados sobre o peito musculoso. Alto e forte, parecia ocupar toda a porta.

– Como você passou pelos guardas? – perguntou Dália.

– Meio que passei de fininho por eles – respondeu o homem.

– Por todos os quarenta e oito, mesmo os que engolem fogo? Impressionante – Dália disse, fazendo Jasmine sorrir. Ela, assim como Jasmine, já ouvira tudo isso antes, embora Jasmine tivesse de pensar que Dália provavelmente nunca tinha ouvido isso de um pajem tão bonito.

Incapaz de se conter, Jasmine se virou para observar os dois. Ela conhecia Dália bem o bastante para saber que, embora estivesse fingindo indiferença, não estava alheia ao charme do homem – ou à sua bela aparência.

Ele sacou um buquê de flores e as ofereceu.

– São lindas! – comentou Dália, aceitando-as com graciosidade. Então, franziu a testa. – Ela vai detestá-las. Diga ao príncipe Ali que o caminho para o coração dela está em sua mente. Poesia, filosofia...

O pajem olhou para Dália. Ele parecia de fato confuso com a resposta. Jasmine viu-se avançando um passo em direção a eles, curiosa para ouvir o que o pajem diria – ou ofereceria. Mas, para sua surpresa, ele balançou a cabeça.

– Na verdade – disse ele, apontando para as flores –, elas são para você, de mim.

A respiração de Jasmine ficou presa na garganta. Ela *não* esperava por isso. Mas seu coração aqueceu-se de repente por sua criada e amiga. Havia algo bem romântico na visita-surpresa do pajem... e Dália parecia concordar. Virando-se, ela procurou no quarto por Jasmine. Quando avistou a princesa, silenciosamente soltou um grito de alegria. Então, recuperando a compostura, voltou-se para o pajem.

– Aceito, obrigada. – Ela levou as flores ao nariz e aspirou com delicadeza. – O que mais?

– Um passeio – disse o homem. – Você gostaria de dar um passeio noturno?

– Só nós dois? Intencionalmente?

Ele assentiu.

E, então, ela bateu a porta na cara dele.

Jasmine sorriu enquanto observava Dália apressar-se dentro do quarto, apanhando uma nova echarpe no grande guarda-roupa e jogando-a sobre os ombros. Dando uma rápida conferida no espelho, ela afastou as mechas de cabelo do rosto e mordeu os lábios, fazendo-os ficar vermelhos. Com um aceno para Jasmine, que agora estava rindo, Dália voltou para a porta e abriu-a num ímpeto.

– Minha resposta é sim – disse ela.

Enquanto Jasmine se ocultava nas sombras, o perplexo pajem do príncipe Ali sorriu amplamente e soltou um feliz: “Sim!”. Então, estendendo o braço para Dália, ele a escoltou para fora do quarto. Jasmine observou-os partir, e sentiu uma pontada de inveja. Ela adoraria que alguém viesse e a levasse para passear. Um pedido tão simples, mas que significaria mais do que todos os presentes extravagantes do mundo.

De repente, houve outra batida na porta.

– Entre... – Jasmine disse distraidamente, confiante de que era apenas Dália retornando para pegar alguma coisa antes de seu passeio romântico.

– Já entrei.

Ao som da voz do príncipe Ali, Raja começou a rosnar e Jasmine se virou rápido. Instantes depois, o príncipe saiu das sombras para o luar que inundava a varanda.

O coração de Jasmine saltou em seu peito. Como ele tinha chegado até ali? Ela olhou em volta, mas não viu nenhuma escada, nenhuma corda visível pendurada em uma janela mais alta. Balançou a cabeça.

– Não se mexa! – ela ordenou enquanto os rosnados de proteção de seu grande tigre ficavam cada vez mais altos.

– Não vou me mexer – disse o príncipe. – Só vim porque você foi embora tão abruptamente...

Jasmine estreitou os olhos. Ele estava insinuando que ela deveria se sentir mal por deixá-lo no meio de seu showzinho particular de dança? Bem, se ele estava procurando um pedido de desculpas, ficaria lá por um bom tempo. Jasmine tentou não se distrair com a forma como o luar destacava as maçãs do rosto do príncipe e fazia reluzir seu cabelo farto e escuro. Ou o modo como seus olhos brilhavam com bondade. Ela focou seus pensamentos. De fato *esperava* voltar a vê-lo. Desde que saíra do festival, algo a vinha incomodando. Por fim, ela deu de ombros.

– Na verdade, agora que você está aqui, parece que não consigo encontrar Ababwa em nenhum dos meus mapas. Você pode me mostrar? – Caminhou até uma mesa dentro do cômodo e apontou para a pilha de mapas espalhados sobre ela.

– Já posso me mexer? – perguntou o príncipe, olhando para Raja, que imediatamente rosnou.

– Raja, não coma o príncipe – disse Jasmine. – Ele precisa das pernas para dançar.

As bochechas do príncipe coraram e ele olhou para baixo, envergonhado.

– Exagerei?

– Um pouco – Jasmine disse, embora seu tom implicasse que era bem mais do que apenas um pouco. Ela apontou de novo para os mapas. – Então... Ababwa.

Caminhando até a mesa, o príncipe Ali olhou para os mapas. Começou a percorrer um deles, passando o dedo pelos contornos dos países. Ele se mexeu desconfortavelmente e ela podia jurar que viu os lábios dele se movendo, como se estivesse murmurando para si mesmo. Suas sobrancelhas se arquearam. Por que ele estava agindo de modo tão estranho? Tinha perdido seu país? Ou ela estava certa e, no fim das contas, Ababwa não existia? Mas então ele sorriu e apontou o dedo para um ponto no mapa.

– Viu só! Aí está!

Jasmine franziu a testa. Era impossível! Ela examinara cada centímetro de cada mapa. Não havia Ababwa. Curvando-se, ela olhou para onde Ali estava apontando. Seus olhos se estreitaram ainda mais. Ainda não via nada. Mas então ela piscou e balançou a cabeça quando, de repente, sob o dedo dele, um país pareceu surgir. E, no meio, com tinta desbotada pelo tempo, estava o nome ABABWA.

– Como eu não vi isso? – ela disse finalmente.

O príncipe Ali deu de ombros.

– Mapas são antigos e inúteis, sem valor prático.

– Os mapas são o jeito de eu ver o mundo – Jasmine respondeu, de forma mais amarga do que gostaria.

– Verdade? Achei que uma princesa ia a todos os lugares. – Ele soou como se em uma tentativa sincera de se redimir por dizer uma estupidez, e Jasmine sentiu sua raiva começar a arrefecer.

Suspirando, ela se afastou dos mapas e voltou para a sacada.

– Não esta princesa aqui – ela disse com suavidade.

Ouvindo passos atrás de si, Jasmine se virou e viu o príncipe recostar-se em um dos curtos pilares que serviam como decoração para seu quarto. No topo dele, havia uma tigela de romãs. Quando o peso de Ali pressionou totalmente o pilar, ele começou a tremer. A tigela, perturbada pelo movimento, começou a desabar e, pouco antes de as romãs caírem no chão, Ali estendeu a mão e pegou três delas. A quarta pousou no chão e rolou em direção aos pés de Jasmine.

– Ops – disse o príncipe. Abaixando-se, ele a apanhou e jogou, junto às frutas que tinha capturado com sucesso, de volta na tigela. Quando fez isso, Raja se aproximou e lambeu seu rosto. O príncipe pareceu tão surpreso quanto Jasmine. Mas então ele sorriu e fez um afago no enorme tigre. – Obrigado por isso, eu estava precisando mesmo lavar o rosto.

Enquanto Jasmine observava seu grande e protetor tigre esfregando-se contra o príncipe como se reconhecesse um velho amigo, não pôde deixar de sorrir. A troca de carinhos continuou, e ela sentiu uma estranha onda de compaixão pelo príncipe, até mesmo um pouco de afeição. Seu tigre nunca havia aprovado nenhum de seus pretendentes. Para dizer a verdade, levava anos para se acostumar até mesmo com Dália. No entanto, lá estava ele, agindo como um gato de colo com esse estranho. Ela não entendeu, mas também não achou ruim. Na verdade, Jasmine achou muito comovente. Havia algo de encantador naquele príncipe. E, se por um lado ele aparentemente *era* um príncipe de um país de verdade, por outro, havia alguma característica sua que não batia com o que se esperava de um príncipe, e que era revigorante.

Sentindo os olhos de Jasmine sobre ele, o príncipe a fitou.

– Hum, eu estava dizendo – Ali prosseguiu, olhando por cima do tigre – que devemos ir ver esses lugares. Existe um mundo inteiro fora dos livros. Você quer?

– Como? – Jasmine quis saber. – Todos os portões são vigiados.

O príncipe sorriu, com os olhos brilhando.

– Quem falou em portões?

Jasmine ficou observando enquanto, sem tirar os olhos dela, ele começou a caminhar de costas em direção à borda da sacada. Ela abriu a boca para alertá-lo, mas, para sua surpresa, o príncipe saltou para o parapeito. Ele lhe lançou um sorriso enorme.

E, então, pulou.

Capítulo

Quinze



Aladdin ouviu o suspiro de espanto de Jasmine. Ele sentiu o vento nos cabelos e nas bochechas. Sentiu o ar quente debaixo de seu corpo. Por um longo momento, simplesmente caiu.

Até que, com um som sibilante, o tapete voou por baixo dele e o pegou. Os pés de Aladdin se assentaram no tapete, o ritmo de sua queda diminuiu e depois se inverteu enquanto o tapete o levou de volta à sacada. Ele colocou as mãos nos quadris e permaneceu imóvel enquanto o tapete continuava a flutuar, até ele ficar cara a cara com a princesa.

Os olhos dela estavam arregalados e sua mão apertava o coração. Aladdin se permitiu um momento de esperança de que talvez ela estivesse preocupada com ele, mas ela apontou para o tapete.

– O que é isso? – ela perguntou, sem fôlego.

– Um tapete mágico – esclareceu Aladdin, como se um tapete voador fosse algo a ser visto todos os dias.

À luz da lua, com curiosidade nos olhos e as bochechas coradas de empolgação, Jasmine estava mais bonita do que nunca. No momento, Aladdin não queria nada mais do que lhe revelar sua identidade, admitir o que fizera e esperar que a princesa percebesse que a motivação dele era, ousava dizer... amor. Mas sabia que era cedo demais. Não precisava que o Gênio o avisasse. Então, em vez disso, ele estendeu a mão para Jasmine.

– Você confia em mim? – ele perguntou. Quando as palavras saíram de sua boca, Aladdin quase gemeu. Foi exatamente o que disse a ela no mercado.

– O que disse? – Jasmine perguntou. Seus olhos encontraram os dele, e ela o encarou, analisando-o. A mão da princesa começou a se erguer em direção ao rosto dele, seus dedos quase alcançando...

Sem dar à princesa a chance de juntar dois e dois, Aladdin fechou a mão em torno da dela e puxou-a para o tapete com ele. Juntos, sentaram-se, o ar entre ambos carregado de emoção não verbalizada, enquanto o tapete os afastou do palácio e sobrevoou Agrabah. A cidade logo ficou menor, tornando-se uma colagem de prédios brilhantes e reluzentes. Sobre as nuvens e depois ao lado delas, o tapete deslizava. Sentado ali, ao lado de uma Jasmine sem fôlego, Aladdin sentiu uma liberdade maior do que qualquer outra que já conhecera. Não conseguia imaginar o que Jasmine estava pensando. Sua vida, como dissera a ele, era ditada por seu pai e suas regras. Ele se questionou quando havia sido a última vez que ela fizera algo só porque sonhava fazê-lo.

Abrindo a boca para perguntar, Aladdin deteve-se à vista da expressão maravilhada no rosto

da princesa. Obviamente, ela estava se sentindo do mesmo jeito que ele: como se visse o mundo pela primeira vez. Desviando com esforço a atenção de sua beleza, Aladdin observou as nuvens passarem, imaginando-as como animais míticos ou barcos navegando pelos mares. O tapete mergulhou de volta para o chão, e Aladdin constatou que estavam no meio do deserto. A bordo de um tapete mágico com as estrelas acima deles, viram o deserto se tornar um lugar de beleza e abundância, não a paisagem seca e maçante que aparentava durante o dia. Agarrando a mão de Jasmine, apontou para um bando de cavalos selvagens correndo pelas dunas. Um sorriso iluminou seu rosto quando viu um dos potros mais jovens jogar a cabeça para trás e soltar um relincho de surpresa por causa do tapete.

Quando se aproximaram ainda mais do solo, Jasmine fechou os olhos com força. Estendendo a mão, Aladdin colocou um dedo embaixo do queixo dela e levantou seu rosto para o dele.

– Abra os olhos; não perca isso – ele sussurrou. Ela concordou balançando a cabeça, enquanto desviava, devagar e com um pouco de relutância, o rosto do toque de Aladdin. Juntos, voltaram sua atenção para o passeio mágico. Deixaram o deserto e voaram sobre montanhas cobertas de neve, depois desceram para florestas exuberantes. Pairaram acima de mares imensos, onde brincavam golfinhos, e depois de volta para as nuvens, para perseguir um bando de pássaros. Voaram por horas, até que, finalmente, os mundos desconhecidos e emocionantes que haviam visto desapareceram, substituídos pelo deserto mais familiar e, então, por último, pelo contorno de Agrabah. Sobrevoando um dos muros mais distantes, eles avistaram um casamento; dezenas de velas acesas e lanternas faziam o lugar todo brilhar.

– De todos os lugares que você me mostrou – disse Jasmine, indicando o horizonte de Agrabah –, este é de longe o mais bonito.

Aladdin assentiu.

– Às vezes, você só tem que ver de uma perspectiva diferente – disse ele. Aladdin olhou para baixo e observou a noiva e o noivo dançando sob a luz das velas, perdidos nos olhos um do outro.

Seguindo seu olhar, Jasmine sorriu.

– São eles, o povo... – ela comentou. – São eles que fazem Agrabah bela. E merecem um líder que saiba disso. Não sei por que acredito que poderia ser eu, mas acredito.

– Porque deveria ser você. – Aladdin ficou surpreso com a ousadia de sua resposta. Foi assim desde que conhecera Jasmine: ele sentia uma espécie de conforto e facilidade, como se eles se conhecessem há muito tempo. Ele passara tantos anos sozinho, com apenas Abu como companhia, que havia esquecido como era ver uma pessoa de perto e, por sua vez, ser verdadeiramente visto por ela. E ele viu Jasmine. Sabia como ela se sentia. Como devia sentir-se aprisionada pelas circunstâncias. – Você tem a força, a inteligência e a coragem.

Jasmine soltou um suspiro.

– Você acha?

– Importa o que eu acho? – Ele parou e sorriu para ela, percebendo que o clima tinha mudado.

Para sua surpresa, Jasmine não respondeu imediatamente. Em vez disso, ficou em silêncio. Seus olhos se estreitaram. Ela se inclinou para mais perto. Por um momento, com o coração disparado, Aladdin pensou que ela talvez fosse beijá-lo. Mas, então, ela se recompôs e olhou para o mercado abaixo deles.

– Olhe aquele macaquinho bonitinho lá embaixo. É o Abu?

Sem pensar, Aladdin sacudiu a cabeça.

– Não, não poderia ser o Abu. Ele ainda está... – A boca de Aladdin se fechou.

Mas era tarde demais. Jasmine o pegara.

– Eu sabia que era você! – ela gritou.



Jasmine bateu palmas, satisfeita por ter descoberto a verdade. Suspeitara de algo errado desde o primeiro momento em que viu o príncipe Ali. E, depois, quando ele se comportou de forma tão estranha na pista de dança. E a expressão familiar que ele usou na varanda. Todas as peças estavam lá, ela simplesmente não as tinha juntado. Até então.

– *Quem é o príncipe Ali?* – perguntou ela, ansiosa por respostas dado que saíra da escuridão.

– Sou eu – o jovem se apressou em responder. – Eu... gosto... de andar no meio do povo. Para que eu possa... conhecer aqueles que desejo governar.

Jasmine não estava engolindo a história. Ela o seguira pela cidade, observando enquanto ele navegava pelas ruas e telhados como havia feito dezenas de vezes antes. Estava tão familiarizado com o mercado como ela com seus aposentos, conhecia as pessoas como ela conhecia Dália. Seus olhos se estreitaram.

– Como você poderia conhecer a cidade tão bem?

Ela esperou e observou o rosto do príncipe, procurando por qualquer sinal de que estivesse mentindo, no entanto sua expressão permaneceu ilegível.

– Vim para Agrabah mais cedo – ele respondeu. – Se quer conhecer um povo, precisa vê-lo por si mesmo. – Ele parou, e seu olhar tornou-se terno. – Mas você sabe disso. Quando a conheci, estava disfarçada em sua própria cidade.

As faces dela coraram. O que ele dissera *de fato* fazia sentido. Mas aquela havia sido uma tentativa única. Pelo jeito, o príncipe Ali o fazia com frequência.

– Mas... como eu não reconheci você? – Seus olhos percorreram o comprimento de suas calças brancas e de seu colete, o tecido luxuoso e sem uma única sujeirinha. Seus cabelos fartos reluziam ao luar e, em seus pulsos, pulseiras douradas cintilavam. Quando ela o conhecera como Aladdin, ele estava coberto pela poeira das ruas, seu cabelo todo bagunçado e seu único acessório era uma bolsa marrom desgastada. Ele se parecia com todos os outros garotos de rua que ela avistara perambulando no mercado.

O príncipe Ali tinha outra resposta pronta.

– As pessoas não enxergam o seu verdadeiro eu quando você é da realeza.

Jasmine assentiu lentamente. Tudo o que ele dizia fazia sentido. Tudo o que ele dizia o fazia parecer o tipo de príncipe com quem ela *ia* querer se casar – se ela algum dia concordasse em se casar com alguém, é claro. Era um homem que se importava com o povo. O tipo de cara que queria saber como eram as ruas, não apenas sentar em seu palácio deixando os outros ditarem a vida daqueles que governava. Ela começou a balançar a cabeça, envergonhada. Estivera errada em não confiar nele.

– Você viu mais de Agrabah em apenas alguns dias do que eu a minha vida inteira – ela confessou por fim, permitindo que sua voz se abrandasse por completo e seus ombros tensos se afrouxassem.

Jasmine baixou os olhos. Não desejava que ele visse o quanto ela não queria que a noite acabasse. Ele tinha, pensou, lhe mostrado mais do que ela jamais imaginara. Ele a fez perceber que ela *podia* sentir algo, que *poderia* haver um jeito de se casar com um príncipe e não ser infeliz. Sentindo a atenção dele sobre si, Jasmine olhou para o príncipe. Por um longo momento,

os dois apenas ficaram ali parados, sem saber ao certo o que estava acontecendo entre eles.

– Nós provavelmente deveríamos voltar – disse o príncipe por fim, quebrando o momento. – É quase de manhã.

– Já? – Jasmine respondeu com suavidade.

Assentindo, Aladdin apontou para o horizonte. O sol estava começando a se mostrar, iluminando o palácio. Jasmine sabia que ele estava certo. Ela tinha de voltar para seus aposentos antes que seu pai, ou pior, o grão-vizir, acordasse. O príncipe, lendo a expressão no rosto dela, prontamente deu um tapinha rápido no tapete. Este, que estivera pairando sobre a cidade, retornou com lentidão para a varanda do quarto de Jasmine. Assim que chegaram, o tapete a baixou suavemente e o príncipe ficou em pé nele, equilibrado com perfeição.

– Vejo-a mais tarde, princesa? – ele perguntou esperançoso.

Jasmine assentiu e sorriu. Ela se despediu quando o tapete começou a afundar abaixo da linha do parapeito. Incapaz de se conter e na esperança de que talvez o príncipe ainda estivesse olhando para cima, ela correu até a borda e espiou. De repente, o tapete flutuou de volta para cima. Antes que soubesse o que estava acontecendo, sentiu os lábios do príncipe nos dela. Um suspiro de surpresa ficou preso em sua garganta enquanto ela se deixava fundir com o príncipe Ali.

Então, do nada, o tapete flutuou para longe, separando-os.

Jasmine o observou partir, um dedo em seus lábios. Essa tinha sido, ela pensou enquanto o tapete e o príncipe desapareciam de vista, uma noite perfeita – e um beijo perfeito.

Capítulo

Dezesseis



Tinha sido, sem dúvida, a melhor noite da sua vida. Aladdin ainda podia sentir os lábios de Jasmine nos dele, ainda podia sentir o cheiro de lavanda de seus cabelos e sua mão ao lado da dele enquanto sobrevoavam cidades e oceanos. Ele tinha certeza de que, na história das noites, eles tiveram a melhor de todas.

Só queria que nunca tivesse de terminar.

Quando o tapete voou para a janela da torre de hóspedes e o depositou no meio do grande aposento, Aladdin cantarolava baixinho. Sonhador, ele rodopiou ao redor da sala, sem saber que o tapete, Abu e o Gênio estavam todos assistindo, achando graça.

– O encontro foi bom? – perguntou o gênio.

– O melhor – respondeu Aladdin. De repente, ele franziu a testa e seus olhos se estreitaram quando fitou o Gênio. – Mas ela descobriu que eu sou Aladdin! Você disse que isso não aconteceria!

O Gênio deu de ombros.

– Magia de gênio é apenas uma fachada – ele disse sem preocupação. – Em algum momento, o personagem real sempre vai transparecer. Isso é uma coisa boa. Agora ela sabe.

– Vou acabar contando a verdade – Aladdin respondeu vagamente. – De qualquer forma, eu meio que *sou* um príncipe agora...

– Você vai mesmo enveredar por esse caminho? – perguntou o Gênio, com a sobrancelha arqueada e a decepção estampada no rosto. Aladdin mudou de posição, desconfortável. Ainda se sentia mal por mentir para Jasmine. Mas, quando ela o descobriu, ele entrou em pânico. Acabara mantendo a história porque pareceu mais fácil do que tentar explicar tudo sobre a lâmpada, o Gênio e os desejos. Não queria cavar um buraco ainda mais fundo, mas não vira outra saída.

Sentindo os olhos do Gênio sobre si, Aladdin encolheu os ombros. Ele havia se recriminado bastante por não ser totalmente sincero. Não precisava ficar ali naquele quarto e aguentar o Gênio, Abu e até o tapete fazerem a mesma coisa. Abanando uma das mãos, dirigiu-se à porta para sair. Embora estivesse claro pelo tagarelar de Abu que ele concordava com os sentimentos do Gênio, ele ainda era um amigo leal e pulou no ombro de Aladdin antes que a porta se fechasse. Juntos, os dois começaram a andar sem rumo pelos corredores do palácio, virando à esquerda aqui, à direita acolá. Nenhum dos dois sabia onde estavam, mas Aladdin não se importava. Sua cabeça estava de volta às nuvens, seu coração e sua alma, no tapete com Jasmine, enquanto eles exploravam juntos um mundo novo.

Chegando ao final de um corredor particularmente longo, Aladdin ficou satisfeito em se deparar com o pátio. Talvez, se tivesse sorte, visse Jasmine. Seu ritmo acelerou com o pensamento e ele irrompeu no pátio aberto, o vento quente em suas bochechas, o ar perfumado. Começou a cantarolar uma melodia, apreciando a beleza pacífica, correndo os dedos ao longo das plantas exóticas.

Então, ele ouviu o som de passos pesados. Muitos passos pesados.

Erguendo a vista, Aladdin viu um grupo de guardas de Jafar se aproximando. Ele parou, as sombras terrivelmente familiares bloqueando a luz.

– De novo não – murmurou em voz baixa. Fez um gesto rápido para Abu, e o macaco pulou e se escondeu com agilidade. Quando teve certeza de que seu amigo estava seguro, Aladdin se virou e esperou que os guardas se aproximassem. Pelo comportamento sombrio, estava certo de que eles não estavam vindo apenas para lhe dar um oi.

Estava certo. Agarrando-o bruscamente pelos braços, um dos homens meteu-lhe um saco sobre a cabeça. Então, antes que pudesse resmungar um protesto, sentiu suas pernas saindo do chão enquanto era arrastado sem cerimônia. Tentou desesperadamente contar as curvas do percurso e o número de escadas pelas quais foi arrastado para cima e para baixo e depois para cima de novo; entretanto, depois de um tempo, perdeu a conta. No momento em que ouviu uma porta se abrir, sua cabeça estava baixa, os braços entorpecidos e as pernas machucadas.

Um instante depois, foi empurrado para uma cadeira e enrolado pelo que parecia ser uma corrente muito grande e dolorosa. Então, o saco foi arrancado de sua cabeça.

Em pé diante dele, com os braços cruzados e o papagaio no ombro, estava Jafar. E não parecia feliz. Ele deu um passo à frente, e os guardas se afastaram para lhe abrir caminho até Aladdin.

– Ei, espere – protestou Aladdin, mexendo-se com desconforto na cadeira. – Acho que você está confuso... Não acho que saiba quem sou.

– Ah, cale a boca – Jafar retrucou. – Eu sei quem você é... Aladdin.

Aladdin engoliu em seco. O homem era bem perceptivo, mas ele não podia simplesmente desistir.

– Aladdin? – ele disse, balançando a cabeça e tentando parecer perplexo. – Não, eu sou o príncipe Ali, de Ababwa.

– Príncipe de um reino que não existe, e que agora possui um tapete mágico da Caverna das Maravilhas? – Jafar sacudiu a cabeça. – Parece-me que a única explicação *possível* é que encontrou certo tesouro... *meu* tesouro. Onde está a lâmpada?

Jafar não foi o primeiro cara desagradável com quem Aladdin teve de lidar, por isso imaginou que faria o que fazia nas ruas: improvisar.

– Não sei do que você está falando. – Ele disse, fingindo ignorância.

Andando a passadas largas, Jafar se inclinou e levantou a cabeça de Aladdin, de modo a ficarem olho no olho.

– Tenho que dizer, estou impressionado – ele disse, sua respiração quente na bochecha de Aladdin. – Não achei que você tivesse determinação. Admiro sua ambição. O problema é que ela entra em conflito com a minha.

– Há obviamente algum mal-entendido – disse Aladdin, ainda tentando fazer o papel de príncipe. – Seja lá quem você pensa que eu sou, tenho certeza de que podemos chegar a algum acordo. Quando eu casar com a filha do sultão...

Em resposta, Jafar começou a gargalhar.

– Não acho que preciso do seu arranjo – disse ele, sua voz cheia de ódio.

Aladdin empalideceu quando caiu em si. Jafar sabia quem ele era. Seria a palavra do grão-vizir contra a dele, e as chances maiores eram de que o sultão acreditaria em Jafar. E, se isso acontecesse, então poderia dar adeus a tudo, incluindo um futuro com Jasmine.

– Veja bem – prosseguiu Jafar –, se eu jogar você daquela sacada ali, e se você é quem diz ser, vai morrer na água e ficarei livre do príncipe Ali. – Ele caminhou até lá e abriu as portas para a sacada. O som de água batendo no fosso do palácio podia ser ouvido lá embaixo. – Se você sobreviver, só pode ser porque tem a lâmpada. Nesse caso, terei minha resposta. Então, pela última vez, *onde está a lâmpada?*

Aladdin começou a sacudir a cabeça, a realidade desabando. Não havia como ele conseguir sair dessa. Não era como roubar uma maçã de um vendedor e usar a lábia para não pagar. Esse era o grão-vizir do reino. Jafar queria que ele desaparecesse. E tinha o poder e os guardas para fazer isso acontecer.

– Ouça, não sei quem você pensa que eu sou – o protesto de Aladdin não alcançou seu objetivo.

Enquanto erguia um dedo, um sorriso cruel se escancarou no rosto de Jafar.

– Adeus... Aladdin. – Então, voltando-se para seus guardas, ele sinalizou para dois dos maiores. Os homens deram um passo à frente e, com outro aceno de cabeça de Jafar, pegaram a cadeira, com Aladdin ainda amarrado a ela, e a jogaram por cima da sacada.



Aladdin foi caindo. Ele despencava cada vez mais rápido, o vento chicoteando seus cabelos, uivando em seus ouvidos. No instante fugaz que lhe restava, não pôde deixar de pensar que, na última vez que sentira o vento, estava voando com Jasmine. Agora, era *muito* diferente.

Em desespero, puxou as cordas que o seguravam na cadeira, mas não adiantou. Estavam apertadas e ele estava caindo rápido demais.

Com um *tchibum!*, ele bateu na água turva do fosso. Houve um breve lampejo e ele pôde respirar fundo antes que o mundo ficasse ondulado. Começou de imediato a afundar, o peso da cadeira puxando-o para o fundo mais rápido. Tentou freneticamente descobrir qualquer coisa no abismo escuro, mas tudo o que conseguia enxergar era a escuridão. Seus pulmões já pareciam prestes a explodir. Ele deveria ter contado a verdade a Jafar. Buscar a lâmpada e entregá-la. Assim como deveria ter contado a Jasmine sua real identidade. Mas agora era tarde demais. Não havia como sobreviver.

E, então, como uma miragem no deserto, ele viu algo. A lâmpada! Estava flutuando atrás de si. *Abu!*, Aladdin pensou, enquanto uma onda de esperança o invadia. Abu devia ter fugido e encontrado a lâmpada. Ele tinha uma chance agora. Bem pequena, mas era melhor do que nada.

Um instante depois, as pernas da cadeira atingiram o fundo arenoso do fosso e tombaram para o lado, com Aladdin ainda preso. Desesperado, ele viu a lâmpada descer lentamente, até que ela também atingiu o fundo a poucos metros de onde estava.

O jovem não perdeu tempo. Com toda a força que lhe restava, começou a rolar junto à cadeira. O movimento era doloroso, mas, progressivamente, foi se deslocando até afinal estar bem ao lado da lâmpada, com os dedos a poucos centímetros dela. Esforçou-se para estender a mão e tocar as pontas dos dedos no latão, contudo, o esforço custou seu último suspiro de ar, e ele sentiu seus pulmões começarem a ceder, os olhos se fechando. Ele não ia conseguir. Depois de tudo o que fizera para tentar conquistar Jasmine, depois de tudo o que passara nas ruas, ele ia

morrer no fundo de um fosso, e ninguém jamais saberia.

Não!

A voz dentro da cabeça de Aladdin soou alto e, com o choque, seus olhos voltaram a se abrir. Ele se esticou um pouco mais e, então, quando seus olhos se fechavam novamente, ele esfregou a lâmpada. O mundo ficou escuro.

Inconsciente, Aladdin não viu o Gênio aparecer de repente nem o viu hesitar, confuso ao se descobrir embaixo d'água, porém levou apenas um momento para o ser poderoso descobrir onde estava e, quando avistou Aladdin, o pânico encheu seu rosto. O Gênio deslocou-se veloz e sacudiu-o. Mas Aladdin não respondeu.

– Garoto, eu não posso te ajudar com isso – ele disse, aflito. – Você tem que desejar! – Ele cutucou o corpo flutuante de Aladdin. Nada ainda. – Vamos! Diga as palavras: “Eu, Aladdin, de mente e corpo sãos, desejo...” – Ele parou. Não adiantava. Estendendo a mão, apertou os lábios de Aladdin, formando as palavras com seus próprios dedos. Ele se inclinou mais perto, à espera de algo. Mas tudo o que conseguiu foi o silêncio.

Naquele momento, o Gênio fez algo que, se Aladdin estivesse acordado, o teria surpreendido e comovido. Ele fingiu que *ouvira* alguma coisa. Algo específico. Ainda movendo os lábios de Aladdin, ele falou pelo amo.

– Meu segundo desejo é ser salvo de certo destino trágico na hora certa de acontecer... – Desejo feito, o Gênio agarrou Aladdin e disparou em direção à superfície.

Capítulo Dezessete



– Vamos lá, garoto! Garoto, acorde! Você está aí?

Aladdin ouviu a voz do gênio, mas ela parecia nebulosa e distante. Sua cabeça latejava e seus pulmões pareciam pesados. Ele não queria se mexer, mas uma sensação repentina de engasgar mandou seus olhos se abrirem e o corpo ir para a frente, enquanto ele tossia uma golfada de água. Enquanto continuava a tossir e engasgar, lutando para recuperar o fôlego, lembrou-se de tudo o que acontecera: Jafar mandando que o atirassem pela sacada, o desespero e depois a onda de esperança ao avistar a lâmpada. A última coisa de que se lembrava era ter vislumbrado o Gênio à sua frente.

E agora ele estava vivo e seguro, de volta aos seus aposentos.

O Gênio o salvara.

Apesar de suas regras sobre favores e amizade, o Gênio conseguira, por algum motivo, tirá-lo da água e salvar sua vida. Não havia nada que pudesse dizer ou fazer para recompensá-lo. Mas ele poderia tentar.

Gesticulando para ele, Aladdin lutou para falar, mas sua garganta estava em carne viva e o esforço era doloroso. Ele curvou um dedo, tentando fazer o Gênio se inclinar para ainda mais perto. Revirando os olhos, mas atendendo ao pedido, o Gênio se abaixou.

– Obrigado, Gênio – sussurrou Aladdin.

Para sua surpresa, o Gênio pareceu sem jeito.

– Ei, não foi nada – disse ele, tentando minimizar. – Eu estava na área...

Aladdin sacudiu a cabeça.

– Pensei que você tinha dito “nada de favores”.

– Bem, *tecnicamente*, não foi – o Gênio respondeu.

– Pensei que você tinha dito “nada de amizade” – disse Aladdin, recuperando fôlego suficiente para se divertir em uma leve provocação ao Gênio.

– Isso na verdade lhe custou um desejo – retrucou o Gênio, tentando recuperar a vantagem. Mas não importava. Ambos sabiam o que ele tinha feito e o que isso significava.

– Seja lá o que tenha custado, obrigado. Você salvou a minha vida.

Antes que o Gênio pudesse detê-lo, Aladdin estendeu a mão e deu-lhe um abraço gigante. Então se afastou. Ainda que preferisse ficar na acomodação se recuperando por alguns dias ou mesmo semanas, para ser franco, Aladdin sabia que não podia. O Gênio ajudou-o a sentar-se, oferecendo o braço como apoio. A visão de Aladdin oscilou enquanto o sangue fluía de volta ao seu cérebro. Quando a sala parou de girar, ele retomou a fala:

– Temos que parar Jafar.

– Não vai ser fácil, garoto – disse o Gênio. – Ele tem todos sob o seu feitiço.

Assentindo, Aladdin se levantou e dirigiu-se para a porta, aumentando de velocidade a cada passada. Ele não podia perder um minuto sequer. Sabe-se lá o que Jafar estava dizendo ao sultão – ou, pior ainda, a Jasmine. Ele tinha de encontrá-los e contar sua história. Antes de o estrago ser feito.



Infelizmente, Jasmine estava ouvindo a história toda – ou, pelo menos, a versão de Jafar – enquanto Aladdin e o Gênio se encaminhavam em ritmo frenético para o Grande Salão. Ela estava parada na extremidade do Grande Salão escutando a conversa de seu pai e Jafar, que se aproximavam.

– E eu ouvi o príncipe Ali conversando com seu conselheiro sobre voltar com um exército para conquistar Agrabah – afirmou Jafar.

– O quê? – exclamou o sultão, incrédulo. Jasmine viu a expressão de decepção começando a invadir o rosto de seu pai. Jasmine sabia que ele pensara muito bem do príncipe, e agora o seu conselheiro mais valioso estava vomitando uma história terrível que fazia Ali parecer um monstro.

Jafar assentiu.

– Agora, parece que ele fugiu durante a noite. Eu o avisei, meu sultão. Agrabah é vulnerável. É preciso autorizar a invasão antes...

Jasmine já ouvira o suficiente. Não havia como nada daquilo ser verdade. Fazia apenas uma hora que deixara o príncipe. Ele não havia fugido. Ele provavelmente estava dormindo no quarto de hóspedes!

– Não se pode confiar em Jafar! – ela interferiu com expressão firme, enquanto olhava para o grão-vizir.

Como que aproveitando a deixa, a porta do Grande Salão se abriu, revelando o príncipe Ali. Estava desgrenhado e parecia ter acabado de nadar – com roupas –, mas estava lá. Jasmine abriu um sorriso. Para sua surpresa, o mesmo aconteceu com Jafar. Mas o sorriso dele era frio e calculista, e fez o seu desaparecer. Ela estreitou os olhos, imaginando o que acontecia entre o grão-vizir e o príncipe Ali.

– Alteza – disse o príncipe Ali, correndo para a frente. – Seu conselheiro não é quem diz ser. – Ele fez uma pausa, recuperando o fôlego.

No mesmo instante, o bonito pajem de Aladdin deu um passo à frente e continuou a história:

– Ele amarrrou o garoto em uma cadeira. Jogou-o na água. Sabe de uma coisa? Não vou mais chamar você de Jafar, e sim de Já-vai, porque você vai rodar depois do que fez.

– Terrível – exclamou o sultão. – Simplesmente terrível.

Jasmine se virou e fitou o pai. Ele soava estranho. E seus olhos de repente pareciam nublados, como se ele não estivesse completamente lá. Era como se fosse um fantoche, dizendo alguma coisa, mas não no controle.

O sultão assentiu.

– Jafar, sua lealdade a mim está acima de qualquer suspeita – declarou ele, num tom de voz sem emoção. Então, ele se virou para Ali: – Você se convidou para entrar em nossa cidade e nós o recebemos como hóspede. Mas acredito que suas intenções sejam enganosas. Você é um grave

perigo para Agrabah e será tratado como tal.

Jasmine abriu a boca para questionar, mas o pai ergueu a mão. Ele balançou a cabeça.

– Jafar me contou sobre as intenções do príncipe Ali. Ele está aqui para tomar o meu trono. Hakim! – Seu grito ecoou pelas paredes do Grande Salão, mas não o suficiente para abafar o som do coração de Jasmine batendo freneticamente em seu peito. Ela não podia deixar Hakim levar Ali. Se ele...

De repente, o príncipe Ali se adiantou e arrancou o cajado que Jafar segurava. Quando o grão-vizir soltou um grito de protesto, Jasmine percebeu que os olhos da cobra no cajado pareciam brilhar em vermelho vivo. Assim que o cajado saiu das mãos de Jafar, os olhos ficaram escuros. E o pai dela pareceu voltar à vida.

– O que... O que aconteceu? – ele perguntou.

Jasmine também estava curiosa para saber. Não teria acreditado se não tivesse visto com os próprios olhos, mas, de alguma forma, Jafar estava controlando o sultão.

– Ele o tem sob seu feitiço – explicou o príncipe Ali.

Ele levantou o cajado. Cuidadosamente, como se a cobra pudesse voltar à vida e silvar a qualquer momento, Ali entregou o cajado ao sultão.

– Jafar deseja o seu trono.

Encarando o cajado, os olhos do sultão se estreitaram. Então, olhou de volta para Jafar. O homem estava se esgueirando para a saída.

– Meu conselheiro mais *confiável* – disse o sultão, com sarcasmo na voz. Ele jogou o cajado no chão e depois gesticulou para Hakim. – Deixe-o trancado na masmorra.

Os guardas começaram a se mover em direção a Jafar. O grão-vizir olhou para trás e para a frente, entre a porta e os homens. Então, balançou a cabeça.

– Acho que não – retrucou ele. E, antes que alguém pudesse detê-lo, tirou um objeto do bolso e o ergueu. O ar diante dele se encheu de fumaça, que, uma vez dissipada, revelou seu desaparecimento.

– Encontrem-no – o sultão ordenou aos guardas. Enquanto seus homens saíam da sala, ele se virou para Ali. – Devo me desculpar pela forma como você foi tratado – afirmou com sinceridade. – Sua honra e sua integridade nunca mais serão questionadas em Agrabah.

Jasmine olhou para Ali. Suas bochechas estavam coradas de vergonha e ele balançava nervosamente para a frente e para trás. Para alguém que não demonstrava medo de voar em um tapete ou andar pelas ruas de uma cidade desconhecida, ele parecia quase assustado com a gentileza e o respeito que seu pai lhe dispensava agora. Isso o tornava, ela pensou, ruborizando, ainda mais encantador.

O sultão continuou.

– Este palácio nunca foi agraciado pela presença de um jovem tão nobre e sincero como você. Eu ficaria honrado em chamá-lo de filho... se esse fosse o desejo de mais alguém.

Enquanto o rubor de Jasmine se intensificava, ela trocou um longo olhar com o príncipe. Não pôde deixar de notar que, mesmo que tivesse acabado de receber permissão para se casar com ela, ele não parecia inteiramente feliz. Na verdade, parecia quase... agoniado.



Aladdin *estava* agoniado. Não fisicamente, embora se sentisse bastante dolorido depois de rolar com a cadeira no fosso. Mas isso era nada em comparação com a dor que sentira ao se dar

conta das palavras do sultão e perceber que agora estava total, permanente e inequivocamente preso na gigantesca mentira que constituía o príncipe Ali.

Como se seu corpo fosse controlado por outra pessoa, cumprimentou o sultão e segurou a mão de Jasmine. Mas, enquanto os dois falavam com ele, ouvia apenas sons distantes, o sangue latejando em sua cabeça abafava todo o resto. Quando por fim conseguiu se desembaraçar da companhia deles, sentiu-se exausto. E, quando ele e o Gênio voltaram para os seus aposentos, tinha certeza de que estava ficando doente.

O Gênio também não parecia muito feliz.

– Não posso acreditar que você não contou a ela! – disse, batendo na própria testa, frustrado.

Aladdin levantou uma sobrancelha. O Gênio estava falando sério? Por acaso ele também não estivera lá no salão?

– O sultão acabou de dizer como sou sincero e nobre... – Ele não se deu ao trabalho de terminar. A ironia era óbvia para ambos.

– Bem – o Gênio disse, dando de ombros –, você não vai se tornar *mais* sincero e nobre se ficar prolongando isso.

Aladdin respirou fundo. O Gênio estava certo. Deixar o tempo passar não tornaria mais fácil sair da mentira – as mentiras se acumulariam umas sobre as outras. Quanto mais cedo ele terminasse a farsa, melhor. Mas não estava pronto para contar a Jasmine. Ainda não, pelo menos.

– Então, quando? – perguntou o Gênio quando Aladdin admitiu que ia esperar.

– Quando for a hora certa – ele respondeu.

O Gênio estreitou os olhos. Aladdin se mexeu com desconforto sob seu olhar. O Gênio não era bobo. Vivera milhares de anos. Testemunhara inúmeras situações e conhecera incontáveis pessoas. Sabia quando alguém não estava sendo sincero. Porque, verdade seja dita, Aladdin não estava apenas mentindo para Jasmine e seu pai, estava mentindo para si mesmo. Sobre tudo.

– É que todos pensam que sou... – Aladdin começou a dizer.

– Algo que você não é – o Gênio terminou a frase.

Ele balançou a cabeça, com os olhos cheios de desapontamento.

– E você está permitindo que eles continuem a pensar assim. Algumas pessoas chamam isso de mentira. Estou começando a pensar que você não tem intenção de contar a ela.

Aladdin abriu a boca para protestar, mas nenhuma palavra apareceu.

O Gênio começou a sacudir a cabeça.

– E aquela coisa toda no deserto – ele disse de forma branda –, aquela história de “eu vou te libertar com o meu terceiro desejo” também é uma mentira. – Ele ignorou o fraco protesto de Aladdin. Erguendo a mão, ele o impediu de tentar falar. – Lembra quando eu disse que há sempre aquele cara? Enlouquecido por dinheiro e poder...

Aladdin assentiu.

– Eis o problema com esse cara. Nada será suficiente para alguém que nunca conseguirá o suficiente, porque, no fundo, sente que *ele próprio* não é o suficiente. Quando conheci você, pensei que tivesse sido enviado para a caverna a fim de pegar a lâmpada para esse cara. Mas receio que você esteja *se tornando* esse cara.

As palavras do Gênio atingiram Aladdin como um tapa na cara. Será que o Gênio tinha razão? Ele estava se tornando *esse cara*? Nunca quis magoar ninguém, especialmente Jasmine ou o Gênio. Mas eles não sabiam como era ser ele. Como sua vida tinha sido. Devagar, a raiva começou a ferver dentro de Aladdin, substituindo o sentimento de culpa. Não era justo o Gênio julgá-lo. Ele mal o conhecia! Que direito tinha de julgar o comportamento de Aladdin quando ele

era um ser mágico com poder infinito? Provavelmente, nunca soubera o que era amar alguém que ele não podia ter, ou passar fome porque não pôde roubar comida. A raiva transbordou e Aladdin atacou:

– Você não entende, Gênio. Pessoas como eu não conseguem nada *a não ser* com mentiras.

– Talvez *você* é quem não entenda – o Gênio rebateu. – Quanto mais você ganhar mentindo, menos você de fato terá. – Ele fez uma pausa, na esperança de identificar algum entendimento nos olhos de Aladdin, mas o jovem sequer fez contato visual. – Sabia que em dez mil anos eu nunca chamei um amo de amigo? Quebrei as regras para você. Salvei a sua vida. E por quê? – Balançando a cabeça, desapontado, o Gênio levantou a mão e se transformou em uma nuvem de fumaça, recolhendo-se na lâmpada.

– Ei! – Aladdin pegou a lâmpada e gritou para ela. – Eu não terminei de falar com você! – Mas o Gênio continuou lá dentro, sendo sua única resposta o silêncio. Com furor, Aladdin guardou a lâmpada no bolso. Ele precisava sair dali. Seus aposentos pareciam estar se fechando ao redor dele e sentia o ar tão espesso quanto o desapontamento do Gênio. Olhando para Abu e o tapete, gesticulou para que se juntassem a ele. – Vamos – disse.

Para sua surpresa, o tapete não levantou voo. Em vez disso, virou-se. Abu ficou parado ali, fitando-o com olhos grandes e tristes. Ficou claro que nenhum deles estava satisfeito com seu comportamento. Ele estreitou os olhos para Abu. *Traidor*, pensou. Virando as costas, Aladdin saiu do quarto. Não precisava deles. Não precisava de ninguém. Só precisava sair dali. Agora.

Aladdin tinha dado apenas alguns passos quando ouviu Abu tagarelando atrás dele. Sem se virar para olhar, esperou até sentir o amigo pular em seu ombro. Então, olhou para ele e deu-lhe um pequeno sorriso. Pelo menos não estava completamente sozinho. Ele sempre teria Abu. Juntos, os dois deixaram o palácio em direção a Agrabah.

Fazia apenas alguns dias, mas as ruas da cidade pareceram um lugar estranho para Aladdin. Enquanto caminhava por um beco, reparou como o lugar era sujo em comparação com o palácio, como o fedor da imundície enchia o ar do mesmo modo que o perfume de flores enchia os jardins do palácio. Ele não poderia voltar a essa vida. Simplesmente não poderia. Não agora que tinha experimentado a liberdade dela.

– Quem ele pensa que é? – Aladdin esbravejou para Abu enquanto caminhava. A fuga da acomodação de hóspedes estava contribuindo pouco para fazê-lo esquecer sua briga com o Gênio. – Ele deveria me servir, certo? – Pisando forte, não percebeu quando um homem velho emergiu das sombras, com as mãos estendidas na esperança de receber alguma coisa, qualquer que fosse. Só quando colidiu com o mendigo que Aladdin notou sua presença. Rapidamente o afastou para o lado. – Preste atenção por onde anda! – ele disse, continuando seu caminho sem olhar para trás, para o mendigo. – Eu sou o mesmo que sempre fui... por dentro. Certo? – Ele olhou para Abu. O macaco não guinchou nem tagarelou, apenas ficou mirando o chão.

Aladdin engoliu em seco. Talvez o Gênio estivesse certo. Talvez ele tivesse mudado. E, se fosse verdade, sabia que não fora para melhor. Aladdin suspirou profundamente. Parecia que devia a seu amigo um sério pedido de desculpas. E devia a verdade a Jasmine.

Capítulo Dezoito



O Gênio estava zangado. Estava mais furioso do que já estivera em nove mil anos. Houve uma vez em que um amo o fizera separar um filhote de cachorro de sua mãe e isso realmente o aborreceu. Mas seu aborrecimento não foi nada em comparação com a raiva que a traição de Aladdin o fazia sentir agora. E imaginar que ele havia acreditado que o garoto era diferente das centenas de outras pessoas que haviam esfregado a lâmpada. Pensou que ele fosse bondoso. Pensou que poderia ajudá-lo a se libertar.

Que piada...

Sentindo a sensação familiar de alguém esfregando o lado externo da lâmpada, ele se preparou para encarar Aladdin. Mas, para sua surpresa, quando foi puxado para fora da lâmpada, não foi o rosto de Aladdin que viu.

Foi o de Jafar.

– Que tragédia... – disse o Gênio, nada satisfeito com o rumo dos acontecimentos. – Não o que eu esperava.

Jafar, que estava vestido como o mendigo que Aladdin insensivelmente havia empurrado para o lado, jogou o capuz para trás. Um sorriso maligno cruzou o seu rosto. Roubar a lâmpada de Aladdin fora tão gloriosamente simples... e agora era ele quem estava no comando.

– Acho que sabe como se dirigir a mim – disse ele ao Gênio.

O Gênio soltou um suspiro. *Isso era muito familiar.*

– Ó Grandioso que me convoca – disse ele, submetendo-se infeliz ao seu papel habitual –, e Terrível que me comanda...

Enquanto Jafar esfregava as mãos com avidez, o Gênio olhou para o palácio. Aladdin o havia frustrado, mas, naquele momento, teria feito qualquer coisa para ver o rosto de seu amigo em vez do rosto daquele sujeito. Com ele, pelo menos, sabia o que esperar. Jafar era um desconhecido. Mas, pela expressão maligna em seus olhos e pelo que o Gênio já sabia sobre o grão-vizir, achava que, fosse qual fosse o desejo de Jafar, não seria bom.



A luz da manhã atravessava as janelas de seu quarto, fazendo brilhar a filigrana de ouro em suas cortinas. Uma brisa quente soprava, trazendo consigo o perfume do jardim e o som pacífico

do canto dos pássaros. Mas, apesar do momento idílico, as sobranceiras de Jasmine estavam franzidas, seus pensamentos, conturbados.

Olhando para a princesa, Dália franziu a testa. Jasmine deveria estar pulando de alegria. O sultão havia lhe dado permissão para se casar com o príncipe Ali. Ele praticamente implorara ao príncipe, na verdade. E, depois do passeio mágico no tapete, Jasmine não cabia em si de felicidade. Então, por que ela estava de súbito descontente?

– Você está bem? – Dália perguntou. E sorriu, provocando-a. – O que a está perturbando é esse negócio de “encontrar o homem dos seus sonhos e ter a vida perfeita”?

Jasmine olhou para Dália e lhe lançou um pequeno sorriso.

– Eu sei, eu deveria estar feliz – ela admitiu. – Ele é um homem maravilhoso e eu deveria apenas aceitar que Baba nunca me verá como líder. Mas não posso me conformar. Você entende...? – Sua voz sumiu.

Dália sacudiu a cabeça.

– Não – respondeu ela. – Mas eu amo você.

Jasmine suspirou. Sabia que estava sendo insistente e orgulhosa. Sabia que reclamar com Dália, que tinha ainda menos escolha e liberdade do que ela, era um tanto irônico e um pouco cruel. E sabia que, no grande esquema dos acontecimentos, poderia ter sido muito pior. Se o príncipe Ali não tivesse aparecido, ela poderia ter acabado se casando com o príncipe Anders e indo viver em Skånland. Do jeito que as coisas estavam, agora ela tinha a chance de se casar por amor – ou, pelo menos, *sentia* que estava começando a amar Ali. De repente, um pensamento surgiu em sua mente. Um pensamento que lhe deu um minúsculo vislumbre de esperança. Sabia que Ali também se importava com ela, e ele lhe dissera que achava que ela tinha o necessário para ser uma líder maravilhosa... Então, e se ele estivesse disposto a permitir-lhe ser mais do que apenas sua esposa? Talvez, apenas talvez, ele a deixasse ajudá-lo a governar...

Com uma sensação de esperança renovada, Jasmine se virou para o armário. Era hora de se vestir e saudar o dia. Tinha um futuro marido para ver e planos a fazer, e pretendia não deixar coisa alguma ficar em seu caminho...

Foi quando ela ouviu o estrondo. Olhando para Dália, que a encarou de volta com olhos grandes e assustados, Jasmine vestiu a primeira roupa que viu e foi em direção ao Grande Salão.



Enquanto Jasmine estivera se preparando alegremente para saudar o dia, Jafar andara se preparando para tomar o trono – e Agrabah e, quem sabe, o mundo, se pudesse. Todo relaxado no trono do Sultão, no Grande Salão, distraidamente jogava a lâmpada mágica que roubara de Aladdin de uma mão para a outra. Remexeu-se desconfortavelmente no assento duro. A primeira coisa que ele faria – depois de todo aquele negócio de se tornar sultão – seria arranjar um novo trono. Algo grandioso; algo mais macio. Cada vez mais entediado, esticou uma perna, empurrando e derrubando um vaso pesado de ferro, que caiu no chão com um estrondo retumbante.

O barulho funcionou como um alarme. Instantaneamente, Jafar ouviu o som de passos do lado externo da porta. Ele sorriu. Então, reclinou-se e esperou. Um instante depois, a porta se abriu, e o sultão e Hakim entraram. Jasmine, Dália e Raja vieram logo atrás.

– Jafar! – disse o sultão ao ver o antigo grão-vizir sentado em seu trono. – Você devia ter deixado Agrabah quando teve a chance. – Atrás dele, o restante dos guardas apareceu, enchendo

o salão e bloqueando as saídas. Mas, para a surpresa do sultão, Jafar não parecia preocupado. Na verdade, parecia francamente arrogante.

– Por que deixar uma cidade que pertence a mim agora? – ele perguntou.

Ergueu diante de si o que parecia uma velha lâmpada de latão.

Os olhos de Jasmine se estreitaram. Ao lado dela, Raja rosnou e achegou-se mais a Jasmine.

– Acabou para você, Jafar – continuou o sultão, ignorando a lâmpada e os rosnados de Raja.

Jafar sacudiu a cabeça.

– Não, acabou para você, meu velho – ele respondeu. Enquanto falava, levantou-se. Ficou olhando para o sultão. – Já aturei sua falta de fibra e incompetência por bastante tempo... – Levantando a lâmpada, esfregou a lateral dela.

Uma fumaça azul começou a sair do bico, enchendo o Grande Salão. Ao lado de Jasmine, Raja ficou alerta, com o pelo eriçado. Jasmine sentiu seu coração começar a martelar e deu um passo inconsciente para trás. Quando a fumaça finalmente se dissipou, pairando no ar ao lado de Jafar, havia um gênio – uma entidade azul gigante flutuando no Grande Salão. Uma entidade azul gigante que, de modo inconcebível, parecia-lhe estranhamente familiar. Jasmine abriu a boca de espanto. Ela já tinha ouvido histórias sobre tais criaturas poderosas, mas não acreditara nelas. Até agora.

– Gênio – Jafar zombou. – Como meu primeiro desejo, desejo ser sultão de Agrabah!

– O quê? – disse o sultão.

Mas era tarde demais. O desejo de Jafar foi realizado. E parecia que o Gênio não tinha escolha a não ser torná-lo realidade. Ele ergueu as grandes mãos azuis, e trovões e relâmpagos encheram o ar quando a magia começou a transformar Jafar em sultão. Ao mesmo tempo, o palácio também passou a se transformar. Os belos objetos reunidos pelos pais de Jasmine tornaram-se objetos das trevas, cobras e escorpiões cobriam agora as paredes e os pilares, que mudavam de dourado para negro. O que tinha sido bom agora se tornara maligno. O que tinha sido lindo agora era feio. A garganta de Jasmine se apertou e as lágrimas arderam em seus olhos enquanto observava a transformação acontecer.

– Hakim! – o sultão gritou para o chefe da guarda.

Mas o sultão não era mais sultão. E os guardas não eram mais seus guardas. Eles respondiam a Jafar. Por isso, quando ele ordenou a alguns deles que organizassem um exército e se preparassem para invadir Shirabad, eles não o questionaram, mas se viraram, em perfeita sincronia, e começaram a sair do Grande Salão.

Jasmine os observava, a raiva substituindo seu medo e sua tristeza.

– Você não pode fazer isso! – ela gritou, dando um passo à frente. Virando-se, Jafar olhou para ela como se acabasse de notá-la. Ele levantou uma sobrancelha enquanto ela continuava. – Foi onde minha mãe... Eles são nossos aliados!

– Acho que já ouvimos o suficiente de você, princesa – disse Jafar quando ela terminou. – É hora de você começar a fazer o que sempre deveria ter feito: ficar em silêncio. – Ele se virou para os guardas restantes. – Tirem-na daqui.

Mãos fortes agarraram os braços de Jasmine e ela se debateu, furiosa. Pensou no mercado, quando também foi apanhada. Enquanto era arrastada pelo salão, olhou por cima do ombro para o pai. A tristeza cobria o seu rosto. Atrás dele, Jafar estava de pé, com a nova capa escura lhe caindo sobre os ombros e uma expressão vitoriosa estampada no rosto.

Não vou deixá-lo ganhar, Jasmine pensou quando as portas se fecharam com força atrás de si, bloqueando sua visão do pai. *Jafar me quer em silêncio? Bem, ele terá uma surpresa. Enquanto*

eu estiver respirando, vou lutar. Não vou ficar calada. Nem agora nem nunca.

Soltando um grito, ela se libertou dos guardas surpresos – que pensaram que ela os acompanharia com facilidade – e correu de volta para o Grande Salão. Irrompeu pelas portas, correu pelo longo aposento e parou na frente dos homens. No mesmo instante, seus braços foram agarrados pelas mãos de outros guardas.

– Hakim! – ela gritou.

– Levem-na embora! – Jafar gritou com raiva. – Diga-lhes, Hakim.

Mas Hakim hesitou. Vendo aí uma chance, Jasmine olhou para o seu velho amigo, implorando a ele.

– Você era apenas um menino quando seu pai veio para cá para trabalhar nos jardins. Você cresceu e se tornou nosso soldado mais confiável. – Ela fez uma pausa, esperando ver um lampejo de algo nos olhos de Hakim, porém o homem permaneceu imóvel, com a expressão vazia. Ela o pressionou. Ela *precisava* alcançá-lo. – Sei que é leal e justo. Mas agora tem de escolher. O dever nem sempre é honra. Nosso maior desafio não é falar contra nossos inimigos, e sim desafiar aqueles cuja aprovação mais buscamos. – Ela apontou para Jafar. – Ele não é digno da sua admiração nem do seu sacrifício.

Jasmine ficou em silêncio, suas palavras ecoando pelas paredes do Grande Salão. Ela podia sentir os olhos do pai nela, assim como os de Jafar, mas ignorou os dois e, em vez disso, procurou ver se alcançara Hakim. Ela sabia o que era querer desesperadamente fazer o que os outros pediam, ao custo da própria felicidade. Tinha de acreditar que Hakim ouvira a verdade em seu apelo. Do contrário, ela estaria perdida.

– Silêncio, sua menina tola – disse Jafar, soltando uma risada enquanto Hakim permanecia imóvel. – Eu busco a glória do reino de Agrabah.

Jasmine sacudiu a cabeça. Quão tola e boba Jafar achava que ela era? Ele não buscava glória para ninguém além de si mesmo. E ele a obteria a qualquer custo. O povo de Agrabah sofreria. Ao desviar os olhos de Jafar, ela se virou e mais uma vez se concentrou em Hakim. Jafar era totalmente maligno. Não havia a menor chance de ele ceder. Mas Hakim era como um membro da família. Ela poderia chegar até ele. *Tinha* de alcançá-lo. Jasmine apontou para os guardas, que aguardavam suas ordens.

– Hakim, esses homens o obedecem cegamente, mas a decisão é sua. Ficará quieto enquanto Jafar destrói nosso amado reino ou fará o que é certo... e ficará *com* o povo de Agrabah?

Jasmine prendeu a respiração quando Hakim olhou de um lado para o outro, entre ela e Jafar. Podia ver a hesitação em seus olhos: estava dividido entre lealdade e dever. Mas então ele deu um passo, aproximando-se mais de Jasmine. Fez uma leve reverência. Atrás dele, os guardas fizeram o mesmo.

– Seguirei você, minha princesa. Perdoe-me, meu sultão. – Olhou para os seus homens. – Guardas! Prendam o grão-vizir.

Enquanto os guardas se adiantaram para levar Jafar preso, Jasmine sorriu. Sabia que não era o momento perfeito; na verdade, era uma situação terrível, mas ela havia conseguido. Fizera Hakim ouvi-la. Não ficou ali parada, sem palavras e impotente. Tinha sido uma líder. No entanto, o sorriso desapareceu de seus lábios quando ela encarou Jafar. O ar ao redor dele parecia mais escuro e seu rosto estava cheio de fúria. Ela podia ter vencido Hakim e os guardas, mas acabara de fazer um inimigo muito poderoso.

Enquanto os guardas se moviam para prender Jafar, ele recuou, evitando ser agarrado por eles. A ira invadira o seu rosto e tornava suas feições sinistras ainda mais sombrias.

– Então, é assim que vai ser – ele zombou. – Nem mesmo o título de sultão vai acordar o rebanho de seu sono. – Ele balançou a cabeça. – Eu já deveria saber. – Levantando a lâmpada, ele esfregou sua lateral. Em uma nuvem de fumaça, o Gênio apareceu com o rosto cheio de angústia. – Se vocês não se curvam diante de um sultão – disse ele com raiva –, vocês hão de temer um feiticeiro! – Ele olhou para o Gênio. – Desejo me tornar o feiticeiro mais poderoso que existe!

Instantaneamente, houve uma explosão de magia. Cores iluminaram o salão, projetando nas paredes uma profusão de vermelhos, amarelos e verdes, como uma exibição mágica de fogos de artifício. Trovões rebentavam e ecoavam, estremecendo a sala. Quando a magia por fim se dissipou, Jafar emergiu da fumaça. Sua capa, agora num intenso e agressivo tom de vermelho riscado de ouro, rodopiava atrás dele, enquanto um chapéu escuro e apertado fazia suas sobancelhas se arquearem ainda mais severamente. Uma cobra saiu de trás dele, serpenteando em torno de seus pés e depois subindo, até que também se transformou – em um novo e gigantesco cajado. O cajado, nos mesmos tons de vermelho e dourado que as vestes de Jafar, era maior e mais ornamentado do que o anterior. Ele pulsava com um poder inexplorado – e com inexplorada malignidade.

Capítulo Dezenove



Escondido nas sombras do Grande Salão, Aladdin se encheu de orgulho ao ver Jasmine defender Agrabah. Ele assistiu enquanto ela usava a força de suas crenças com eloquência para convencer Hakim a aderir à sua causa, e então observou Jafar ficar cada vez mais furioso.

Ele estava no mercado quando viu os primeiros sinais de problemas. Uma fumaça azul saindo das janelas do Grande Salão o fez meter a mão no bolso. Encontrando-o vazio, bateu na cabeça. Como podia ter sido tão tolo? O mendigo? O esbarrão aleatório no meio de um beco vazio? Só poderia ter sido Jafar. O grão-vizir conseguira roubar a lâmpada e, pelo que parecia, estava colocando o gênio para trabalhar.

Aladdin correu de volta ao palácio e chegou ao Grande Salão a tempo de ver Jafar fazer seu primeiro desejo. Agora, esperava para ver o que aconteceria em seguida.

Não precisou esperar muito.

Sem desconfiar da presença de Aladdin, Jafar soltou uma gargalhada maligna. Regozijando-se com sua força, olhou ao redor da sala, e seu olhar parou em Hakim.

– Eu tinha planos tão grandes para você – disse ele ao guarda. – Mas agora você não me serve. Talvez seus homens possam acompanhá-lo até a masmorra.

Os guardas começaram a se mover em direção a Hakim, obviamente sob o feitiço de Jafar. Usando o barulho dos passos deles para encobrir os seus, Aladdin deslocou-se um pouco para a frente, com o braço estendido, os dedos quase tocando a lâmpada...

BAM!

Jafar bateu com o cajado no chão, a poucos centímetros dos dedos de Aladdin, que caiu de joelhos, olhando nos olhos sinistros de Jafar. O feiticeiro encarou-o de volta e zombou.

– Ora, ora, se não é o nosso príncipe Ali.

– Ali! – Aladdin ouviu o grito esperançoso de Jasmine, mas não se virou. Precisava manter o foco e estar pronto para o que quer que Jafar lançasse a ele em seguida.

O feiticeiro bateu com o cajado no chão mais uma vez, provocando outro tremor violento pela sala.

– Ou devo dizer *Aladdin* – disse. Ele agitou o cajado por cima do jovem, e o ar se encheu de fumaça.

Aladdin sentiu uma sensação estranha, como se fosse puxado por um milhão de dedos invisíveis. Quando a fumaça clareou, ele olhou para baixo e então gemeu. As vestimentas luxuosas do príncipe Ali haviam desaparecido. Lá estava ele outra vez trajando a roupa

esfarrapada de um menino de rua. Devagar, levantou a cabeça. Seus olhos encontraram os de Jasmine e ele deu de ombros, desanimado. *Acho que agora ela sabe a verdade*, pensou com tristeza.

– Ele é um impostor – afirmou Jafar, sentindo óbvio prazer em revelar o segredo de Aladdin. – Um ladrão, e nem mesmo um muito bom. – Levantou a lâmpada. – Mesmo com a lâmpada, você não poderia desejar ser digno de uma princesa. Você é insignificante... Um aborrecimento que não precisarei mais tolerar assim que lhe garantir uma morte agonizante. – Ergueu o cajado no ar, os olhos da serpente brilhando cada vez mais vermelhos enquanto uma onda de poder mágico fluía através dele. – Banindo-o até os confins da Terra!

A última coisa que Aladdin ouviu antes que o mundo ao seu redor desaparecesse foi o suspiro de surpresa de Jasmine e seu pai. Enquanto estendia a mão em pânico, viu Abu correr para a frente. Aladdin quis sorrir. Mesmo agora, quando as coisas não poderiam piorar mais, seu amigo não sairia do seu lado. Assim que o macaco chegou a ele, o mundo ficou branco e depois tudo e todos se desvaneceram.



Jasmine ficou olhando pasma para o local onde, apenas momentos antes, Ali – ou melhor, Aladdin – estivera. Agora nada restava. Ele simplesmente desaparecera no ar.

E não fazia ideia de para onde ele tinha ido – ou o que pensar.

Aladdin havia mentido. Não apenas em uma única ocasião. Havia mentido para ela várias e várias vezes. Mentira descaradamente, olhando-a nos olhos, mesmo quando ela o reconhecera como o jovem do mercado, e a fez se sentir tão boba por pensar que ele não era um príncipe. Ela deveria estar furiosa com ele. Mas, de certo modo, não estava. Na verdade, se tinha algo que sentia era pura e simplesmente medo. Medo de que ele houvesse desaparecido e nunca mais voltasse. Medo de que talvez ela própria fosse a única mentirosa da história, enganando a si mesma, porque, se analisasse para valer tudo o que aconteceu, na verdade, ela sempre suspeitara de algo errado. Tinha sido mais fácil acreditar que Aladdin era o príncipe que fingia ser.

Suspirando, ela percebeu que seu medo de nunca mais voltar a ver Aladdin estava se tornando mais plausível. O humor de Jafar só havia piorado nos últimos minutos. Ela assistiu apreensiva enquanto ele andava de um lado para o outro diante do trono, os nós dos dedos brancos pela força com que apertava o cajado. Parando, ele se voltou àqueles que ainda permaneciam no Grande Salão.

– Agora, eu poderia simplesmente matar todos vocês – ele começou. – Mas seria uma retribuição inadequada por anos de humilhação e menosprezo. – Finalmente, ele parou e olhou para o sultão. – O que você precisa é sofrer.

Jasmine soltou um grito quando Jafar baixou o cajado, enviando uma explosão mágica de dor através do sultão que deixou o velho de joelhos. Ele ficou ali estendido no chão, suas mãos comprimindo o peito enquanto Jasmine perscrutava ao redor, desesperada para tomar alguma atitude. Jafar parecia se deliciar com cada minuto da agonia do pai dela.

– Será que me ver governando o seu reino será o suficiente? – Jafar continuou. Seus olhos pousaram em Jasmine. Ela sentiu que eles a perfuravam como adagas de gelo. – Oh, você acha que isso é dor, princesa? – Ele balançou a cabeça. Mais uma vez, dirigiu-se ao sultão. – Não... Acho que a punição mais adequada seria fazer você assistir enquanto eu tomo o que você mais valoriza... e me caso com a sua filha.

– Não! – o grito saiu de Jasmine antes que ela pudesse pensar em detê-lo. Casar com Jafar? Ela preferiria morrer. Só de pensar nisso, seu estômago revirava. Se ela já achava que se casar com um príncipe a tornaria impotente, imaginava bem o que significaria se casar com Jafar. Uma vida de sofrimento, silêncio, sem ser ouvida. Sua chance de ter qualquer influência no futuro e na felicidade de seu povo desapareceria. Ela balançou a cabeça. *Não*, pensou novamente. Nunca poderia se casar com aquele homem.

Seu pai parecia concordar com ela. Lutando para ficar de pé, ele deu um passo na direção de Jafar.

– Ela jamais se casará com você – disse ele, trêmulo.

Jafar deu de ombros.

– Então, matarei seu precioso Baba – disse ele, como se o ato de assassinar o sultão fosse tão fácil e indolor para ele quanto golpear uma mosca. Erguendo seu cajado, mais uma vez começou a inundar o velho com ondas de dor. O sultão se contorcia, parecendo uma marionete dançando em suas cordas. Seu rosto se tornou cada vez mais pálido quando a dor se tornou insuportável.

Lágrimas começaram a escorrer dos olhos de Jasmine ao ver o tormento do pai. Jafar o estava matando. Ela enxugou as faces com raiva. Sabia que só havia um jeito de detê-lo e salvar seu pai. Dando um passo à frente, ela esticou o braço para cima.

– Pare – ela gritou. – Farei o que você quer.

– Vai se casar comigo? – perguntou Jafar.

Jasmine assentiu.

– Sim, apenas faça isso parar.

Instantaneamente, o sultão parou de se debater. Caiu no chão, extenuado.

– Muito bem – disse Jafar, virando-se para sair. – Fico feliz que tiramos isso do caminho. Vejo você no casamento. – Ele gesticulou para os guardas, que agora tremiam em suas botas e, com ou sem mágica, pareciam estar por completo sob seu controle. Jafar ordenou que eles se certificassem de que Jasmine se comportasse. Então saiu.

Assim que ele se foi, Jasmine correu para o pai. Agachando-se ao seu lado, puxou a cabeça dele para o seu colo. Enquanto gentilmente acariciava seus cabelos, ela sussurrou:

– Não se preocupe. – Mas Jasmine sabia que suas palavras soavam vazias.



Ela fez tudo o que podia para atrasar o casamento. Experimentou dez vestidos diferentes para gastar tempo. Fez Dália levar os sapatos para o sapateiro no mercado, mesmo que eles não precisassem de conserto. Levou Raja para uma caminhada e depois reorganizou seus mapas por data de criação. Mas, por fim, ficou claro que ela não poderia mais adiá-lo.

Ela ia se casar com Jafar.

Com passos graves e o coração ainda mais pesado, dirigiu-se para uma das varandas maiores do palácio. Jafar já estava lá, encarando malignamente um imã convocado por ele para realizar a cerimônia. O pobre imã parecia aterrorizado, e Jasmine só podia imaginar o que Jafar lhe dissera sobre qual seria a consequência se ele *não* concordasse em casá-los. As mãos trêmulas do homem seguravam o livro com os votos. Ao lado, contido por dois guardas, estava o sultão. Ele parecia ter envelhecido vinte anos nas últimas duas horas. Suas olheiras eram profundas e os ombros estavam encurvados. Quando cruzou o olhar com Jasmine, ela percebeu que o pai estava chorando. Seus olhos se encheram de lágrimas em resposta. Não era assim que ela esperava que

fosse o seu casamento. Imaginara flores, música, seus amigos e entes queridos ao seu redor. Imaginara suspiros de admiração quando ela entrasse trajando o vestido roxo que sua mãe usara em seu casamento, cada centímetro de tecido recoberto com contas opalescentes. Turquesas cobrindo o decote e mergulhando nas costas, em alusão ao brilho e à beleza do mar de Agrabah. E, o mais importante, esperava que o noivo a saudasse para fazer seu coração disparar de felicidade, não fazer seu estômago revirar de desgosto.

Finalmente, chegou diante de Jafar, que deu um passo à frente, tomando seu lugar ao lado de Jasmine. Então, ele olhou para o imã com expectativa.

O imã abria e fechava a boca como um peixe moribundo, mas nenhuma palavra saiu dela e suas mãos passaram a sacudir ainda mais.

– Pare de tremer e faça o seu trabalho – silvou Jafar.

O imã assentiu nervosamente.

– Jafar – ele começou –, com toda a honestidade e sinceridade, você recebe a princesa Jasmine como sua esposa?

– Prometo – começou Jafar – com honestidade e sinceridade cuidar de você, princesa.

Jasmine olhou para ele sem se dar ao trabalho de esconder a repulsa que a tomava. Cuidar dela? Ambos sabiam o que ele realmente queria dizer. Ele teria sido mais sincero se tivesse dito: *Eu pretendo mantê-la prisioneira pelo resto da vida, princesa.*

– Princesa Jasmine? – o imã disse, voltando seu olhar assustado para ela, agora.

Jasmine engoliu de volta a bile que lhe subiu à garganta. Olhou para o pai. Ela tinha de fazê-lo, se não, Jafar o mataria.

– Eu... Eu... – ela gaguejou, as palavras grudadas em sua garganta. Jafar a encarou fixamente, olhando-a como se ele fosse um gato e ela, o rato. Desesperada, Jasmine investigou o espaço ao redor da varanda, esperando que, por algum milagre, pudesse encontrar uma maneira de sair dessa situação.

Então ela viu Dália. Sua criada articulou com os lábios a palavra “olhe!” e acenou com a cabeça por cima do ombro. Seguindo a indicação, Jasmine quase soltou um grito de felicidade. Lá, vindo em direção ao palácio no tapete voador, estava Aladdin. Ele estava vivo!

Antes que Jafar pudesse se virar a fim de identificar o que ela estava olhando, Jasmine mais uma vez começou a falar.

– Eu... – ela disse, erguendo a mão com leveza – ... prometo que... – Seus dedos se esticaram. E, então, ao mesmo tempo que acrescentava a palavra “não!”, agarrou e arrancou a lâmpada do cinto de Jafar.

No mesmo instante, Aladdin mergulhou sobre eles e estendeu-lhe a mão.

– Pule! – ele gritou para Jasmine.

Sem hesitar, ela saltou para o tapete. Eles se afastaram, ouvindo os gritos furiosos de protesto de Jafar. Virando-se, Jasmine percebeu uma explosão de magia se derramar do cajado nas mãos dele e Iago, o desagradável papagaio, se transformar em uma enorme e ameaçadora fênix.

Elevando-se no ar, Iago soltou um guincho raivoso e saiu no encalço deles. Jasmine agarrou o braço de Aladdin quando o tapete acelerou e se afastou do palácio em direção ao centro de Agrabah. Eles tinham de fugir. Por sorte, Jasmine sabia que Aladdin era muito bom em escapular. Ela só tinha de torcer para que sua habilidade se estendesse aos céus.

Capítulo Vinte



Enquanto o tapete os conduzia para o mercado de Agrabah, Aladdin mantinha os olhos fixos à sua frente. Podia ouvir a respiração assustada de Jasmine e sentir sua mão agarrando o braço dele. Ele sabia que tinha de dizer alguma coisa, mas por onde ao menos poderia começar? Deveria lhe dizer que tinha feito tudo aquilo por ela? Deveria lhe dizer que, quando Jafar de repente o baniu para os confins da terra, a única coisa que o manteve aquecido naqueles momentos em que esteve preso num deserto congelado foi a lembrança dela? Deveria lhe dizer que, quando o tapete apareceu, ele quase chorou de alegria por ter sido encontrado, porque tudo o que queria era voltar para ela? Deveria lhe dizer que tudo em que conseguia pensar durante a longa viagem de volta no tapete era o que tinham vivido juntos? Deveria lhe dizer que, enquanto voavam em direção à cidade, ele soube que a amava? Isso seria o suficiente? Poderia ser o suficiente?

– Por que você mentiu para mim?

A voz de Jasmine invadiu seus pensamentos, inundando-o com uma nova onda de culpa. Ele levantou os olhos, encontrando os dela. Ela o encarava. Mas, para seu espanto, a raiva que ele achava que encontraria não estava lá. Em vez disso, ela o olhava com uma combinação de tristeza e curiosidade. Ele suspirou. Poderia inventar ainda mais mentiras, mas qual seria o sentido? Se era para ser sincero algum dia, o momento era esse.

– Quem ia querer um pivete de rua? – ele perguntou com brandura.

– É isso que você pensa que é? – Jasmine respondeu, parecendo surpresa com a pergunta.

Aladdin abriu a boca para responder, mas um guincho estridente nas proximidades o fez virar-se. Seus olhos se arregalaram de medo quando viu Iago – ainda na forma de uma terrível fênix – se aproximando deles. Com uma batida gigantesca de suas longas asas, o pássaro os alcançou. Abrindo o bico, Iago tentou morder o tapete e quase apanhou Aladdin. Quando Abu saltou de seu lugar no tapete para tentar salvar seu amigo, Jasmine gritou e a lâmpada caiu de sua mão, despencando em direção ao mercado.

Agindo com rapidez, Aladdin desviou o tapete da fênix e depois pediu que ele se abaixasse.

– Abu! – Aladdin gritou para o seu amigo. – Pegue a lâmpada! – Assentindo com a cabeça, o macaco aproximou-se da beirada do tapete. No momento em que o tapete sobrevoou uma tenda repleta de lâmpadas, Abu saltou. Freneticamente, ele começou a procurar por entre uma miríade de lâmpadas. Ele resmungava de frustração enquanto pegava uma após a outra, todas parecidas exatamente com a do Gênio.

Enquanto isso, Aladdin e Jasmine fugiam da fênix numa perseguição pelo mercado. Ao mesmo tempo, Aladdin estava de olho em Abu, à espera de um sinal do macaco. O tapete baixava e serpenteava por entre barracas de frutas e legumes, em torno de vendedores de velas e de joias. Mas não importava quão bem ele manobrasse, Iago, a fênix, continuava logo atrás deles.

Finalmente, eles ouviram Abu soltar um grito de triunfo. Virando o tapete de volta para a tenda de lâmpadas, Aladdin os impeliu a pairar bem acima dela. Assim que passaram voando por ele, Abu lançou a lâmpada para o alto. Aladdin pegou-a com habilidade e, antes que a fênix pudesse se aproximar, decolaram novamente, indo direto para um túnel ao lado do mercado.

– Para onde estamos indo? – Jasmine gritou por cima do vento e dos gritos de raiva da fênix.

– Confie em mim! – Aladdin gritou de volta.

Jasmine levantou uma sobrancelha.

– Você diz muito isso! – ela respondeu. Mas assentiu e apertou com mais força ainda o tapete enquanto eles voavam para a escuridão.

O túnel se estendia por quilômetros, uma passagem secreta que Aladdin usara a seu favor em mais de uma ocasião enquanto fugia de guardas ou de vendedores furiosos. Sabia que só tinha de ser paciente para o plano funcionar. Mas, quando a fênix os seguiu para o interior do túnel, seus gritos ecoando contra as paredes escuras e úmidas, Aladdin engoliu em seco com nervosismo. Nunca fugira de uma criatura mágica zangada naqueles túneis.

Então, à sua frente, Aladdin viu algo que lhe deu esperança. As paredes do túnel estavam ficando mais estreitas. Ele instigou o tapete para mais uma explosão de velocidade, e eles dispararam. Atrás, sem saber o que estava acontecendo, vinha a fênix. Sua boca se abriu, seu pescoço se esticou e, quando parecia que ela ia pegá-los, as asas do pássaro chocaram-se contra as paredes apertadas. Com um grito, a fênix desabou no chão, irrompendo em chamas.

Aladdin soltou um grito triunfante e, um instante depois, virou o tapete por outro túnel curto. Eles voltaram para a luz do sol. Segurando a lâmpada, ele começou a esfregá-la. Mas, então, parou. Havia algo que precisava dizer para Jasmine – e não podia esperar.

– Sinto muito, eu...

Ela não o deixou terminar.

– Aladdin! Esfregue logo a lâmpada!

Ele assentiu. Jasmine tinha razão. Talvez não fosse um bom momento para desculpas. Segurando a lâmpada, ele mais uma vez começou a esfregar sua lateral. Nada aconteceu. Aladdin esfregou de novo. Mais uma vez, nada aconteceu. Lentamente, ele levantou a cabeça e olhou para Jasmine.

– É a lâmpada errada! – exclamou ele.

Naquele exato momento, a fênix ressurgiu das cinzas e renasceu. Deixando escapar um grito de raiva que ecoou por todo o mercado, ela decolou atrás de Aladdin e Jasmine. Mais uma vez, o tapete começou a ziguezaguear por entre as tendas do mercado enquanto Jasmine e Aladdin procuravam em pânico cego por Abu – e a lâmpada certa.

O coração de Aladdin estava disparado enquanto seus olhos vasculhavam o chão. Então, percebendo que já fazia um tempinho que não ouvia os gritos da fênix, virou-se e constatou que o pássaro havia parado de persegui-los. Ele examinou as ruas coloridas e viu suas penas de fogo voando na direção oposta. Apertando os olhos, descobriu que a fênix estava perseguindo outra coisa agora: Abu! O macaquinho corria o mais rápido possível por cima dos numerosos telhados do mercado. Mas estava sobrecarregado por uma lâmpada – a lâmpada – e a fênix estava ganhando terreno rapidamente.

– Abu! – gritou Aladdin. Ele olhou em volta freneticamente. Precisava salvar seu amigo. Mas como? Então, seus olhos se iluminaram. Não acabara de se chamar de pivete de rua? Bem, se havia uma coisa em que os pivetes de rua são bons é usar as ruas, e telhados, em seu benefício! – Tapete, leve-me até lá, agora! – ele gritou, apontando.

Com uma ondulação de suas borlas, o tapete se dirigiu para o telhado mais próximo. Parou por tempo suficiente para deixar Aladdin descer. Dando um salto mortal, Aladdin aterrissou e partiu atrás do amigo. Os músculos de suas pernas queimavam enquanto ele se atirava de um prédio ao outro, até que, enfim, estava a poucos metros de distância de Abu. Ao estender a mão, ele agarrou o macaco e a lâmpada e, respirando fundo, atirou-se do telhado... e no tapete, ao lado de Jasmine.

Mas ele não foi rápido o suficiente. Assim que pousou no tapete, a fênix se esticou e arrancou a lâmpada da mão de Aladdin. Com um guincho triunfante, o pássaro virou a fim de retornar ao palácio. Jasmine ofegou. Aladdin assistiu desesperadamente enquanto Iago voava cada vez mais para longe – a única esperança de salvação presa em seu bico pontudo. Mas, justo quando as esperanças deles haviam se extinguido quase por completo, o pássaro soltou um grito de surpresa e se transformou de novo num papagaio. Aladdin observou, perplexo, enquanto Iago, sobrecarregado pela lâmpada, começava a cair em direção ao chão.

Embora não tivesse ideia de por que Iago não era mais uma fênix aterrorizante, Aladdin não se importava. Era uma chance. E era exatamente do que precisavam. Aladdin conduziu o tapete até onde Iago caíra, Abu saltou do tapete e atacou o papagaio. Os animais guincharam e grasnaram, brigando pela lâmpada. Por fim, Abu a pegou de volta e se virou para encontrar Aladdin e Jasmine esperando por ele. Então, com Iago incapaz de fazer qualquer coisa para impedi-los, navegaram pelo ar, desaparecendo pela janela de uma das casas que circundavam o mercado.



No palácio, a raiva de Jafar estava se intensificando. Estava cansado das tentativas tolas – e, francamente, ridículas – do sultão de detê-lo. O velho tentara enfrentá-lo apenas alguns instantes antes, forçando Jafar a perder a concentração por um momento. Mas o momento custara caro. Ele ouvira os gritos de sua fênix e depois os grasnados do papagaio Iago, e soube instantaneamente que seu lapso de concentração lhe custara a lâmpada – por enquanto. Mas ele a recuperaria. Já estava farto de Aladdin arruinando seus planos e dificultando sua vida. Já era hora de pôr fim ao pivete de rua de uma vez por todas. Ignorando o sultão, que agora estava deitado no chão, inconsciente, ergueu o cajado de feiticeiro no ar. Nuvens escuras começaram a se formar acima de sua cabeça e depois rodopiaram para fora, escurecendo o céu ao redor do palácio e então de Agrabah. Quando relâmpagos começaram a espocar, ele transformou o papagaio em uma fênix outra vez, e o animal soltou um grito estridente. O pássaro continuaria perseguindo Aladdin até apanhá-lo. E, se a fênix não o pegasse, a tempestade o faria.

Caminhando para a sacada, Jafar olhou para fora e observou as nuvens escuras se tornarem mais espessas e ameaçadoras. Ele sorriu. Era só uma questão de tempo. Logo teria a lâmpada de volta – e, então, destruiria Aladdin, o sultão, sua preciosa princesa... e quem mais ficasse em seu caminho.



Trovões rebentavam e relâmpagos rasgavam o céu. Novamente perseguidos pela fênix, Aladdin e Jasmine se agarravam ao tapete, tentando escapar do pássaro e da tempestade recém-formada. Mas os raios se sucediam em velocidade cada vez maior. O céu ficara tão escuro que era difícil enxergar. E, então, de repente, um raio cortou as nuvens e atingiu o tapete.

Enquanto Jasmine soltava um grito assustado, Aladdin se viu atirado para fora do tapete. Ele começou a cair, uma mão segurando a lâmpada, a outra estendida em direção ao tapete. Ouvindo o inconfundível bater de asas, ele olhou e se deparou com a fênix logo atrás. O pássaro usou o bico para arrancar a lâmpada da mão de Aladdin. Um instante depois, Jasmine conduziu o tapete para baixo de Aladdin e rapidamente o pegou. Os olhos do rapaz permaneceram na fênix enquanto o animal se dirigia para o palácio.

– Nós temos que voltar – Jasmine disse, seguindo seu olhar. Ambos sabiam que Jafar não podia colocar as mãos naquela lâmpada novamente.

Aladdin sacudiu a cabeça com tristeza.

– Se voltarmos, ele vai nos matar.

– Ele nunca vai parar – disse Jasmine. – Primeiro um sultão, agora um feiticeiro... – Sua voz sumiu quando ambos imaginaram o próximo horror.

– E, muito em breve, apenas ser homem não será suficiente – disse Aladdin. As palavras de fogo e raiva do Gênio reluziram diante dele. Entendia realmente o que o gênio estivera tentando lhe dizer sobre o poder nunca ser suficiente. Não podia deixar Jafar continuar. Tinha de pará-lo. Não só pelo reino, mas pelo Gênio. Tinha de mostrar ao seu amigo que ele não era aquele cara. Podia não passar de um pivete de rua, mas sabia a diferença entre certo e errado. – Tapete – ele chamou, sua voz se elevando com determinação renovada –, pode nos levar de volta por cima do muro?

O tapete, com a trama se desfazendo por causa do relâmpago, assentiu corajosamente. Virando-se para o palácio e as nuvens negras que o envolviam, o grupo se dirigiu para Jafar – e qualquer que fosse o destino a aguardá-lo.

Capítulo Vinte e Um



Enquanto eles voavam e se aproximavam cada vez mais do palácio, o tapete continuava a se desfazer. Agarrando o que sobrara de sua carona mágica, Jasmine e Aladdin prenderam a respiração, esperando que o tapete resistisse tempo suficiente para levá-los em segurança ao palácio. Aladdin mantinha o olhar à frente, mas sua mente estava girando. Sabia que nada deteria Jafar em sua determinação de arruiná-lo, e isso significava machucar aqueles com quem ele se importava, inclusive Jasmine. Mas ele também sabia que não havia como voltar atrás agora.

Com um último suspiro de esforço, o tapete arremessou-os na sacada do palácio. Eles tombaram para a frente, caindo estatelados; abaixo deles, o tapete estava completamente desfeito; Aladdin verificou se Jasmine e Abu estavam bem. Então, ele se virou e seu olhar pousou nos rostos assustados do sultão e de Dália, e no rosto irado de Jafar. Por último, avistou o Gênio. A infelicidade estava estampada em seu rosto, e ainda assim cada centímetro seu transparecia o ser poderoso que era. Não importava o que Jafar fizesse com aqueles que o rodeavam, ele não podia tirar isso do Gênio.

De repente, Aladdin teve uma ideia, que significaria alimentar a necessidade de poder de Jafar. Mas poderia funcionar... e já era alguma coisa, muito melhor do que não ter plano algum.

Jafar olhou para ele.

– Você deveria ter deixado Agrabah quando teve a chance – disse friamente. – Por que voltou? – Enquanto falava, ergueu as mãos. Tanto o sultão quanto Dália levantaram do chão, pairando impotentes vários metros acima da pedra fria da sacada.

As mãos de Aladdin se apertaram quando ele se levantou.

– Voltei para salvar você – disse ele.

Jafar levantou uma sobrancelha.

– Você voltou para *me* salvar? Que comovente. Para quem não passa de um ladrãozinho de rua, você se tem em muito alta conta. Esqueceu que eu tenho a lâmpada? – Como se para provar seu ponto de vista, o feiticeiro levantou a lâmpada e agitou-a diante de Aladdin.

– Você não tem como encontrar o que está procurando nessa lâmpada – disse Aladdin, com os olhos pousados no objeto de latão. – Eu tentei e falhei. – Acrescentou ele com sinceridade. – E você também vai.

Havia tentado com enorme desespero ser digno de Jasmine e de outra vida, e acabou se tornando uma pessoa da qual não sentia orgulho, afastando aqueles que amava, inclusive ela. O Gênio estava certo o tempo todo: desejos não fazem um príncipe.

Jafar não pareceu impressionado com a ameaça de Aladdin.

– Você acha? – ele perguntou. Então, balançou a cabeça. – Não acho que vou fracassar. Posso destruir cidades, posso destruir reinos e posso destruir você. – Mais uma vez, ele ergueu as mãos. Enquanto Aladdin observava, Jasmine se ergueu no ar, juntando-se ao seu pai e à criada. Então, de repente, Aladdin sentiu as pernas saírem do chão enquanto também se erguia no ar. Ele se debateu contra a magia que o puxava na direção de Jafar, mas sem sucesso. O poder do homem como feiticeiro era grande demais. Tudo o que ele podia fazer era se deixar levar pela varanda. Quando estava bem na frente de Jafar, a magia o deixou cair no chão. De joelhos. Satisfeito com a posição de Aladdin, Jafar continuou: – Não acho que preciso de você nem que vou fracassar.

A magia que o trouxera até Jafar agora estava enviando explosões de dor ao longo do corpo de Aladdin. Lutando para não desmoronar, ele olhou para Jafar.

– Quem fez de você um sultão? – ele perguntou. – Quem fez de você um feiticeiro? – Seu olhar se desviou para o Gênio. Seu amigo parecia infeliz, ciente de que não tinha escolha a não ser cumprir o pedido, independentemente do resultado.

Seguindo seu olhar, Jafar soltou uma risada desagradável.

– Ele serve *a mim* – lembrou, com um sorriso de escárnio.

Aladdin encolheu os ombros.

– Por ora... – ele disse. – Mas você nunca terá mais poder do que o Gênio. Você não pode ganhar esse jogo, Jafar. Você ainda é apenas um homem, afinal de contas, e ainda é apenas o segundo homem mais poderoso da sala. – Aladdin parou, na expectativa de ver que efeito suas palavras teriam sobre Jafar.

Não precisou esperar muito. Justamente como Aladdin suspeitava, a ideia de ser apenas um homem quando havia uma opção mais poderosa era demais para Jafar. Ele foi tomado por uma necessidade insaciável por mais. Não suportaria ser o segundo melhor. Não depois de fazer isso por anos, como ele acreditava ter feito.

Olhando para o Gênio, Aladdin viu-o articular com os lábios as palavras “O que você está fazendo?”. Mas Aladdin apenas balançou a cabeça. O Gênio descobriria em breve.

– Apenas um homem... – Jafar repetiu. – Acho que podemos fazer melhor do que isso! Gênio – disse, virando-se para ele –, como meu último desejo, desejo ser o mais poderoso do universo. Mais poderoso do que você!

Aladdin prendeu a respiração. Será que o Gênio compreendera? Será que percebera a intenção de Aladdin? Ele observou o Gênio ali parado, processando o desejo. Então, uma luz brilhou em seus olhos. Aladdin reprimiu um grito de felicidade.

– O mais poderoso – repetiu o Gênio. Ele mordeu o lábio e ficou sério. – Taí uma coisa bastante subjetiva.

– Faça! – Jafar gritou.

O Gênio deu de ombros.

– Saindo o mais poderoso ser do mundo. – Ele ergueu as mãos, e uma fumaça azul começou a encher o ar ao redor de Jafar, cobrindo-o num manto azul. O céu acima do palácio tornou-se mais escuro e, com uma explosão de magia mais poderosa do que qualquer um deles já havia presenciado, o desejo de Jafar se tornou realidade. Ele começou a crescer, esticando até se tornar um enorme gênio. Quando a magia desapareceu e a fumaça clareou, Jafar se elevava sobre todos, cada pulso envolvido com as faixas douradas de um gênio, sua pele agora num tom vermelho demoníaco.

Esticando os braços, Jafar soltou um grito estrondoso.

– Eu posso sentir! – ele disse, e sua voz fez a sacada tremer. – O poder do cosmos correndo

em minhas veias. Eu sou implacável! – Ele levantou as mãos para evocar algo, de modo a demonstrar seus poderes.

Mas nada aconteceu.

Ele tentou novamente.

Nada ainda.

Jafar voltou seu olhar furioso para Aladdin.

– O que você fez? – ele rosnou.

Aladdin encolheu os ombros.

– Não fiz nada, Jafar – disse ele, sem se dar ao trabalho de esconder o prazer na voz. – Foi o seu desejo, não o meu. Um gênio pode ter poderes cósmicos fenomenais... – Ele não terminou, mas fitou o Gênio, que felizmente concluiu por ele.

– Mas acomodações mínimas – disse o Gênio, com um sorriso. – Sabe? Um gênio sem mestre entra na lâmpada. – Ele lançou a Aladdin um sorriso orgulhoso. – Você devia ter dado ouvidos ao garoto.

– *Não! Não!* – Jafar começou a implorar quando percebeu o que estava prestes a acontecer. – Prometo que vou me comportar...

Mas o Gênio o ignorou e, em vez disso, fez uma lâmpada aparecer no ar. Semelhante à sua, mas menor e menos confortável, seria o novo lar de Jafar. Enquanto o novo gênio continuava a gritar e implorar, uma fumaça vermelha começou a jorrar do cano, estendendo-se em sua direção e o agarrando. Em instantes, Jafar e seu estimado papagaio foram sugados pela lâmpada. Com uma nuvem de fumaça, eles sumiram.

Quando o poder de Jafar desapareceu por completo, os céus acima do palácio se puseram a clarear. As nuvens negras se dissiparam, substituídas por outras, tênues e brancas. Os pássaros que haviam parado de cantar, pensando que era noite, começaram a gorjear de alegria. Erguendo a mão, o Gênio baixou Jasmine, o sultão e Dália para o chão. Então, ele ergueu a lâmpada de Jafar, quicando-a de uma mão para a outra, enquanto a mudava de tamanho, sabendo muito bem que, lá dentro, Jafar estava se sentindo muito apertado. Afinal, balançou o braço para trás e magicamente lançou a lâmpada por sobre a cidade de Agrabah, para o deserto além dela.

– Uns dois mil aninhos na Caverna das Maravilhas devem acalmá-lo um pouco – disse.

Ouvindo um chiado triste, o Gênio olhou para baixo, surpreso. Não podia acreditar que alguém estivesse pesaroso por se livrar de Jafar por um bom tempo. Mas não era isso. A seus pés, o Gênio viu Abu segurando o que restava do tapete. Ele fitou o Gênio com olhos desesperados.

– Oh, isso aí está uma bagunça, Abu. Deixe-me cuidar disso para você. – Ele agitou a mão e, em instantes, o tapete estava outra vez inteiro. O tapete fez uma dancinha, voando com alegria para cima e para baixo. Abu soltou um grito de alegria e os dois começaram a perseguir um ao outro em volta da varanda.

Observando-os brincar, Aladdin sorriu. Seu plano funcionara. Tinha consertado as coisas. Mas seu sorriso vacilou quando se virou para onde Jasmine estava, ao lado do pai. Bem, ele consertara *quase* tudo.

O sultão surpreendeu o seu olhar e caminhou até ele lentamente. Aladdin se preparou para ser repreendido por suas mentiras. Mas, para sua surpresa, o sultão lhe estendeu a mão.

– Como posso agradecer a você? – ele perguntou.

Aladdin sentiu o rosto corar ante as palavras inesperadas.

– Não precisa me agradecer. Mas pelo menos pode aceitar minhas desculpas? Lamento ter

mentido para vocês dois. Mas – ele parou e se virou para Jasmine – especialmente para você. Você merece muito mais.

O sultão colocou a mão no ombro de Aladdin, num gesto de solidariedade.

– Somos apenas humanos... *Todos* nós cometemos erros.

Sentindo o olhar de Jasmine sobre si, Aladdin ficou sem jeito, ali parado. O sultão podia ter aceitado seu pedido de desculpas, mas ele ainda se sentia envergonhado. Abaixando a cabeça, foi ficar ao lado do Gênio.

– Anime-se, Al – disse o Gênio. Era óbvio que perdoara Aladdin por sua parte na terrível confusão. – Nós podemos endireitar tudo. Último desejo. Realeza era a ideia certa, por isso devíamos insistir nisso. Eis no que estou pensando... – Ele parou e colocou um dedo no queixo.

– Aladdin, príncipe guerreiro, um coração nobre numa terra onde os ladrões são ferozes. Você gosta? – Esperou para ver a reação de Aladdin. Como ele não se mexeu, o Gênio deu de ombros e pressionou-o. – Último desejo, vamos lá. Concentre-se, capriche, o Gênio vai atender você.

Aladdin assentiu. Pensara muito sobre seu último desejo. Queria desejar algo real, algo que contasse. Que tivesse significado. O desejo era óbvio. Olhando para o Gênio, sorriu.

– Então, como meu terceiro desejo...

O Gênio estalou as juntas das mãos, se preparando para fazer acontecer.

– Pense grande desta vez... Vamos fazer isso por você...

– Eu desejo... – Aladdin começou – ... libertar você, Gênio.

Capítulo

Vinte e Dois



– O que você disse?

Aladdin sorriu quando o Gênio interrompeu sua magia e o fitou. Seus olhos estavam arregalados, sua pele azul brilhava. Antes que Aladdin pudesse repetir as palavras, a magia do desejo se adiantou. Houve uma nuvem de fumaça e, então, num piscar de olhos, o Gênio se tornou um homem normal. Não mais azul, não mais descomunal, ele se transformou em homem e, ao fazê-lo, as algemas de ouro que o marcaram como gênio por milhares de anos caíram de seus pulsos.

Ele estava livre.

– Oh, oh, alguma coisa está acontecendo – disse o Gênio, quando a realidade do que Aladdin fizera começou a atingi-lo. Ele olhou para o amigo. – Diga-me que faça alguma coisa.

– Traga-me um pouco de geleia – disse Aladdin.

O Gênio soltou um grito de alegria quando o pedido não o obrigou a fazer – ou buscar – qualquer coisa.

– Pegue você mesmo a sua geleia! – ele gritou, e sua alegria óbvia fez Aladdin sorrir. O Gênio agarrou Aladdin em um enorme abraço de urso, levantando-o e girando-o. – Obrigado! – ele disse. Então, baixando-o de volta, seus olhos adquiriram uma expressão grave. – Agora é sério: obrigado de verdade.

– Não, Gênio – disse Aladdin, balançando a cabeça. – Obrigado *a* você por tudo. – Ele fez uma pausa. – O que vai fazer agora?

– Eu não sei – o Gênio respondeu após um instante. – Tudo o que eu sempre quis foi a liberdade de escolha. Sempre quis viajar, ver o mundo. – Ele parou e olhou na direção de Dália. – E tem uma certa criada que eu adoraria que viajasse pelo mundo comigo, se ela me quiser. – Lançando outro sorriso a Aladdin, o Gênio se virou e foi até Dália.

Aladdin ficou observando enquanto o Gênio inclinou a cabeça para Dália e sussurrou algo em seu ouvido. A criada soltou uma risada alegre, seus olhos brilhando. Observando o par, Aladdin sorriu com tristeza. Ele tinha desistido de sua chance de felicidade, mas, mesmo que o pensamento de um futuro sem Jasmine doesse, ele não teria agido diferente. Inclinando-se, colocou a lâmpada no chão. Abu, que enfim parara de brincar com o tapete, pulou em seu ombro.

– Vamos, Abu, vamos para casa – ele disse suavemente.



Jasmine também observava Dália e o Gênio com uma mistura de felicidade e inveja. Enquanto os dois sussurravam no ouvido um do outro, Jasmine sentiu lágrimas arderem nos olhos. Chegara tão perto da própria felicidade e, depois, ainda mais perto de perder tudo. Agora, não sabia o que sentir ou fazer. Sentindo uma mão gentil em seu braço, ela se virou e encontrou seu pai olhando para ela.

– Sinto muito, querida – disse ele, sua voz rouca de emoção.

– Está tudo bem, Baba – respondeu Jasmine. – Você não precisa...

Seu pai levantou a mão, interrompendo-a.

– Por favor, deixe-me terminar. – Ele respirou fundo. – Tudo o que eu queria para você é que estivesse segura e feliz, que nunca sentisse dor como senti. Você é meu amor, meu orgulho, meu universo. Tenho medo de perder você, como perdi sua mãe. – As lágrimas que Jasmine segurava começaram a cair enquanto ouvia as palavras do pai, ouvindo também, pela primeira vez, todas as coisas que queria ouvir desde a morte da mãe. O sultão, com os olhos marejados, continuou: – Eu só enxergava a minha filhinha que eu queria proteger, não a mulher que se tornou. Você me mostrou grande coragem e força enquanto a minha está desaparecendo. Você está certa. Esta não é a Agrabah que sua mãe queria. Você é o futuro de Agrabah, uma verdadeira líder. – Ele parou, tirando o anel que pertencera a seu pai e ao pai de seu pai, todos ex-sultões. O anel que era mais simbólico para Jasmine do que qualquer coroa ou trono. Devagar, ele o entregou a ela. – Você será a próxima sultana de Agrabah.

Jasmine fitou o anel; seu coração se encheu de orgulho e amor enquanto aceitava o objeto e tudo o que ele significava.

– Obrigada, Baba, mas a minha maior honra será sempre ser sua filha.

O sultão assentiu. Puxando-a para um abraço, ele a apertou com força. Por um longo instante, filha e pai apenas ficaram ali parados, aproveitando o momento de paz depois de tudo o que tinham passado. E, no entanto, enquanto estavam assim, Jasmine não pôde deixar de pensar que havia outra pessoa que ela desejava desesperadamente ver, alguém mais com quem queria compartilhar suas novidades – e seu futuro. Como se lesse seus pensamentos, o sultão se afastou.

– Vá encontrá-lo – disse ele.

Desviando a atenção um do outro por um momento, Dália e o Gênio olharam para ela.

– Vá... vá – eles a apressaram.

Jasmine não precisou que repetissem. Saiu em disparada, fazendo seus pés voarem pelos corredores e escadas. Irrompeu no pátio do palácio. Freneticamente, olhou em volta, na expectativa de ver Aladdin. Mas o jardim estava vazio. Sabia que ele estava indo para casa, mas não havia saído tanto tempo antes dela. Não poderia ter ido muito além do portão. O portão! Mais uma vez, Jasmine saiu correndo, só que dessa vez seus pés a levaram para a entrada principal.

Os olhos de Jasmine passaram pelas diversas pessoas que entravam e saíam de Agrabah. E então ela os viu: Aladdin, Abu e o tapete estavam do lado de fora dos portões. Aladdin andava devagar, olhando para algo em sua mão. Rapidamente, Jasmine se aproximou e pôs-se a caminhar atrás deles. Quando espiou por cima do ombro de Aladdin, o coração de Jasmine quase explodiu ao ver o que ele estava segurando: seu grampo de cabelo. Ele o tinha guardado esse tempo todo.

Sorrindo, ela alcançou o trio.

– Pare! Ladrão! – ela disse.

No mesmo instante, Aladdin parou. Virando-se ligeiro, viu Jasmine. Ela estava sem fôlego e suas bochechas estavam enrubescidas, mas Aladdin tinha certeza de que nunca parecera tão bonita.

– Estou encrencado? – perguntou ele.

Jasmine apontou com o queixo o grampo de cabelo.

– Só porque você foi apanhado – respondeu ela num tom de brincadeira.

– Eu não pretendia ficar com ele! – Aladdin disse. Mas ele e Jasmine sabiam que não era verdade. Agarrando-a, Aladdin a puxou para mais perto. Seus narizes se tocaram e, então, com muita gentileza, ele baixou a boca para a dela. E, com esse beijo, eles por fim roubaram o coração um do outro. Total e completamente.

Da varanda, o Gênio viu seu amigo enfim conquistar a garota. O sultão viu sua filha encontrar seu verdadeiro amor. Trocando um olhar, os dois homens sorriram. Com Jasmine como sultana e Aladdin ao seu lado, o futuro de Agrabah era dourado.

Epílogo



SETE ANOS DEPOIS

– Mas para onde foi o Gênio, Baba?

Barro elevou o rosto em busca de olhar o pai enquanto o homem terminava sua história e conduzia o barco para o porto. A cidade além estava vibrante e viva. As ruas e o mercado se agitavam. Os navios entravam e saíam carregando ricas sedas e frutas e legumes coloridos. Atracando sua embarcação, o marinheiro não respondeu ao filho de imediato.

Lindy o pressionou.

– A princesa Jasmine e Aladdin se casaram?

Finalmente, o marinheiro olhou para seus filhos.

– Sim, sim, eles se casaram em uma celebração esplêndida, que foi aberta a todos. – Ele apontou para uma carruagem dourada que rodava ao longo das docas. – Nenhum interesse em quem vai ali dentro? – perguntou.

Barro deu de ombros.

– Aparência não é tudo, Baba – disse ele, saindo do barco e sentando-se no cais. Era estranho não ter o sacolejar do barco embaixo dele, e o menino estendeu a mão para se equilibrar em terra firme.

– Não seja tão manhoso – Lindy concordou quando ela e sua mãe desceram pela prancha de embarque e se juntaram a Barro.

Percebendo que seus filhos estavam ficando impacientes, o marinheiro levantou as mãos. Eles teriam um lugar para ficar muito em breve.

– Ok, tudo bem – disse ele, pronto para terminar sua história. – Então, o Gênio partiu para ver o mundo com a mulher que ele amava, mas enfim retornou a Agrabah. E sabe o que Aladdin disse assim que o viu?

– O quê, Baba? – Barro e Lindy perguntaram, inclinando-se para a frente com expectativa.

– Eu disse a ele: nunca tive um amigo como você – falou outra voz.

Girando rápido, as crianças olharam para cima e encontraram Aladdin e Jasmine parados atrás deles. No ombro de Aladdin, Abu sentava-se, mastigando uma maçã, parecendo exatamente como era sete anos antes, na Caverna das Maravilhas, só que um pouco mais gordinho.

Com uma risada, Aladdin deu um passo à frente, jogando os braços ao redor de seu amigo. Barro e Lindy olharam de um lado para o outro, entre seu pai e Aladdin e Jasmine, boquiabertos. Afinal, Barro sacudiu a cabeça.

– Isso significa – concluiu ele, olhando para o pai – que *você é o Gênio?*

– E *você* é a criada, mamãe? – Lindy perguntou, com os olhos arregalados. Então, olhou para Jasmine. – E *você* é a princesa?

Dália sorriu para a filha.

– Na verdade, ela é a sultana, agora.

Jasmine olhou para Dália e as velhas amigas trocaram um olhar feliz. Inclinando-se, ela se aproximou de Lindy e Barro.

– Eu sou Jasmine. E sua mãe é minha melhor amiga. – Então, ela se levantou e olhou para seu outro querido amigo, o marinheiro. – Espero que sua chegada signifique que *você* aceita nossa oferta?

O marinheiro deu de ombros.

– Não somos nós que *vocês* têm que convencer.

– Ah, entendo... – Aladdin disse. Dessa vez, foi ele quem se dirigiu às crianças. – *Vocês* gostariam de vir morar conosco? – Ele ergueu uma velha lâmpada e sorriu maliciosamente. – É melhor do que viver aqui dentro.

O marinheiro balançou a cabeça.

– Não, obrigado, vi mais do que o suficiente dessa coisa. – Ele se virou para Lindy e Barro e levantou uma sobrancelha. – Crianças?

Barro estendeu a mão, pegou a lâmpada e começou a esfregar a lateral dela. Como nada aconteceu, ele pareceu desapontado.

– Não funciona – queixou-se. – Não há um gênio nela.

O marinheiro pegou a lâmpada de seu filho.

– *Você* não precisa de um gênio para realizar os seus desejos – disse ele. Sua voz estava cheia de emoção quando olhou para o filho e depois para seus amigos e familiares reunidos.

– Não é justo.

A pequena voz de Lindy era quase inaudível na agitação da doca. Mas o marinheiro a ouviu. Ajoelhando-se, ele colocou suas mãos grandes nos pequenos ombros dela.

– O que não é justo? – perguntou.

– *Você* fez tudo para todo mundo e nunca realizou desejos para si mesmo – disse Lindy tristemente.

O marinheiro balançou a cabeça e puxou sua doce filha para um abraço. Como ela estava errada! Ele tinha conseguido tudo o que poderia ter desejado – e mais.

– Tenho meus três pequenos desejos realizados aqui mesmo – disse ele, recuando e enxugando a lágrima que deslizou pela bochecha de Lindy. Não havia mais nada no mundo que ele pudesse querer ou precisar além daquilo que tinha diante de si.

De pé, o marinheiro se virou e colocou um braço em volta de Dália. Então, observou Jasmine gesticular para que todos subissem no tapete. Olhando adiante, o marinheiro encontrou o olhar de Aladdin. Ele assentiu. Aceitaria com alegria a oferta de seu amigo de morar em Agrabah. Como poderia não aceitar? Já tinha viajado o globo todo com as pessoas que mais amava no mundo. Seu desejo era conseguir a liberdade, e o de Aladdin, encontrar a felicidade com Jasmine. Os desejos de ambos se tornaram realidade. Então, agora, tudo o que restava era viverem felizes para sempre.